



DOLORES REYES COMETERRA

Tradução de Elisa Menezes



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

COMETERRA



DOLORES REYES COMETERRA

Tradução de Elisa Menezes



© Moinhos, 2022.

Cometierra © Dolores Reyes, 2019.

Originalmente publicado por Editorial Sigilo S.L. c/o Indent Literary Agency

Edição: Camila Araujo e Nathan Matos

Revisão: Camila Araujo e Nathan Matos

Capa: Sergio Ricardo

Projeto Gráfico e Diagramação: Nathan Matos

Tradução: Elisa Menezes

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
R457c

Reyes, Dolores

Cometerra / Dolores Reyes ; traduzido por Elisa Menezes. Belo Horizonte : Moinhos, 2022.

168 p. ; 14cm x 21cm.

Tradução de: Cometierra

e-ISBN: 978-65-5681-101-7

1. Literatura argentina. 2. Romance. I. Menezes, Elisa. II. Título.

2022-3

CDD 868.99323

CDU 821.134.2(82)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura argentina : Romance 868.99323

2. Literatura argentina : Romance 821.134.2(82)-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

www.editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

[Facebook.com/EditoraMoinhos](https://www.facebook.com/EditoraMoinhos)

[Twitter.com/EditoraMoinhos](https://twitter.com/EditoraMoinhos)

[Instagram.com/EditoraMoinhos](https://www.instagram.com/EditoraMoinhos)



Obra editada en el marco del Programa Sur de Apoyo a las Traducciones del Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto de la República Argentina

Obra editada no âmbito do Programa Sur de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina

À memória de Melina Romero e Araceli Ramos.
Às vítimas de feminicídio, às suas sobreviventes.

tu que só tens palavras doces para os mortos

Leopoldo María Panero

Ninguém sabe o que pode um corpo.

Baruch Spinoza

- Os mortos não ficam com os vivos. Você precisa entender.

- Não me interessa. Mamãe fica aqui, na minha casa, na terra.

- Já chega. Está todo mundo esperando.

Se não me ouvirem, engulo terra.

Antes engolia por mim, pela raiva, porque os incomodava e sentiam vergonha. Diziam que a terra é suja, que a minha barriga ia inchar feito um sapo.

- Levanta logo. Vai se lavar um pouco.

Depois comecei a comer terra por outros que queriam falar. Outros que já se foram.

- O cemitério serve para quê? Para enterrar as pessoas. Se veste.

- Eu não ligo para as pessoas. Mamãe é minha. Mamãe fica.

- Você parece um bicho. Nem penteou o cabelo.

Olho para o cômodo, as paredes de madeira que mamãe queria cobrir por dentro com tijolos. As chapas do telhado, tão altas, cinza. O chão, minha cama e o canto do quarto onde ela se deitava para dormir quando o velho ficava de ovo virado.

“Ninguém vai ficar nesse canto”, penso, e cubro a cabeça com o travesseiro. Mamãe me penteava, mamãe

cortava meu cabelo.

- Você quer ir arrastada? Para de ser criança. Você devia ter vergonha de fazer manha hoje.

Eu me levanto de um pulo, o cabelo cobre quase toda a minha regata, uma cortina que chega a raspar a calcinha. Me agacho. Procuro os tênis, a calça de ontem que deve estar jogada por aí. E guardo as lágrimas para mim, e tudo o que sobra é uma fúria que parece me paralisar.

Para ir ao banheiro tenho que sair do quarto. Passar por pessoas que rondam minha casa feito moscas. Vizinhos intrometidos, que fumam e falam bobagens.

O Walter deve ter se rebelado. Ninguém o tira daqui.

Nunca mais mamãe e eu.

Visto a calça, coloco a regata para dentro. Abotoo, subo o fecho, os olhos cravados na minha tia. Vamos ver se ela para um pouco de me encher o saco.

Se me levanto, se saio do quarto e caminho atrás dessas mãos que carregam o corpo no tecido, é porque estou farta. Porque quero que eles saiam de uma vez.

O Walter não quer vir.

Não quer vê-la em silêncio cair no buraco aberto no cemitério, nos fundos, onde ficam os túmulos dos pobres. Nem lápides, nem bronzes. Antes do canavial, uma boca seca que a engole. A terra, aberta como um corte. E eu tentando detê-la, fazendo força com meus braços, com esse corpo que nem chega a cobrir a largura do poço. Mesmo assim mamãe cai.

Minha força é pouca, não muda nada.

A terra a envolve como os golpes do velho e eu colada ao chão, perto como sempre desse corpo que é arrancado de mim como num assalto.

Enquanto isso, as vozes rezam.

Para quê? Se no final resta apenas a terra remexida.

Nunca mais mamãe e eu.

Entra. Eles a cobrem. Orelha na terra, espio. Ainda consigo respirar. Achei que não, que minhas costelas estavam afundando e arranhando meus pulmões.

Guardo o som desse lugar em meus pesadelos, um desperdício de dor e pestilência.

Até o sol me confunde, sangrando a minha pele quente. E os olhos ardendo, como se alguém tivesse derramado ácido em mim, lutam para não chorar.

Um amarelo-lixo, febre, ou um cinza, cinza-chapa, a dor cinza-doente. Só a dor parece nunca morrer.

Vão te deixar aqui, mamãe, todos, apesar de eu não querer. Apesar das minhas mãos não deixarem, você vai ficar.

Não há muito o que eu possa fazer, apenas engolir a terra deste lugar, e que a terra desconhecida de um cemitério em que jamais pisamos, mamãe ou eu, não seja mais uma inimiga.

Ela fica aqui e eu levo um pouco desta terra em mim, para saber, às escuras, meus sonhos.

Fecho os olhos para apoiar as mãos na terra que acaba de te cobrir, mamãe, e tudo fica escuro para mim. Fecho os punhos, agarro e a levo à boca. A força da terra que te devora é escura e tem gosto de tronco de árvore. Eu gosto, ela me mostra, me faz ver.

Amanheceu? Não. É o sol que queima meus olhos e a pele.

A terra parece me envenenar.

Eles dizem:

- Levanta, Cometera, levanta de uma vez. Solta, deixa ela ir.

Mas eu mantenho os olhos fechados. Luto contra o nojo de engolir mais terra. Não consigo, não vou embora sem ver, sem saber.

Alguém diz:

- Eles não têm grana nem para o paletó de madeira?

E me obriga a abrir os olhos.

Mamãe, você vai para o buraco em um pano que é quase um trapo.

Quem vai falar comigo agora? Sem você não sou nada, não quero ser. A terra vai falar comigo? Ela já fez isso:

Bateram nela. Vejo as pancadas apesar de não as sentir. A fúria dos punhos afundando na carne como poços. Vejo meu pai, mãos iguais às minhas, braços fortes para aquele punho que físgou seu coração e sua carne como um anzol. E algo, como um rio, que começa a ir embora.

Morrer, mamãe, e se separar de nós dois ainda jovem.

- Levanta, Cometera, levanta de uma vez. Solta, deixa ela ir.

PRIMEIRA PARTE

O Walter foi bom, diferente da tia. Ele se sentava na minha cama, ouvia, falava pouco. Não se irritava quando às vezes eu pegava o travesseiro e dormia no chão, embaixo da cama, como se as ripas e o colchão fossem o teto de uma casa só para o meu corpo. Ficava ali, horas comigo. Esperando.

Eu ouvia os barulhos da casa, crescia.

Às vezes meu irmão perguntava pelo papai. “O velho”, dizia ele. Queria saber se ele tinha vindo, se eu havia cruzado com ele de novo.

- Não sei nada do papai. Pergunto à terra?

- Não - dizia sempre o Walter -, vai te fazer mal.

Uma tarde esperei a tia ir comprar alguma coisa para comer e saí. Procurei o Walter no quarto ao lado. Tinham tirado a cama de casal.

“Estou sozinha - pensei. - E se o Walter e a tia não voltarem mais?”

Fui até a cozinha e abri uma lata de ervilhas. Tive pena de desperdiçá-las, então esvaziei a lata em cima da mesa. Um líquido viscoso foi se espalhando a partir do montinho central. Senti vontade de comer, mas não. Precisava da barriga vazia. Fui pegar uma faca e quando abri a gaveta vi o abridor de garrafas do meu velho.

Para perguntar à terra precisava de alguma coisa dele, e minha tia e o Walter o foram apagando da casa e da minha vida. Nem a cama tinham deixado. Peguei o abridor na gaveta e fiquei olhando para ele. Então, feliz como se tivesse um tesouro, guardei-o no bolso do short.

Saí de casa, descalça, os cabelos soltos, o abridor de garrafas em um bolso, a lata vazia em uma das mãos e a faca na outra.

Eu me sentei no terreno, passei a mão pela terra, finquei a faca e puxei. Gostei. Finquei a faca de novo, mas desta vez não a puxei, tentei girá-la, ir abrindo e soltando a terra aos poucos. A terra é forte, mas me deixou. Quando começou a se abrir, apoiei a mão e a fechei. Terra dentro do meu punho. Coloquei-a em cima do short. Fui juntando a terra ali, enquanto a afofava com a faca e a mão. Depois tirei do bolso o abridor do meu velho e o enfiei no buraco. Coloquei-o em pé, no centro, e fui devolvendo a terra aos punhados até cobrir bem. Limpei as mãos no short e nas pernas.

Sentada, meu cabelo ia até o chão. Tinha a cor daquele solo em que vivia.

Queria que aparecesse alguma coisa, nem que fosse um inseto, para me fazer companhia, mas isso não aconteceu. Esperei assim mesmo, olhando para as mãos, as pernas e a faca. Depois peguei tudo, terra e abridor de garrafas, e pensei na última vez em que tinha visto meu velho abrindo uma cerveja.

Pensar nisso me doeu. Com raiva, enfiei tudo na lata.

Fiquei de pé e fui para dentro. Uma parte do caldo das ervilhas tinha escorrido até o chão. Puxei uma cadeira e me sentei. Estava com a lata em uma das mãos e a outra com a palma aberta para cima. Quis esvaziar um pouco de terra na mão aberta mas foi tudo junto, terra e abridor. Uma parte da terra escapuliu para o chão. Levei o resto até a boca e comi com toda a vontade que tinha de ver o meu pai de novo. Enchia a língua, fechava a boca e tentava engolir. Sentia que a terra deixava de ser uma coisa na minha mão para ser algo vivo, terra amiga em mim, e continuei comendo. Quando não havia mais nada, sobrou o abridor de garrafas. Passei a língua nele até deixá-lo limpo.

E quando minha barriga ficou pesada de terra, fechei os olhos.

- Papai está vivo - disse depois ao Walter e à tia, quando os vi parados olhando para mim. Pensei que fossem ficar contentes, mas não. Ficaram mudos. Parecia que estavam congelados. Eu saí correndo e abracei o Walter.

- Que merda você fez, sua idiota? - disse minha tia me agarrando pelo braço para me separar do meu irmão.

- Walter, papai está vivo - repeti enquanto ela me puxava para trás.

Meu irmão se aproximou de mim outra vez e me pegou pela mão. Me levou até o banheiro, lavou as minhas

pernas com uma esponja, deixou a torneira aberta. Enquanto limpava os meus braços e mãos, o Walter me fez prometer que nunca mais comeria terra.

Quando prometi, meu irmão fez um carinho na minha cabeça. Não sabia se ele estava mais alto ou se era eu que assim, com a mão dele em cima, ficava menor.

- Agora escova os dentes - disse ele antes de me deixar sozinha no banheiro.

Eu me olhei no espelho e sorri: meus dentes estavam sujos de barro. Lembrei-me do papai fumando seus cigarros, do cheiro e da escuridão em sua boca, e pensei que eles queriam esquecê-lo e que talvez fosse melhor mesmo. Abri a torneira outra vez, enfiei a escova embaixo da água, coloquei um pouco de pasta, molhei tudo e comecei a escovar os dentes.

Voltei para a cozinha e quis fazer uma última tentativa:

- Seu irmão está vivo.

A tia se virou e olhou para mim furiosa. Tirou o maço de cigarros do bolso do jeans.

- Sua imunda. Se eu te pegar comendo terra de novo queimo a sua língua com o isqueiro.

Fiquei tão assustada que por um tempo não quis nem pisar na terra, por isso evitava sair descalça. Quando sentia vontade de comer terra, mandava para dentro a comida bem quente, do jeito que a tia a tirava do fogo. Não esperava. Enchia a boca e sentia a pele do céu da boca se encher de bolhas. A língua queimando me

obrigava a tomar um copo de água atrás do outro. Enchia a barriga e a vontade de comer terra passava. No dia seguinte, mal comia, mal conseguia falar.

Com o tempo, pararam de nos sacanear. Nada mais de terra dentro da minha mochila sujando os cadernos, acompanhada de risos abafados. Nem papéis de alfajores, daqueles que eu queria comprar e não podia, recheados de terra em cima da minha cadeira. Apenas alguns olhares de vez em quando, e muito silêncio.

E, sem a terra, ficou tudo bem.

Até que a professora Ana não veio mais.

2

Procuraram por ela, disseram, atrás do canavial.

Eu não.

Eu olhava para o canto do pátio onde ela parava para ver o Walter e os outros garotos jogando futebol. Ela não queria nenhum dos pirralhos subindo na árvore dos fundos porque poderia cair.

Eu esperei.

E quando a polícia parou de procurá-la entre o mato e as casinhas, perto do córrego, eu a procurei na beira do pátio, na terra onde ela pisava suas lindas botas para nos ver brincar.

Eu não sentia mais o impulso e não sabia se ainda conseguia ver, mas passava as mãos pela terra pensando que ela não aparecia. Não queria perdê-la. Pensava na professora Ana viva. Na professora Ana rindo. Então cerrei o punho tentando fazer com que algo dela entrasse em minha mão, em minha boca.

Apesar de todo mundo dizer que o jaleco branco era lindo, para mim sempre foi uma merda. Sujava. O meu estava cheio de terra perto dos punhos. O colarinho e a parte da frente ficaram um nojo.

Na volta para casa, pensei na tia fumando e em seus isqueiros. Quando cheguei, tirei o jaleco, o enrolei e o escondi entre as plantas. Disse à tia que o havia perdido

na escola, que fui obrigada a tirá-lo para a aula de educação física.

- Olha, garota, eu estou perdendo a paciência - respondeu. - Vim cuidar de vocês porque a sua velha morreu, porque meu irmão não está, mas vocês não me ouvem.

Ela continuou cozinhando no fogão e eu já não sabia se estava falando comigo ou com ela mesma:

- Não gosto de crianças, nunca tive nenhuma.

Fui para a mesa esperando que ela esquecesse e não a ouvi mais. Pouco depois o Walter chegou e se sentou comigo. O Walter, quando estava cansado, se esparramava com as pernas abertas.

A tia veio do fogão com uma panela.

- Vai pegar os pratos - disse ela ao Walter. - E você, três copos e três garfos.

Quando nós íamos nos levantar a tia colocou a mão no meu pulso e disse:

- Dá próxima vez que não me obedecerem, já era, entenderam?

- Aquela lá, sentada ao lado da janela desenhando, deve vir comigo - disse o bedel no dia seguinte na escola. Tinham mandado me chamar. Eu sequer falei com ele. Sabia que estava encrencada. Peguei o desenho com as duas mãos e o segui até a diretoria. Todos olhavam para mim.

Minha tia estava lá. Não fazia ideia de nada. Tinha ido reclamar por causa do jaleco perdido.

- O que foi? - perguntei. - Por que está me olhando assim?

Essa é última vez que me lembro dela olhando para mim porque, quando viram o desenho, ela e a diretora se esqueceram de mim.

Era a professora Ana, o rosto dela assim, do jeito que eu lembrava, mas não como quando ela estava na escola. Eu a havia desenhado como a terra me mostrou: nua, com as pernas abertas e meio dobradas para os lados, o que fazia seu corpo parecer menor, como se fosse um sapinho. E as mãos para trás, amarradas a um dos postes do galpão onde umas letras pintadas em uma placa diziam "Depósito Panda".

- Que merda você tem na cabeça para comer terra na frente da escola toda? - disse minha tia depois, em casa, antes de me dar um tabefe.

Quando o corpo da professora Ana foi encontrado no dia seguinte no terreno do Depósito Panda, a tia foi embora. Nunca mais o Walter e eu tivemos notícias dela.

3

Eu não ia mais à escola.

Éramos o Walter, seus amigos, que entravam e saíam, e eu.

Eu passava metade do dia jogada na cama ou no sofá que ficava perto da porta. Meu irmão tinha arrumado um trampo numa oficina mecânica. Às vezes, quando ele saía para trabalhar, eu estava deitada no sofá. Quando ele voltava eu continuava lá, olhando para a ponta dos pés.

Pensando: “Por que eu, terra?”.

O Walter nunca me dizia nada. Ao meio-dia trazia alguma coisa para comermos juntos e saía de novo para a oficina. Ele estava preocupado porque eu tinha largado a escola, mas não podia fazer nada além de se preocupar. Metade dos garotos do bairro tinham largado também. Mas eu nem trabalhava nem tinha engravidado. Não fazia nada além de ficar jogada e varrer um pouco a casa para evitar que algo, não sei o quê, a invadisse.

Os únicos que nos visitavam eram os amigos do Walter. Depois de cinco meses de trabalho, meu irmão comprou um PlayStation e todos os fins de semana eram um festival: amigos, PlayStation e pizza. Tevê nós já tínhamos, mas haviam cortado o cabo. Nós nunca mais o ligamos, então ela só servia para jogar.

Eles só tinham uma preocupação: o futebol. Quando tinha jogo os garotos iam para casa do Hernán e eu ficava sozinha. Hernán era o único amigo do meu irmão que me dava bola. Começou a trazer música para mim, cds piratas que ele colocava no próprio PlayStation. Eu dizia “oi” e “obrigada”, não muito mais, e ele, umas duas vezes, me disse: “Com música você nunca está sozinha”.

Eu tinha dificuldade para dormir. Por não fazer nada, acabava cochilando várias vezes durante o dia e depois, à noite, olhos abertos, ficava rolando de um lado para o outro, pensando.

Comecei a pegar cervejas da geladeira, abrir e beber. Eu tinha guardado o abridor de garrafas do meu velho – a única coisa que me restava dele – e sempre o carregava em algum bolso. A cerveja era como o abraço de uma manta grossa que me cobria inteira, sobretudo a cabeça.

Eu só via o velho em sonhos. Acordava e não voltava a dormir, então ouvia até o fim toda a música que deixavam para mim. Havia uma pilha de doze cds. A metade dizia “coletânea” e tinha alguma garota de fio-dental na capa. Eu ficava olhando para essas capas, mas metia no PlayStation algum dos outros cds. Gostava mais deles. Quando a cerveja acabava, a música continuava e eu adormecia.

O Walter não se dava conta porque eu nunca bebia com eles. Mas numa manhã ele me encontrou dormindo

com duas garrafas vazias ao pé do sofá. Meu irmão não ficou bravo.

- Estou te deixando sozinha - disse, e se sentou comigo.

Minha cabeça doía como se fosse explodir.

Quando ele me acordou, eu ainda sentia a tontura, que me obrigou a medir cada passo até o banheiro, e a vontade de vomitar, que estrangulava o meu estômago.

Ficamos conversando por um tempo. Ele me contou o que tinha feito na noite anterior e eu senti que não tinha nada para contar, mas gostava de o Walter estar lá comigo.

Eu não tinha uma família, eu tinha o Walter.

Ficamos umas duas horas no sofá até que ouvimos palmas. Alguém estava chamando na grade dos fundos do terreno. Não dava para enxergar direito, então nós dois saímos. Fazia tempo que eu não andava descalça do lado de fora. Sentir o frio e a umidade da terra em meus pés me fez mais bem do que lavar a cara cem vezes.

Quando nos aproximamos dela, a mulher que tinha batido palmas falou:

- Eu vim pedir.

Meu irmão e eu nos entreolhamos e eu senti a cabeça explodir de novo, como se aquela voz fosse mais uma bebida. Nenhum de nós dois reagia e ela não parecia disposta a ir embora. A mulher usava roupas elegantes.

- Abre - disse ao Walter, e meu irmão passou na minha frente para abrir o cadeado.

- Pedir o quê? - perguntei à mulher quando ela entrou.

- Ajuda. Vim pedir a sua ajuda.

Entramos. A casa estava um nojo. Parecia a toca de algum bicho de tão escura, mas a mulher só tinha olhos para mim. Ela se sentou, sem falar. Estava esperando, como se estar ali, sentada perto de nós, fosse uma parte importante do que viera fazer.

Quando meu irmão foi até a cozinha esquentar a chaleira para o mate, ela me perguntou:

- Você adivinha?

Falou baixinho, como se fosse um segredo.

- Não.

- Não mente para mim. Você adivinha?!

"Que velha chata!", pensei. Não me agradava, mas a pergunta dela me obrigou a pensar em mim. Eu nunca tinha pensado que o que eu fazia era adivinhar. Adivinhar era algo estranho, como acreditar que podia acertar o número da loteria. Nada a ver com fechar os olhos e ficar diante de um corpo nu na terra.

- Não. Antes eu via, mas agora não.

- Tentou recentemente?

Como o Walter tinha acabado de voltar, não respondi. Como é que ela sabia da gente? Mas a sujeita não calava a boca. Dizia que precisava da nossa ajuda, que tinha ouvido falar que aqui, na casa, morava alguém que

conseguia ver, que ela tinha dinheiro e estava disposta a pagar bem.

- Não precisamos de dinheiro - respondi.

- Mas eu preciso de você.

Hernán entrou empurrando a porta. Não tínhamos colocado o cadeado de volta no portão e ele foi entrando. Trazia um cd novo. Fiquei em pânico pensando se ele tinha ouvido a mulher falar em adivinhação.

Fiquei paralisada e o Walter, como se sentisse o mesmo, mandou-a embora.

Antes de ir, a mulher se agachou, colocou de pé as duas garrafas vazias que estavam jogadas ao lado do sofá e disse:

- Menina, se você engole toda essa porcaria sem motivo, será que não pode comer um pouco de terra porque alguém precisa?

Tive vontade de quebrar a cara dela, mas não me mexi. Para o Hernán eu não quis nem olhar. Enquanto observava a mulher cruzar o terreno para ir embora, respirei fundo e fui soltando todo o ar, devagar, e fiquei vazia. Quando o Walter colocou o cadeado no portão outra vez, respirei.

Hernán colocou o cd no PlayStation. A música começou a tocar.

4

Eu acho é que ela ficou esperando o Walter ir embora, sozinha, caladinha. Sem se mexer. Uma mulher que procurava seu filho tornando-se invisível como um gato que caça uma pomba.

Eu a entendia, ela estava procurando alguém.

Tinha começado a notar que os que procuram uma pessoa têm algo, uma marca perto dos olhos, da boca, a mistura de dor, raiva, espera, transformada em corpo. Algo quebrado, onde vive aquele que não volta.

Abri para a sujeita e a fiz entrar. Ela se sentou na minha frente. Colocou uma lata redonda na mesa e ficou me olhando. Nem piscava. O que seria? Grana? Chocolates? Pensei que era típico dos ricos fazer algo assim, enfiar um montão de dinheiro e chocolates em uma lata e esfregá-la na sua cara para que você diga sim, mesmo que não queira.

Eu não gostava daquela sujeita.

Ela começou a falar. Disse que para o marido, nunca, era nada; que um garoto pode se atrasar um pouco, que pode sumir. Era assim antes, quando Ian tinha dois anos e ainda não andava, e a mesma coisa agora, que ele tinha dezesseis e não havia voltado para casa.

Eu não queria ouvi-la, nem por todo chocolate do mundo. Mas ela continuou: que a ausência ia matá-la,

que sentia uma dor na carne mais forte do que quando o menino nasceu.

- Ian - disse -, meu filho. Ele nunca fez mal a ninguém, sabe? Não podia.

Tive medo de que ela não se calasse nunca e a cortei.

- O que tem na lata?

- Terra.

Eu não queria, mas a sujeita abriu a lata e a deixou aberta, para que a lembrança da terra me desse água na boca. A terra escura brilhou lá dentro e algo em mim lhe respondeu sem palavras.

Eu não queria, mas meu corpo sim. Toquei nela como se fosse tudo. Puxei-a para mim sem tirá-la da mesa.

- Vira de costas - disse. - Você não pode olhar.

Ela não gostou muito, não. Demorou um pouco, pensou, mas se levantou e virou a cadeira. Não tentou espiar.

Eu peguei a terra da lata e fui enfiando-a na boca.

A casa ficou escura como se tivesse sido coberta por um pano preto. Quis acender a luz para que não fôssemos engolidas pela noite que a terra estendeu à nossa volta. Tudo tão escuro, tão poço profundo no qual a luz do sol não chegava, que não podia ser nada bom. Quando estava prestes a parar, a abandonar por medo e abrir os olhos, a escuridão começou a ir embora, como se alguém estivesse acendendo velas, uma atrás da outra, e os olhos se acostumaram a ver.

Via pouco mas ouvia bem e era a voz dela. Da sujeita. Ela dizia, gritava: **lan**. E, depois que ela gritou várias vezes esse nome, apareceu na parte mais clara, no centro da luz, um garotinho de uns oito anos.

Não era dos mais espertos. Era uma criança estranha, parecia perdida, e a luz que saía de seu corpo era fraca, triste, doente. A mulher repetia "lan", mas não esperava resposta. Agarrou a mão dele com força e começou a puxá-lo. Tentei ver o garoto mas não consegui. Ao lado da mulher surgiu um homem que falava com ela:

- Você o encontrou?

- Sim. Não posso deixá-lo sozinho nem para fazer xixi.

- Onde ele estava?

- Na parte de trás da festa de aniversário. Sozinho.

- Quem o levou?

- Eu o levei, pensei que ele podia me esperar por cinco minutos.

Como um segredo, um segredo que aquele homem não queria ter, ficaram calados. Olhando para ele. Até que o homem perguntou:

- Por que você o deixou sozinho?

- Porque não posso enfiá-lo no banheiro comigo! Tem onze anos.

- Mas não significam nada. Os anos dele não significam nada - disse o homem e os dois ficaram em silêncio de novo, como se a luz triste que saía de lan também deixasse seus corpos fracos.

Então o homem ficou com raiva e recuperou um pouco de sua força:

- Não me dê desculpas. Você não se importa com ele?

O garoto estava entre os dois. Foi se movendo para a lateral. Nem parecia ouvi-los, estava olhando para cima, à frente. Tentei descobrir o que ele estava olhando mas não conseguia encontrar nada.

Falavam entre eles como se o garotinho não estivesse lá. Eu tentei vê-lo melhor, mas ele foi sumindo. E as vozes, cada vez mais baixas. Cansei de tentar ouvi-las, de ver o que a terra não queria me mostrar.

Abri os olhos.

Minha casa estava ainda mais escura que a noite que envolvia o garoto perdido.

- Não funciona - disse à sujeita. - Mal vejo o seu garoto. Está a senhora, dona. Discutindo com um cara que pergunta o tempo todo por que a senhora deixa o lan sozinho.

A sujeita pareceu ficar ainda mais triste. Disse, como se estivesse se recuperando de um golpe:

- É o pai.

- Bom, eu vejo vocês, dona. E o garoto me escapa. - A mulher abaixou a cabeça e chorou em silêncio. Depois abriu a bolsa e eu pensei que ia procurar algo para se secar, mas pegou um maço de dinheiro e uma pilha de fotos. Apoiou as fotos sobre as notas, que eram muitas, e as empurrou na minha direção. Era o ranhento. Vi as

primeiras fotos, onde estava maior, com a mesma cara de perdido.

- Não é assim que funciona, dona.

- Está certo - disse ela, levantando a cabeça. - E como fazemos funcionar?

5

Hernán ria na moto.

- Não é tão longe - disse ele. - Como é que você nunca veio?

Não respondi. Eu não saía mais nem para ir ao armazém.

- Estamos perto, já chegamos à rodovia.

Isso eu sabia. Rodovia 8. Também sabia daqueles mercados que tinham sido abertos alguns anos atrás, mas ir, eu nunca tinha ido.

- Vamos ao Mega ou ao Fericrazy?

Eu ri.

- Sei lá. O que você preferir.

"Mega" dizia uma placa imensa que dava para a rodovia, e era possível ver um estacionamento entupido de motos, carros, pessoas. A rodovia estava uma porcaria. Passamos o tempo todo desviando de água, lama, lixo.

- Vamos àquele - disse a ele, apontando para a área onde os ônibus paravam e famílias sorridentes podiam ser vistas descendo.

Ele estacionou a moto o mais perto possível da entrada e nós descemos. Hernán queria me dizer alguma coisa, mas havia tanto barulho que eu não o ouvia.

- Lá dentro - disse a ele, e começamos a andar.

Um galpão enorme. O piso era de cimento. Não havia plantas de verdade, apenas umas de plástico horríveis. Tive a impressão de que nunca havia estado tão longe da terra. Não gostei.

Abri a mochila e, como se fosse um jogo, mostrei ao Hernán, só por um segundo. Ele arregalou os olhos:

- De onde você tirou tanta grana?

- Eu tenho e pronto. O que te importa? - respondi com um sorriso.

- Você não andou roubando por aí, não, né, menina?

Nós dois caímos na risada.

- Vamos fazer essa grana voar - disse a ele, levantando umas notas de 500 e sacudindo-as no ar. Hernán riu.

- Já é - disse ele, piscando para mim.

Andamos. Havia quatro fileiras de barracas, uma ao lado da outra. Os corredores entre as fileiras estavam cheios de gente. Todos pareciam felizes. Em uma das esquinas vendiam-se guloseimas como se fosse uma praça: amêndoas caramelizadas, pipoca, amendoim com chocolate. Peguei um algodão-doce e tentei pagar com uma nota de 500. "Não tenho troco", me disse a vendedora. Hernán pegou um nota de vinte e deu a ela. Eu guardei a minha.

- Você vai me levar à falência, menina - disse ele, e pegou minha mão. Achei estranho, mas gostei.

Ele me levou até uma barraca de cerveja onde o atendente esvaziava as garrafas em um copo

descartável. Cada copo continha um litro para as mãos que o aguardavam. "Dois", pedi e paguei. Guardei o troco e continuamos andando. Eu tinha algodão-doce em uma mão e um litro de cerveja na outra. Paramos em uma barraca enorme. Nas laterais e na frente da barraca, tiras de filmes pendurados, uma ao lado da outra. Havia caixas cheias de cds e DVDs e muita gente olhando as caixas. As capas dos filmes estavam organizadas em Nacionais, Estreias, Comédia, xxx, Terror.

- Sempre levo um desses para você - disse Hernán, mostrando duas caixas para mim. Ele tomou um gole demorado de seu copo. A primeira era de "coletâneas" e tinha uma garota de fio-dental vermelho com gorro de Papai Noel. A outra dizia apenas "latinos". Comecei a procurar nesta. Virava as capas para ler as músicas. Separei três. Hernán pediu para ver também a lista de canções. Nós nos olhamos, rimos.

- Sua boca está cheia de gosma rosa - disse ele e eu senti a cerveja na minha cabeça. Lambi os dedos para que ele não reclamasse das minhas mãos gosmentas também.

- Deixa eu ver - disse e se aproximou. Ele me deu um beijo demorado e senti uma mistura açucarada que me encantou, lábios, cerveja e sua língua macia. Eu queria continuar, mas Hernán se afastou.

- Melhor olharmos os cds. Seu irmão vai me matar.

Rimos. Que porra o Walter tinha a ver com isso? Ao final escolhemos cinco cds e Hernán acrescentou um filme de terror. Me disse que mais tarde, se não tivesse ninguém, íamos assisti-lo no PlayStation. Eu respondi que era melhor comermos alguma coisa. Pagamos, nos entregaram tudo numa sacolinha, que eu enfiei na mochila, e fomos para as barracas dos fundos. Hernán bebeu toda a cerveja. Como a minha ainda estava na metade, dei para ele.

Pedimos dois cheeseburgers e batata frita. Não precisamos esperar muito. Comemos com as mãos, sentados em uma mesa de dois lugares. Como não vendiam cerveja, apenas refrigerantes, não compramos nada para beber. Nos viramos com o que restava no meu copo.

- As batatas estão muito gostosas - disse Hernán nos dois segundos em que ficou com a boca livre. - Vamos para a sua casa?

Fiz que sim com a cabeça. Para onde iríamos, se não para lá? Mas pensei em meu irmão. Eu nem tinha avisado a ele que ia sair com Hernán.

- Antes vamos comprar um presente para o Walter - disse e ele topou na hora.

Não sei se o cheiro de hambúrguer vinha dos nossos sanduíches ou se era o ar que estava cheio de fumaça. Aquele galpão imenso da Mega não tinha nenhuma janela e a saída era no mesmo lugar por onde havíamos

entrado. A fumaça da comida grudava em nossos corpos e na roupa pendurada nos cabides das barracas. Se levássemos alguma coisa para o Walter, levaríamos também um pedaço daquilo tudo. Eu gostei dessa ideia.

6

- Onde você arrumou o dinheiro - perguntou meu irmão sem conseguir conter um sorriso enorme.

- Mas você gostou?

Ele ergueu a jaqueta e olhou para ela como se fosse um fantasma e me lembrei de Hernán experimentando-a para calcular o tamanho e isso me fez rir. Não poderíamos ver o filme. Teria que ser outro dia.

- Estou trabalhando, Walter. Eu topei - como meu irmão ficou em silêncio, continuei: - Estou ajudando a dona do outro dia. Ela já me pagou.

Por um momento cheguei a pensar que o Walter não tinha me ouvido: ele não falava, não se mexia, não me olhava, não se irritava. Nada. Então, ele levantou a cabeça para me olhar:

- Tem certeza, maninha? Se for só pelo dinheiro, não dá.

- Vai ficar tudo bem - respondi sem pensar. - Eu tenho certeza.

Meu irmão se aproximou e me deu um beijo. Depois me disse que a jaqueta era demais, onde eu a havia comprado. Eu ri.

- É uma surpresa, Walter.

Ele a levou para o quarto dizendo que ela não era uma jaqueta para hoje, que era especial e que por isso ia

guardá-la.

A mesma lata na mesa e a sujeita, séria, me disse que desta vez tinha trazido a terra certa.

– E como é que eu vou saber? – Não queria comer terra todos os dias.

Dei voltas. Enrolei. Fui até a cozinha colocar a chaleira no fogo apesar de saber que não iria tomar mate tão cedo. Queria poder dizer não naquele dia.

– Quer um mate?

A mulher fez que não com a cabeça e eu, aborrecida, fui até a cozinha desligar o fogo.

Voltei. Não olhei para ela.

– Minha barriga está doendo.

– Ontem eu não vim – disse a sujeita e senti um pouco de pena.

– Alguma novidade sobre o Ian?

– A polícia parou de procurá-lo.

Foi então que olhei para ela. Tinha umas olheiras horríveis, o pescoço e a papada flácidos, já começando a enrugar. Mas seus braços eram fortes. Estava sentada reta, firme, esperando que eu me aproximasse de sua lata. Sabia que aquela mulher não iria desistir até que eu o encontrasse. Estava começando a gostar um pouco dela.

O Walter saiu do quarto dele, a viu sentada e foi embora em silêncio. Nem cumprimentou. Fiquei com raiva dele sair assim.

Às vezes pensava que, se meu irmão não aparecesse mais, eu seria capaz de engolir toda a terra da casa, de quebrá-la, de fazê-la tremer.

- Passa para cá - disse, e ela empurrou a lata na minha direção.

"Espero que tenha feito direito", pensei, mas não disse. Tonta ela não era.

Enquanto engolia uma parte da terra que a mulher havia trazido, em vez de pensar no ranhento, comecei a pensar no beijo do Hernán, no algodão-doce, nas cervejas do dia anterior.

Fechei os olhos e então o vi.

Foi como voltar a uma noite antiga. Uma noite que tinha se acabado e não existia mais, e que podia ser vista, naquele momento, na minha cabeça.

O garoto também dava a impressão de estar se acabando. Parecia drogado. O homem o empurrou. Ian não chorava, era a sua cara de sempre, mas estava assustado. O homem, vestido com um jaleco verde, encarava Ian. Eu já conhecia aquele homem. Não gostava dele. Olhava para o ranhento como se o estivesse medindo. Ian mal parava em pé. Seus olhos fechavam e a cabeça caía para os lados. Ele se sacudiu,

tentando abrir os olhos de novo e ficar de pé. Parecia que o ar o havia transformado em algo estranho.

Ian caiu. Seu corpo, agora, estava no chão. O homem se sentou ao lado mas dando as costas para o garoto, que bateu a cabeça ao cair, estava sangrando.

Aquele homem era seu pai. Antes olhava para ele fixamente, mas agora que o corpo do garoto estava derrotado, no chão, agia como se não estivesse ali. Tirou um isqueiro do bolso do jaleco e se pôs a fumar. Olhou o cigarro e depois fixou a vista à frente, para além da fumaça, onde eu não alcançava ver. Fumou por um tempo, tranquilo.

Depois se levantou.

Andou até um carro. Tentei ver a placa, mas não consegui. Abriu a porta e pegou uns sacos pretos. Procurou mais alguma coisa por alguns minutos, mas pelo visto não encontrou e desistiu. Voltou para onde Ian estava, levantou-o, e com os sacos e o corpo do garoto nos braços começou a se afastar. Ele se enfiou entre uns matos muito altos. Tentei segui-los, mas não pude mais. Eles estavam fora do meu campo de visão e eu tinha dificuldade para me mexer. Por mais que tentasse, não conseguia avançar. Fui ficando paralisada. Parecia uma estátua. Cravada naquela merda. Olhei para baixo procurando a terra, mas só encontrei o lixo que engolia meus tênis. Olhei para frente, tentando ver o homem que estava roubando o corpo do próprio filho. Mas o lixo se

transformava em montanhas. O cheiro entrava pelo meu nariz como se fosse vespas furiosas que procuravam a saída na minha cabeça e a faziam doer.

Abri os olhos. Aquele cheiro ainda me fazia mal. Era como o dos cachorros atropelados na beira da estrada.

Olhei para a mulher, seus braços fortes agarrados à bolsa.

Estava esperando que eu falasse. Eu, que o cheiro me deixasse em paz.

Não sabia se ela iria gostar do que eu tinha a dizer.

Hernán chegou quando eu ainda estava lavando o rosto. Eu, que nunca chorava, enfiei de novo as mãos na água fria. Meu olhos estavam ardendo, as mãos queimavam, mas o pior era a terra de lan dentro do meu corpo. Ela ainda queria falar.

Hernán colocou uma música, *Cri cri minal*, repetia a canção sem parar, e não sei por que isso também me deu vontade de chorar. Me sequei com a toalha e me olhei no espelho. Antes não chorava nunca. Tentei não fechar os olhos para não ver o que a terra ainda queria me mostrar. As lágrimas caíam sozinhas. Pensei na sujeita, tomara que ela não volte. Ela havia me pedido para ver e depois não aguentou o tranco.

Tú me robaste el corazón como un criminal, dizia a canção. Você roubou meu coração como um bandido. Eu não queria ouvir. A terra revirava no meu estômago. Aquele filho aleijado fincado em minha barriga como um filho é fincado no centro de sua mãe.

Precisava tirá-lo de dentro de mim. Abri totalmente as torneiras para que o barulho da água começasse a levá-lo.

Fui até o vaso, enfiei os dedos na goela até sentir a ânsia de vômito. Enfiei mais. Estava doendo. Vomitei.

Eu esquecia porque podia. Nunca seria mãe. Não queria.

Voltei para torneiras, sem me olhar. Enfiei primeiro as mãos debaixo da água, depois os braços, depois os tirei e enfiei a cara, os olhos ardidos, que consegui fechar na água gelada. A água os curava. Fui me acalmando. Tirei a cabeça, fechei as torneiras, procurei um toalha e, devagar, como se acariciasse um corpo queimado, comecei a me secar. Saí.

Com cara de quem tinha visto uma fantasma, Hernán me perguntou o que acontecera comigo.

- Nada - respondi -, tive uma noite de merda.

Ele ficou calado. Apesar de certamente não ter acreditado em mim, não disse mais nada.

Cri cri minal estava acabando e eu pensei que naquele dia não queria ouvir música. Tive pena de Hernán, mas não podia. Fui até o PlayStation e o desliguei.

- Se você quiser, eu vou embora - disse ele com os olhos bem abertos.

Fingi que não ouvi. Procurei na pilha que meu irmão tinha ao lado do videogame, escolhi uma das caixas e a levantei.

- Hoje é melhor você me ensinar a jogar os joguinhos.

Round 1 Fight apareceu na tela, e eu comecei.

Hernán repetia que eu não ia conseguir lutar se ficasse rindo e eu tentava não rir porque queria ganhar dele. No

começo eu tentava apertar todos os botões o mais rápido possível. Mas em vez de se proteger, meu personagem ficava pulando para trás e Hernán se mijava de rir.

- Presta atenção na lista de golpes - disse ele.

Eu não entendia nada.

- Que lista de golpes?

- Quando este round acabar, eu te mostro.

Eu estava lutando contra Shiva. Seu corpo era escuro e tinha seis braços musculosos com os quais podia me enfiar a porrada. Seu corpete, como o de todas as personagens femininas do Mortal Kombat, quase deixava os peitos à mostra. Eu tinha escolhido jogar com Sub-Zero, um homem. Eu gostava de não precisar me preocupar com um par de peitos enormes, ainda que fosse num jogo. Eu sou magricela.

- Passa para cá - me disse Hernán depois de eu vencer a Shiva. - Presta atenção.

Ele apertou um botão e os golpes especiais apareceram na tela da televisão. Frente - frente - soco. Frente - baixo - chute. Combinações desse tipo. E, embaixo de tudo, os fatalities.

Voltei ao combate. Desta vez contra o Raiden. Consegui dar alguns chutes e o cara em seguida partiu para cima de mim. Tentei os golpes especiais. Aqueles cinco segundos que Sub-Zero levava para encher suas mãos de gelo antes de jogar todo o frio no outro e congelá-lo me faziam feliz. Então aproveitei para bater no Raiden de

perto e fazer seu corpo voar para longe e se estatelar no chão.

Raiden se levantou para contra-atacar e eu apertei **start**.

- Não vale ficar pausando o jogo toda hora - disse Hernán e eu o lembrei de que foi ele quem tinha insistido para que eu aprendesse a usar a lista de golpes.

- Mas eu ainda não aprendi nem a metade - respondi, apertando o **start** novamente e pausando o jogo.

- Você é uma trapaceira, menina - disse ele e nós rimos.

- Esta é a última vez, já estou pronta - prometi, embora fosse mentira.

- Sei - disse Hernán e riu. - Você tem tanta sede de ganhar que não aprende a jogar.

Eu me fingi de brava para não admitir que ele tinha razão. Mas continuei na lista de golpes. Pratiquei um deles com o joystick e achei que tinha aprendido. Já estava pronta e apertei o **start**. Fui até o Raiden e tentei novamente o combo e dessa vez funcionou. A surra consumiu um monte de energia dele e na tela apareceu **finish him!** Raiden ficou cambaleando no meio da cena e eu consegui finalizá-lo.

Quando mamãe morreu fiquei pensando por um tempo que a tia e o Walter podiam morrer também. Eu não me importava muito com a tia, mas pensar no meu irmão morto me deixava arrasada. Eu passava horas trancada

chorando. Depois comecei a pensar que eu também poderia morrer e ficava imaginando como seria, mas não conseguia. Como não conseguia me imaginar morrendo, imaginava uma cachorra arrastando uma das patas. Ela ia adoecendo com um tumor na coluna, e eu tentava ver o animal andando com sua pata caída pela estrada, pelo bairro, pela porta da minha casa, tentava ver aquela pata que se machucava cada vez mais contra o chão. O tumor crescia como crescem os peitos das garotas. A cachorra, cada vez mais magra, nem tinha mais vontade de comer ou se mexer. Eu a imaginava agonizando apoiada na grade do nosso terreno e me via morrer em sua carne.

Raiden estava morto e eu pulava feito uma louca. Hernán também. Nós nos abraçamos. Quando ele estava prestes a me dar um beijo na boca, o Walter entrou.

Fazia duas semanas que eu jogava PlayStation. No começo eu ficava dividida entre a música e os jogos. Depois ficou claro: jogo de dia e música quando ia dormir.

Era domingo, o Walter não trabalhava. Eu estava feliz porque era a primeira vez que eles me deixariam jogar com todo mundo. Fiquei repassando a lista de golpes mentalmente. Os do Sub-Zero, Sonya e Raiden eu lembrava bem. Os outros, quase nada.

Quem entrava passava primeiro pela geladeira e deixava duas cervejas. Isso se repetia com cada um que chegava. Depois entrava no quarto e procurava um lugar. Não cabia mais ninguém. Garotos sentados na cama, no chão, no banquinho do meu irmão, de pé tomando cerveja, o quarto estava lotado.

- Se alguém se sentar com a bunda no meu travesseiro eu mato - dizia o Walter.

Hernán ainda não tinha chegado. A princípio fingi que nada estava acontecendo, mas queria que ele chegasse logo. Duas semanas treinando juntos e justo naquele dia ele iria faltar?

Mas Hernán chegou. Cumprimentou todo mundo e mostrou o que tinha nas mãos.

- Estava na entrada - disse. - Está pesado pra caramba.

- Deve ser o jornal da Igreja Universal - respondeu meu irmão, que estava sentado no chão, perto da porta.

Hernán se aproximou da cama. Precisou desviar de vários garotos para chegar até mim.

- Olha - disse ele e me entregou.

Todos me olharam e eu, no meio daqueles garotos, peguei o pacote fingindo que não tinha importância.

- E aí? - perguntou-me o Walter.

Não respondi. Me levantei da cama e, desviando das pernas dos que estavam no chão, saí do quarto. Hernán se sentou no meu lugar.

Não havia um cômodo em que não houvesse um amigo, então entrei no banheiro. Meu irmão entrou atrás de mim e me olhou. Ergui o pacote para que ele visse como era grande. O Walter me disse para abri-lo, depois fechou a porta e apoiou o corpo para que ninguém pudesse entrar.

Eu estava com o pacote nas mãos. Dava para imaginar que tinham colocado um peso sobre ele e amarrado com cuidado para que não abrisse. Cortei o fio com os dentes; não pude evitar meu reflexo no espelho, mostrando os dentes e mordendo. Não gostei do que vi. Fechei a boca. Tentei ajeitar o cabelo, ficar um pouco mais parecida comigo. Puxei o fio e voltei a me olhar.

Abri o envelope, que continha um jornal. Folheei o jornal até chegar a uma página onde estava escrito "obrigada" de canetinha vermelha e que tinha uma

matéria circulada com a mesma cor: “O veterinário foragido é o único acusado da morte do jovem especial”. Era o homem que eu tinha visto. Não estava de jaleco verde. Era muito mais jovem na foto do jornal, como se ela tivesse sido tirada antes dele ser pai de Ian.

Dentro do jornal havia um monte de notas de dinheiro. Como eu não queria contá-las, meu irmão se aproximou e as pegou.

Eu fiquei olhando a foto do homem. Sabia que seu nome devia estar no jornal, mas não quis conhecê-lo. Cheguei perto da foto, procurei algo em seus olhos, mas não passavam disso: dois olhos que não diziam nada. Alguém se lembraria de como era esse homem antes de ser pai? Depois de ser pai, eu já o tinha visto.

O Walter contou as notas bem devagar. Quando terminou disse:

– Ufff... é uma bolada. Da até para comprar um PlayStation 4. – Mas nem ele nem eu rimos.

No jornal havia ainda uma foto em preto branco de Ian. Ele também não sorria e estava olhando para cima. Pensei que se eu tivesse conseguido estar lá com ele e seguir seus olhos, o garoto não estaria olhando para o nada ou, ao menos, nada que eu não pudesse ver. Embaixo da foto a legenda dizia: “O corpo foi encontrado em...”, mas não quis continuar a ler.

Fechei o jornal e o entreguei ao Walter.

Alguns dias depois ficamos sem telefone.

Não sentimos falta. Às vezes eu pensava que não sentíamos falta de nada, que nos adaptávamos a qualquer coisa desde que meu irmão e eu estivéssemos perto um do outro.

Não sentimos falta porque mal usávamos o telefone e ninguém ligava para a gente. Os amigos entravam em casa; o resto nem se aproximava. Uma semana depois de receber o pacote, o telefone tinha tocado várias vezes e, quando algum de nós atendia, respondiam:

– Você tá ferrada, fedelha.

Então meu irmão se encheu, cortou o cabo com uma faca e pronto, adeus telefone.

Nos primeiros dias o Walter faltou o trabalho na oficina e ficou comigo.

Foi pior.

Meu irmão desconfiava dos celulares, da porta de entrada, dos carros que passavam e até dos poucos fantasmas que se aproximavam do meu quarto. Trancava tudo. A casa e nós dois, o dia inteiro às escuras.

Eu queria que Hernán viesse e, quando ele chegava, o Walter não se mexia, não nos deixava falar uma palavra a sós. Então Hernán engolia um monte de coisa e acabava dando uma desculpa para ir embora.

Uma tarde o ar estava tão pesado que podia ser cortado com uma faca. Abri a porta, sentei-me no chão, sem sair. O Walter não me disse nada.

Comecei a chorar enquanto uma tempestade caía do lado de fora. Meu irmão se sentou ao meu lado. Não me lembrava da última vez que tínhamos visto a chuva juntos. Olhava para o céu, depois para as gotas que batiam em nossa terra. A chuva parecia carregar tudo.

O dia seguinte era sexta-feira e à noite se encheu de garotos.

Hernán apareceu cedo, estava nervoso, acho que ele também não aguentava mais o meu irmão e perceber isso me fazia mal. Eu queria que eles continuassem sendo amigos.

À medida que os garotos foram chegando, meu irmão voltou a ser o de sempre.

E por algumas horas nos esquecemos do mundo.

Jogando como quando éramos pirralhos, sem nos preocuparmos com nada, apenas com ganhar.

Até que chegou um garoto. Disse que tinha um carro parado na porta. Achei que o Walter ia dizer que não devíamos sair, que tínhamos que continuar aqui, trancados, mas meu irmão e Hernán quiseram ver quem era na mesma hora, como se já tivessem combinado antes. O resto de nós abandonou o PlayStation, saiu do quarto e seguiu até a porta. Menos de dois minutos

depois começamos a ouvir gritos. Não dava para ver nada e acabamos todos indo para fora de casa.

- Você não - gritou meu irmão quando me aproximei para ver quem era. - Volta para dentro.

E eu, que até então só tinha olhos para ele e Hernán, girei a cabeça e olhei para o carro. Eu o vi. Estava escuro e ele não usava mais o jaleco verde, mas era ele. Os olhos. Se seu filho não conseguia se concentrar e fixar a vista em algo nem por trinta segundos, o sujeito podia fuzilar alguém com os olhos. O medo me envolveu e me deixou ali, paralisada no quintal da minha casa. Tentei entrar mas não consegui.

Como eu estava olhando para ele? Pensei na visão, perguntei a mim mesma se eu o tinha visto com esses olhos com que o olhava ou se tinha sido com alguma outra parte do corpo.

Ele ligou o motor sem tirar os olhos de mim e sacou uma arma. Não deu tempo. Só o suficiente para saber que não queria vê-lo me matar. Eu me virei e ouvi primeiro os tiros, depois o carro arrancando, minha respiração, meu coração furioso, meu corpo começando a responder.

Uma das balas atingiu a caixa d'água e começou a cair água do telhado. Meu irmão me tocou. Continuava escuro e por isso não enxergávamos direito, e eu também precisei abraçá-lo. Lentamente, como se estivéssemos descongelando, começamos a nos mexer.

Virei para a rua. O carro não estava mais lá, mas eu queria ver.

Não sei se ele tinha errado a pontaria ou se não quis nos matar, mas não nos atingiu.

O Walter me dizia que já passou, que o sujeito tinha ido, que ele se lembrava bem do carro e iria à polícia, que eu não devia sair, que voltasse a jogar, a ouvir música, que ele cuidaria de tudo. Hernán não agiu como meu irmão. Ficou calado e não se aproximou de mim.

O Walter me levou pelo braço para dentro de casa, mas antes nós dois vimos um buraco enorme de bala em cima da porta. Ninguém disse nada.

Adormeci quando o sol estava nascendo. Não ouvi meu irmão sair, mas já havíamos combinado que, apesar de não gostarmos nem um pouco da ideia, ele iria à polícia registrar queixa.

Apaguei como se tivesse desmaiado e acordei tarde, com a sensação de ter sido atropelada por um trem. Estávamos sem água e meu irmão pedia a uns amigos para irem com ele à loja de material de construção comprar uma caixa d'água nova. Todos diziam que sim, que o ajudariam a comprar e trazer, que ele não precisava se preocupar. Mas quando o Walter pediu que algum deles ficasse comigo porque não queria me deixar sozinha, ninguém respondeu. Então meu irmão sacou o maço de notas do bolso e entregou a eles que repetiram que cuidariam daquilo, que amigo é para essas coisas,

que iriam e voltariam rápido e em seguida o ajudariam a trocar a caixa d'água.

Depois que eles saíram, o Walter olhou para mim e disse:

– Somos só nós dois de novo, maninha. Sozinhos. Não posso culpar ninguém.

Eu não disse nada. Também não esperava mais nada.

Se a culpa não era deles, era de quem? Do meu corpo? Eu não podia mudar o que o meu corpo via.

Fui ao banheiro, fiz xixi, lavei o rosto tentando não me olhar no espelho.

Quando saí, éramos Walter e eu novamente. Meu irmão foi esquentar a chaleira. Ele estava tentando melhorar o clima. Apesar de não falarmos, achei que ele tinha razão, que a culpa de estarmos sozinhos era das coisas que eu via.

Hernán tinha ido embora de manhã. Nem sequer levou seu joystick. Nem um beijo, nem tchau, nada. Enquanto fumava um cigarro olhando a rua, soube que não poderia mais esperar que a música dele voltasse a entrar por aquela porta.

SEGUNDA PARTE

II

O sol secava o que a chuva do dia anterior havia transformado em poças e lama, para apagar novamente os passos dos que não estavam mais: mamãe, o velho, a tia, Hernán, todos indo embora em fila como aquelas formigas que, por mais que você queime, continuam a construir suas casas debaixo da terra, onde não havia verde, nem luz do sol, e a carne de Florensia se transformava em ossos.

A grama estava infestada de ervas daninhas. O pé de louro, transbordando, crescia para onde bem entendia. Tinha mil filhos que, à medida em que o sol batia neles, ganhavam corpo e entortavam o arame do quintal como se fosse de papelão.

Uma planta que eu não conhecia tinha grudado na chapa de metal lateral, apodrecendo-a até fazer uma mancha na parede de casa. Acima de tudo, a passiflora, como nos terrenos em volta da antiga linha do trem. Quando sua flor abria se enchia de abelhas hipnotizadas por sua cruz central, seu pelos pegajosos, sua umidade.

“Se meu cabelo continuar a crescer – pensei –, eu também vou ser planta selvagem de perna forte, filha do louro.”

Ninguém, absolutamente ninguém, tinha me arrancado a tempo e agora eu estava sentada no degrau da

entrada, abraçada às minhas pernas.

Do outro lado do portão alguém jogou um pedaço de papel, que eu acompanhei com os olhos. Não se atreveu a bater palmas ou chamar, teve medo até de dizer o meu nome. O vento arrastou o papel pela grama alta. “deus te ama”, li e desejei que fosse para longe, para muito além do portão, o último lugar onde eu pisava descalça. Não havia mais vozes dizendo: “Seus pés estão sujando tudo, chê”.

“Você está com lama nos dedos e nos dentes”, me dissera a mãe da Florensia, minha colega de escola, quando a proibiu de andar comigo.

Havia outros que não se atreviam nem a pisar. Deixavam a terra de seus mortos em uma garrafa. Um cartão também e, amarrado ao pescoço de vidro, um nome. Eu pegava as garrafas para acomodá-las entre as plantas do quintal. O sol as fazia brilhar. Quando chovia muito, a água entrava nelas e transbordavam, misturando sua terra à minha.

Cada garrafa era um pouco de terra que podia falar.

Marta, a mãe de Florensia, entrou. Tinha passado muito tempo desde a última vez que a vi. Foi entrando, como se a casa fosse a sua. Quis me pagar “a consulta”, disse ela.

– Não, Marta. Não vou te cobrar.

Enquanto entrávamos em casa, não contei à Marta que tinha sentido falta de sua filha quando ela, que se achava

melhor do que os outros só porque ia ao templo aos domingos com Florencia, loira e promissora como uma vespa vermelha, proibiu-a de vir.

É que eu tinha visto os olhos dela. Marta havia chorado, era só olheiras.

E entramos, para nos sentarmos e para ela acomodar seu bundão no sofá da salinha, para eu experimentar aquela terra levada até ali por suas mãos e para que ela, sempre metida, sempre apressada, dissesse:

– O que você está vendo? O que você está vendo?

Um carro passou tocando, no talo, ***“Corazón de seda, que no lo tiene cualquiera”***, e eu pensei na roupa de Florencia, menos estropiada que sua pele. Pensei em Florencia embaixo, como as raízes das plantas do meu quintal e as teimosas formigas percorrendo seus túneis.

Nesse dia eu me irritei com a Marta, a mulher não calava a boca nunca. Ela se achava o máximo porque os únicos loiros do bairro eram Florencia e o menino Jesus, de gesso, no templo.

– O que você está vendo? O que você está vendo?

Tive que reunir forças para a abrir a boca e dizer:

– Fica calma, Marta, estou vendo muita luz.

Nunca tinha chorado com os olhos fechados. Eu via a Florencia cheia de vermes como um coração doente, o cabelo, uma teia de aranha que se desprendia do crânio.

– Fica calma, Marta, ver machuca meus olhos. Ela está bem. Seu cabelo parece absorver todo o sol.

Marta voltou a respirar, tanto que pareceu que seu peito estava maior que a bunda.

- Mas, menina, abre os olhos. Por que você está chorando? - disse ela agarrando com força as minhas duas mãos. Eu senti seu calor, mas não, não abri os olhos. Eu pensava: "Será que a Florensia está sentindo frio na terra, tão diferente de nadar, tão diferente de ter se formado anos atrás na barriga quente dessa mulher?".

A mãe da Florensia não me largava. Dessa vez ela não teve nojo da terra. Nem viu a sujeira nas minhas unhas.

- Menina, te garanto que quando ela voltar vem te ver.

- Fica tranquila, Marta. Você nem precisa mais cuidar dela. A Florensia sempre foi linda. Deus a ama.

Descalça, eu a acompanhei até o portão para me despedir, e descalça fiquei fazendo hora e olhando as garrafas escondidas entre as plantas. Algumas estavam lá há muito tempo e aos poucos iam sendo enterradas, fincadas, as letras, nomes e números sendo apagados pela água e pelo tempo, que apagavam tudo menos a dor de quem as tinha trazido até ali e suas vontades - todas abandonadas menos uma - a de saber onde está.

A casa não sei. A terra, embaixo de tudo isso, era minha.

Naquela noite sonhei com a professora Ana. Não sei se foi a primeira vez que sonhei com ela ou se tinha me esquecido dos outros sonhos, mas dela, nunca.

Apesar dos anos terem passado e de eu ter crescido à beça, naquela noite eu a vi mais alta que eu, como sempre. De cima ela me perguntava pelas outras garotas da minha turma. Eu lhe dizia que havia cruzado com uma ou outra no armazém ou lhe contava algo que o Walter tinha dito, porque eu não as via mais. Comíamos sementes de girassol tostadas e a professora ia me perguntando por cada uma delas, menos por Florensia. Ela sabia. Eu lhe dizia que tinha visto a Candela prenha ou que a Sofi se mudara para a esquina de casa com um carinha que trabalhava de moto.

– Meu irmão falou que eles vão ter um bebê – disse e a professora caiu num silêncio profundo.

Depois ela me deu mais sementes e eu as coloquei na boca e cuspi as cascas. Ela não gostou. Antes também não gostava: dizia que deixávamos tudo imundo com as cascas de girassol.

– Eu queria – disse então a professora Ana.

– Vê-las? – perguntei.

Ela ficou olhando para a frente. Respirou fundo e soltou:

- Eu também queria engravidar um dia. Ter uma menina. Uma garota assim, como vocês.

Ela olhou para mim. Evitei seus olhos.

- Eu nem amarrada. Elas somem - disse e enchi rapidamente a boca de sementes.

A professora Ana ficou me olhando. Tive a impressão de que, assim como o saco de sementes, algo nela também estava acabando.

Depois não falamos mais.

Acordei com vontade de tomar cerveja.

A piada era fácil, mas mesmo essas piadas eu não conseguia entender.

O Walter dizia:

– Estou sem piolhos. Vou passar querosene.

E eu ficava pensando por que ele ia passar querosene se estava sem piolhos na cabeça.

Depois, rindo, os amigos diziam que estavam sem cerveja, e eu contava as garrafas que eles iam trazendo. Cinco, doze, até vinte, eles nunca ficavam sem cerveja. Até que uma hora a ficha caiu: não era “sem”, era “cem”, mas também não achei graça depois que entendi.

Lembrei dessa piada que meu irmão e seus amigos contavam quando, ao abrir o portão para entrar, vi que alguém tinha colocado um garrafa nova no meu terreno. Pendurada no braço, levava uma sacola com pão, duas latas de cerveja e as salsichas de que o Walter gostava. Eu tinha voltado correndo do armazém porque queria prepará-las antes que ele chegasse da oficina.

Enquanto fechava o cadeado do portão, pensei em como eu tinha zero vontade de encontrar uma garrafa nova e também que não que podia deixá-la ali para que os poucos vizinhos que ainda não sabiam de mim a vissem ou, como eu, imaginassem a mão passando pela grade, a cara de desespero de quem a tinha trazido. De

qualquer forma, apesar de pegar a garrafa, naquele dia eu não queria comer terra e ponto. Fazia tempo que eu estava sempre "sem" garrafas. Eram tantas que eu não conseguia nem queria contar, tantas que eu estava farta.

Se você esquece as salsichas na água fervendo elas arreventam e ficam do tamanho de uma linguiça estourada e sem sabor. Nós as comíamos assim mesmo, com muita maionese e pão de cachorro-quente, mas não achávamos gostoso, nem meu irmão nem eu. Eu senti a minha cabeça assim nesse dia: prestes a explodir.

Cheguei perto da garrafa, tentei não ler a mensagem, não pensar que estava escrita em chinês, ao mesmo tempo em que rezava para que não tivesse foto. Era azul, grossa, com terra até a metade do corpo. Eu me agachei e toquei nela. Sentir o vidro fez a palma da minha mão doer. Peguei a garrafa com o mesmo braço que carregava a sacola, pendurada perto do cotovelo.

Às vezes eu sentia o peso de todas as garrafas juntas que iam transformando a minha casa no que eu sempre odiara, um cemitério de gente que eu não conhecia, um depósito de terra que falava de corpos que eu nunca tinha visto. Enquanto isso, mamãe estava sozinha onde, dizem, os mortos descansam. Eu nunca a visitava. O Walter não sei. Às vezes eu queria ir, mas não ia. Nunca mais voltei lá desde que era criança e ela foi levada.

Andei com a garrafa até a casa. Olhava para ela, já sem saber se gostava dela ou não, se a abriria ou não, se

cobraria de quem a tinha deixado ou se simplesmente preferia não falar com ninguém. Eu só queria meu irmão e eu comendo salsichas no sofá da salinha e que minha única preocupação fosse não deixar que elas cozinhassem demais, ou que o Walter não se sujasse todo de maionese e ketchup.

A chave de casa estava no bolso do short. Eu não ia levar a garrafa para dentro naquele dia, não ligaria para ninguém, não engoliria terra. De qualquer forma, ninguém estava vendo. Contornei a casa pensando como sempre que precisava podar as plantas mas que a única coisa que iria fazer era comer algo gostoso com as mãos. Assim não precisaria nem lavar os pratos. E depois, ficaria reclamando da vida com o Walter.

Eu me agachei entre as plantas, movi as folhas enormes, e deixei a garrafa na companhia das outras. Havia muitas azuis. Nenhum azul era igual ao outro, nenhuma terra tinha o gosto de outra garrafa. Não se sente saudade de um filho, um irmão, uma mãe ou um amigo do mesmo jeito. Pareciam tumbas brilhantes uma ao lado da outra. No começo eu as contava, acomodava-as com zelo, às vezes acariciava alguma até decidir experimentar a sua terra. Quase sempre era assim, mas nesse dia eu as odiava. Estavam pesando mais do que nunca em mim. Todas elas juntas me cansavam. Sentia todas as garrafas se acumulando em mim. O mundo

devia ser maior do que eu sempre imaginara para que tanta gente pudesse desaparecer.

Voltei para a minha trilha e entrei em casa. Coloquei música, fui até a cozinha para acender o fogão. Procurei a panela, enchi de água, tentando não pensar que a pessoa de dentro da garrafa podia morrer a qualquer momento. Empurrei as salsichas com raiva, uma a uma, até o fundo, para que ficassem enterradas na água. Depois as deixei no fogo.

O Walter chegou alguns minutos depois.

Comemos os cachorros-quentes quase transbordando de maionese, com os dedos sujos, e as latas de cerveja gelada nas mãos, como deve ser. Meu irmão estava feliz, era contagiante. Não perguntei a ele por quê. Ficamos jogando conversa fora. Walter falava a maior parte do tempo, às vezes de boca cheia, comendo feito um abobalhado. Eu o ouvia e ria com ele.

Mais tarde ele me deu um beijo e foi para a oficina. Não voltaria até a noite.

Quando ele fechou a porta, larguei meu corpo no sofá da salinha onde certamente no dia seguinte, e no próximo, e nos cem dias que se seguiriam, eu iria atender gente, iria perguntar, engolindo, se alguém estava vivo ou não, se respirava ou se há quanto tempo e por que seus pulmões tinham parado, ou quem o havia levado. Mas agora só queria dormir.

Ele estava de pé, apoiado na grade. Parecia muito triste para alguém tão jovem. O cabelo arrumado, a roupa perfeita como nas propagandas de cigarro.

Eu ouvi alguém bater e, como ainda não tinha levantado, demorei a sair.

Não estava mais batendo. Tinha se cansado ou perdido as esperanças de que alguém saísse. Estava esperando.

Quando me viu se afastou da grade. Eu o encarava em silêncio, sem dizer uma palavra.

Ele disse nesta manhã que havia se aproximado do portão, mas que há dias vinha e não se atrevia a descer do carro.

Depois se calou e eu fiquei um tempo examinando-o de cima a baixo.

Estava me esperando, disse, porque procurava alguém.

Não soube o que responder. A única coisa que eu queria era continuar dormindo. Eu nem sabia se o Walter estava em casa ou se já tinha ido para a oficina.

- Preciso de ajuda - repetiu ele bem na hora que uma velha estava passando na calçada. A velha travou seu carrinho de compras e olhou para mim: era uma mulher do bairro.

Abri a porta, me virei e, quando senti que o cara estava andando atrás de mim, disse:

– Fecha.

Não queria que o vissem. Menos ainda que fofocassem sobre mim, que nem havia penteado o cabelo. Devia estar parecendo um fantasma.

Não tive medo. Quando ele se sentou no sofá da salinha, parecia que quem estava com medo era ele. Parecia também que ele dormia mal, como eu.

– Não dormi nada – eu disse. – O que você quer?

– Estou procurando uma pessoa – voltou a dizer, agora com os olhos baixos, olhando para as mãos.

Parecia um cara dez anos mais velho que o Walter, mas tinha camisa, sapatos, roupa cara.

Na tristeza do rosto, sim, ele se parecia ao meu irmão e a mim. E também no jeito de falar devagar, como se tivesse dificuldade para colocar as palavras para fora.

– Quem você está procurando? – disse tentando evitar um bocejo. Uma lágrima de sono escorria pelo meu rosto.

O cara ficou calado. Apesar de ainda ser de manhã, tive vontade de beber uma cerveja e voltar a dormir.

– Se eu disser o nome, não vai significar nada para você – disse, me olhando de frente.

– Eu não atendo a esta hora, cara, mas se você me der cinco minutos eu te escuto.

Abri a geladeira. Não havia quase nada. Restos frios de um frango que o Walter tinha trazido no dia anterior. Respirei alto. Não tinha como, não estava no clima para engolir terra. Fechei e procurei a chaleira, coloquei água

e acendi o fogo. Enquanto ela esquentava, preparei o mate. Será que esse cara toma mate? Eu nem sabia por que me importava. Só que se ele me contasse agora eu não conseguiria dormir em paz o dia todo. Como é que eu iria pará-lo?

A água estava quente, desliguei o fogo e levei tudo, chaleira e mate, e coloquei na frente do sofá. Ele ainda me parecia um homem cansado, alguém que envelheceu antes do tempo.

- Você toma?

- Claro.

Mexi um pouquinho a erva com a bombilha e derramei um jato de água quente no buraco do meio. Passei o mate para ele e ele bebeu. Quando terminou, ficou com o mate vazio na mão e começou a contar. Disse que sua tia, irmã de sua mãe, o procurara, que fazia tempo que não a via, que ela o havia criado.

- Minha mãe verdadeira trabalhava o dia todo e, quando chegava se jogava na cama para dormir. E agora minha tia veio. Demorei a reconhecê-la.

Ele estendeu a mão e me passou mate. Eu o cevei.

- Tive que olhar bem para entender que era ela. Não veio me ver em casa, veio me procurar na delegacia.

Ele disse "delegacia" e eu me engasguei com o mate. Onde é que eu estava me metendo? Quando ele me perguntou se eu estava bem, disfarcei. Não sei se ele

percebeu, mas não disse nada. Tive que fazer um gesto com a cabeça para que ele voltasse a falar.

- Foi difícil acalmar a minha tia e fazê-la contar o que tinha acontecido. Minha prima María estava sumida há seis dias. Tinha saído para o curso de enfermagem e não tinha voltado mais. Fiquei atordoado, não sabia o que pensar nem o que dizer.

O homem ficou em silêncio por um tempo. Olhava para mim esperando uma resposta, mas não falei nada.

Depois disse que sua tia começou a acusar seus colegas de trabalho. Falou que os policiais e o delegado tinham ficado parados, que não estavam procurando por ela. Mas ele mal a ouvia. Estava pensando em sua prima María, uma garota que ele não conhecia, alguém de quem ele se lembrava apenas criança, uma menina nova, uma prima distante que ele tinha parado de ver. Mas as súplicas de sua tia, decidida a conseguir ajuda de qualquer jeito, trouxeram-no de volta. Agora María queria ser enfermeira. Ele iria ajudá-la.

Eu o ouvia falar e não conseguia dizer nada. Me dava raiva que sua motivação fosse o seu sangue e não a garota. Qualquer garota. Ele era um cana, esse era seu trabalho.

Disse que quando a tia foi embora da delegacia começou a procurar.

- Pensei que por ser policial seria fácil - disse -, mas muita coisa aconteceu.

Entreguei mais um mate para ele. Achei que já tinha falado demais. Não queria mais escutá-lo, mas o cara acrescentou:

- Acabei me dando conta de que estava sozinho nessa.

Sacou uma foto da jaqueta. Quis me entregar mas eu disse para ele ficar com ela, para mostrar de longe, de onde estava sentado.

Fiquei com pena, mas era assim, todos procuravam sozinhos.

Olhei para a foto em suas mãos e depois olhei para ele. O sorriso da garota e algo no corpo dele me faziam pensar que daquela vez podia ser diferente, que ao menos uma vez eu poderia chegar cedo. Não queria que fosse como com a Florensia. Eu tinha decidido mentir sozinha, enquanto a mãe da Florensia cravava os olhos em mim. Tive que entubar a culpa também. Quem sabe agora com esse cana poderíamos fazer as coisas de outro jeito.

Imaginei os outros policiais dizendo para ele: "Daqui a pouco ela volta, aposto que fugiu com o namorado", e senti raiva dele e de todos. Enquanto eu o observava manusear a foto, pensei em lhe cobrar um bolada para tirá-lo do meu pé, mas depois me lembrei da garota.

- Vai custar caro - disse a ele sem pestanejar.

Se a polícia era paga para procurar e não fazia nada, por que eu não seria paga?

Ele ficou em silêncio, olhando para mim. Agora parecia que uma certa maldade manchava o seu rosto.

- Amanhã eu trago o dinheiro, se quiser, e vamos até a casa da minha tia.

- Eu não entro em viatura - respondi.

Ele riu. Embora eu tenha gostado de ver seus dentes brancos e retos, seu rosto ficava parecendo o dos garotinhos do meu bairro, continuei olhando para ele séria.

- Vou de bicicleta.

Ele balançou a cabeça negativamente. Então disse:

- Vamos fazer o seguinte. A gente encontra amanhã, mas você me fala só dela. Nada da delegacia.

Ele sorriu, assentiu e disse:

- Amanhã eu passo para te pegar, venho no meu carro. Meu nome é Ezequiel.

Quando o cana foi embora, andei até o banheiro. Apesar de não ter mais ninguém em casa, fechei a porta para me olhar no espelho, sozinha. Eu também estava mudando. Sabia que os próximos dias seriam agitados. Queria me lembrar do meu rosto como era, como se eu pudesse perdê-lo na confusão que estava por vir, ser outro rosto. Depois apaguei a luz, saí do banheiro e me joguei na cama para continuar a dormir.

“Amanhã eu passo para te pegar, venho no meu carro.”

Essa foi a primeira coisa que me veio à mente quando acordei. Tudo errado, entrar no carro de um cana. Eu me levantei e, a caminho do banheiro, encontrei uns coturnos de mulher e os experimentei. O Walter tinha trazido alguma garota para casa. A porta dele estava fechada e eu não sabia se ele já tinha ido para a oficina ou se ainda estava na cama. Era melhor que ele estivesse ocupado: eu não tinha comentado nada sobre a minha saída. Arrumei os coturnos, coloquei o pé ao lado. Serviam. Eu nunca tinha tido coturnos como aqueles.

A garota não sairia descalça, então ela ainda devia estar lá curtindo com o meu irmão.

Com o mesmo pé empurrei os coturnos para o lado e segui para o banheiro. Enquanto mijava, olhei para ver se o Walter tinha tomado banho, feito a barba ou o que fosse, mas não. Só faltava aqueles dois aparecerem bem na hora que o cana chegasse. Lavei o rosto e escovei os dentes. A toalha tinha sumido: isso, sim, tinha o dedo do meu irmão.

Sacudi as mãos e as passei pelo cabelo. Voltei para o meu quarto para mudar de roupa tentando não fazer barulho. Iria esperar o sujeito do lado de fora, na porta, assim ele não precisaria entrar. Onde estavam as minhas

calças? De short eu não iria. Procurei no móvel onde guardava as minhas roupas e nada: duas leggings e mais shorts. Havia um monte de roupa suja no chão. Alguma hora eu teria que começar a lavar. Talvez houvesse alguma calça no sofá. Na maioria das vezes eu acabava adormecendo lá, com a música do PlayStation. Odiava quando o Walter o desligava, mas quando ele chegava em casa o desligava ou baixava o volume. Depois eu acordava às três ou quatro da manhã e não dormia mais até o sol nascer. Pior ainda se o gatos comessem a brigar em cima do telhado. O único jeito de continuar a dormir era com a música ligada.

Encontrei uma calça jeans embaixo do sofá da salinha. Estava bem limpa. Havia também uma garrafa de cerveja vazia, que eu deixei lá. Peguei a calça, sacudia-a e a vesti. Procurei os tênis, o celular e minha mochila. Estava com fome mas não havia tempo para comer nada.

Quando saí o sol batia no quintal de um jeito bonito. Fazia tudo parecer mais verde. Eu gostei. Por um momento esqueci que estava com fome. Não só a terra cheirava, as plantas também. Enquanto eu andava, inspirava tentando fazer com que aquele cheiro entrasse em meu corpo. Era o que faltava para eu acordar de vez. Fui até o portão. Não sei por que olhava para fora, já que não conhecia o carro do cana. Dei meia-volta e me encostei. O cadeado me machucou, espetou as minhas costas e me obrigou a desencostar. Olhava tanto para a

minha casa que me dei conta de que era difícil deixá-la. Não sei por quê, não era como se eu fosse até a lua. Era só ir até a casa da garota desaparecida e voltar.

– María não está, María sumiu – disse em voz alta e me virei.

O sol também batia na calçada. Um gato atravessou a grade correndo, dois cachorros atrás dele o perseguiram com a língua de fora.

– Xô, babões. Já pra casa!

Os cachorros seguiram o gato de longe, que, para variar, pulou no meu telhado. Os cachorros ficaram fuçando o lixo da esquina.

Já devia estar na hora. Enfiei a chave no cadeado, abri o portão e saí. Fechei o portão de novo e guardei as chaves na mochila.

Alguns minutos depois ele chegou.

Entrei em seu carro, que era cinza e cheirava a novo e ele deu a partida. Ele tinha dito que se chamava Ezequiel e era difícil para mim pensar em seu nome. Para mim ele era o cana. Ele também me olhava às vezes e era desconfortável, dava para ver que não sabia o que dizer. Lá fora o sol estava a pino. Em uma esquina, um garotinho tentou pular uma vala, calculou errado e caiu com os dois pés na água podre. A mãe, que vinha logo atrás, deu-lhe um cascudo na cabeça e o menino desatou a chorar. Olhando para eles, pensei na cabeça queimando com o toque, nos pés molhados pela água

suja, na raiva pelo salto mal dado. Era como eu me sentia naquele carro.

- Quer ouvir música? - disse o cana, como se tivesse percebido.

Endireitei o corpo, liguei o rádio. Passei por várias estações sem encontrar nada decente, até que sintonizei uma canção de Gilda. Minha mãe gostava de Gilda. Sempre me dizia que ela tinha sido professora de jardim de infância. Fechei os olhos e vi a minha velha cantarolando pela casa. As únicas tardes em que eu a via feliz havia música e o meu velho não estava. Naquela viagem de carro que eu não queria fazer minha velha tinha aparecido na voz de uma professora de jardim de infância que, cantando com um sorriso de lábios vermelhos, conseguia torná-la um pouco suportável.

Quando a música acabou, o cana disse "Obrigado" e tive que abrir os olhos. Eu ri.

- Você também gosta de Gilda?

- Obrigado por vir comigo até aqui fazer isso - disse.

Não parecia mais tão cana. Fiz um esforço para começar a pensar nele como Ezequiel. Era seu nome.

- Estou com fome - disse a ele. - Mas também não vou conseguir comer nada agora.

Ele não respondeu. Continuou dirigindo. Pensei que estava com a cabeça em outro lugar, que não ligava para o que eu tinha falado, mas logo depois estacionou o carro ao lado da calçada e me disse:

- Está vendo?

Apontou para algo do lado de fora, do seu lado do carro. Eu me inclinei para ver e li a placa: churrasco massas batata frita. Ao me aproximar dele, senti um perfume que me deixou louca. Não sabia se era o desodorante dele ou algum produto para o cabelo, mas gostei tanto que sorri. Voltei para o meu lugar.

- Faça o seu trabalho e depois paramos aqui. Não estou com nenhuma pressa - Ezequiel também sorriu.

Ele deu a partida no carro novamente e eu não senti mais meus pés molhados.

A casa de María era bonita. Muito mais bonita do que a minha, pelo menos. Eu não sabia onde estávamos e não quis perguntar. Ezequiel e sua tia olhavam para mim como se esperassem que eu dissesse algo e eu, sem saber o que dizer, me debruçava na janela para olhar a grama, a terra.

Depois de um tempo, a mulher comentou que sua filha gostava de tomar mate do lado de fora, enquanto lia as xerox do curso de enfermagem. Ela quase começou a chorar. Falei para Ezequiel ficar com sua tia e saí. Como a porta estava entreaberta, só precisei empurrar uma tela para mosquitos que era mais pesada do que parecia.

Era um quintal menor que o meu, mas nada ali crescia livremente. A grama cortada e sem ervas daninhas, as pequenas plantas, em jardineiras e canteiros, mal chegavam à altura dos joelhos. Comecei a dar a volta na casa, procurando alguma coisa, não sabia o quê.

Senti que a tela se abria e fechava. Em seguida vi que Ezequiel e sua tia estavam se aproximando.

- Vem que eu te mostro - disse ela. E depois: - Lá. Minha filha se sentava lá para tomar mate e estudar.

Apontou um lugar do quintal semelhante ao resto, mas com um tronco cortado e a grama um pouco mais alta em volta. Movi o tronco e debaixo dele surgiram alguns

tatuzinhos-de-jardim e centopeias, que começaram a se mexer. O tronco ficou virado, com a parte úmida que estivera apoiada na terra apontada para o sol. Nessa parte do tronco também havia alguns insetos vivos, que ficaram imóveis e desorientados por aquela luz inesperada.

Embaixo, livre do verde, estava a terra.

Pedi que eles saíssem e esperei. Nunca mais iria querer que me vissem comendo. Não me mexi até ouvir novamente a porta de tela. Sozinha, pude tirar os tênis, passar a mão pela terra, senti-la novamente em minhas pernas. Devolver, por um momento, meu corpo ao seu. Não fechei os olhos, mas pensei na foto de María que Ezequiel me mostrara. Era uma garota bonita, de cabelos pretos. Sorrindo, era linda. Pensei nos doentes felizes por serem tocados por uma garota assim.

No começo a terra é fria, mas ela esquenta na mão e depois na boca. Separei um pouco e peguei. Levei até à boca. Engoli. Fechei os olhos, sentindo a terra esquentar, me queimar por dentro, e comi mais um pouco. A terra era o veneno necessário para viajar até o corpo de María e eu precisava alcançá-lo.

Sem abrir os olhos, me deitei no chão. Eu tinha aprendido que daquela escuridão nasciam formas. Tentei enxergá-las e não pensar em mais nada, nem mesmo na dor que vinha da minha barriga. Nada, a não ser um brilho que olhei com muita atenção até ele se

transformar em dois olhos negros. E aos poucos, como se a noite os fabricasse, vi o rosto de María, os ombros, os cabelos que nasciam da escuridão mais profunda que já tinha visto na vida.

Só que a terra não abraçava seu corpo. Disso eu gostei. Ela usava um vestido claro que a fazia parecer mais jovem. Estava deitada em algum lugar. Estava viva.

Mas havia algo, um confinamento. A luz não entrava livremente ali onde María estava. Ela respirava, mas com medo. Nada nela sorria. O vestido que começava nos ombros depois se perdia em cobertas que pareciam prendê-la.

María olhava para mim. Sua expressão era um lamento de tristeza. Ela deixava a dor transparecer em seus olhos negros.

Enquanto olhava para ela me lembrei de que a minha barriga estava doendo, mas não queria voltar para mim. Eu me concentrei nela, tentando ficar lá para descobrir onde ela estava, mas todo o resto era escuridão. Na parede dos fundos, colada à cama de onde María me olhava, havia algo escrito que eu não alcançava ler. Mas eu conseguia ler? Nos sonhos, não. As letras ficavam estranhas. Não paravam quietas. Quando eu conseguia entender uma palavra, a seguinte mudava. Era quase impossível para mim ler nos sonhos.

Bati de frente em seu corpo e fiquei de mau humor. Não conseguia me mover para além daquele quarto e

enxergar o que viam seus olhos arregalados, com um pavor que doeu em mim como se estivessem me chutando. A dor voltava, meu corpo voltava para onde não deveria estar. Não conseguia ficar, era doloroso, eu estava sem ar. Estava tão perto de María que não adiantava.

Agora, sim, eu queria ir embora, e topava com ela de novo. Queria me afastar, olhar para ela e senti-la. Mas sabia que ela estava viva e por isso não me importava tanto com a dor. Reuni todas as minhas forças para me desvencilhar, parei de olhar nos olhos dela para conseguir andar para trás e ao mesmo tempo para além, para a parede, onde havia algo escrito que desta vez não tentei ler. Fiz de conta que estava tirando uma foto dela com o celular e então vi, carrega a tua cruz, e logo depois uma porta começou a se abrir. Senti um terror profundo. Foi a última coisa.

Abri os olhos.

Saí da visão sem ar, como se eu também tivesse passado dias naquele confinamento.

Penei para me levantar. Estava com sede. A garganta seca. A boca seca. Estava tonta. A sede estava me deixando idiota.

- Água - disse a Ezequiel quando o vi andando na minha direção. A mulher vinha atrás.

- Água - repeti. E com a boca morta de sede: - María está viva.

Eles me levaram até o banheiro. Bati a porta na cara deles. Bebi água com o mesmo desespero que sentia nos recreios, quando a professora Ana tomava conta da gente e a água de uma torneira aberta era a coisa mais gostosa do mundo.

Depois me procurei no espelho. Encontrei o que já sabia: “Sou como ela – disse a mim mesma. – Sei seu nome e sei que está viva. Quero encontrá-la. Eu me pareço com María. Nos lábios, no cabelo, na cor da minha pele há terra e há também ela: uns olhos que são, para mim, uma pontada na carne. Não vou deixar que ela fique lá, viva e abandonada entre sombras”.

– Batata frita, muita... E um bife à milanesa. Tem?

O prato que pedi, o meu preferido, era a comida de todos os meus aniversários. Eu me levantava da cama, calçava alguma coisa para que não me enchessem o saco, e saía do quarto à procura da minha velha.

Encontrava a torneira aberta, o jato de água batendo com força em uma montanha escura de batatas. Com a água, a terra se transformava lama e começava a se soltar como um rio turvo correndo pelo ralo da pia. Naquela época eu sabia muito bem descascar batatas com uma faca afiada, mas no meu aniversário nem tocava nelas. “Eu preparo”, dizia minha velha afastando-me um pouco com o braço, mas depois de um tempo lá estava eu de pé outra vez. Gostava de ver as batatas cortadas, gostava de vê-las fritar. Gostava de sentir seu cheiro.

Bifes à milanesa, um para cada. Às vezes o velho não chegava para o jantar, e mamãe guardava o bife dele entre duas folhas de papel-toalha. Mas a batata frita não. “Que se dane”, dizia ela e o Walter e eu morríamos de rir. Esses eram os melhores aniversários do mundo.

Ezequiel pediu carne de não sei o quê e salada. Salada? Tive que rir. Havia de tudo naquele lugar e o cara pedia alface.

- E para beber? - perguntou a garçonete, uma garota de cabelos lisos que devia ser uns dois anos mais velha que eu e anotava tudo em um caderninho quase sem olhar para nós.

Ezequiel pediu uma cerveja que eu nunca tinha bebido antes. Uma preta, de uma marca estranha. Chegou na mesma hora, gelada. Eu gostava de tudo ali, de estar lá, de expulsar do meu corpo a tristeza da terra com batata frita e cerveja.

- Você sabe que a gente precisa voltar, né? - disse Ezequiel com o copo já pela metade.

Eu fiz que sim com a cabeça. Sabia disso muito bem. María estava viva e eu não sabia o que fazer para descobrir onde. Não precisava engolir terra de novo para alcançar o pavor em seus olhos arregalados. Sua terra ainda estava em meu corpo.

- Agora estou muito cansada - disse, enquanto traziam uma bandeja prateada cheia de batata frita.

- Sim, eu sei. Vamos comer, depois eu te levo para casa.

Estiquei a mão e peguei uma batata. Havia um jogo de garfo e faca de aço enrolados em um guardanapo de papel. Mas eu queria tocá-las. Meter os dedos na fonte de batata. Estavam quentes, mas não a ponto de queimar a minha mão. Peguei uma, mordi e lembrei do gosto daquelas batatas cortadas grossas, que de tão

macias pareciam recheadas de purê. Saía fumaça dela e dei outra mordida.

Estava nesse êxtase quando Ezequiel disse:

- Amanhã eu passo para te buscar. Venho no meu carro.

Não quis olhar para ele. Estiquei a mão e continuei a comer as batatas.

Naquela noite eu sonhei com a professora Ana outra vez. Parecia que algo tinha se apagado dentro dela, nem com raiva ela estava. Sua tristeza, a única coisa acesa. Eu andava em sua direção e, quando a professora Ana me via, algo se acendia de novo.

- Estou sozinha aqui. Sabe? Não posso ir para lugar nenhum.

Era exatamente o oposto da visão de María. Estava em um lugar imenso que não tinha nada. Só a professora Ana, sempre.

Eu não sabia se era porque ela não usava o jaleco de professora, mas parecia muito mais magra do que antes.

O cheiro me dava ânsia de vômito e a professora Ana me olhava com pena.

- A dor que você está sentindo - dizia ela -, não é aqui, é a terra na sua barriga.

Eu não respondi, mas fiquei me perguntando quanta terra poderia engolir sem destruir a minha garganta, meu estômago, meu corpo.

Pensava que precisava acordar e não queria deixar a professora Ana sozinha.

- Eu tenho que ir. Me desculpa - disse a ela.

A professora também não se zangou com isso. Abriu os braços para que eu me aproximasse e, depois de me

abraçar, disse:

- Eu sei, eu sei. Corra, Cometera. María ainda está viva.

Eu estava esperando por ele.

O sol mal tinha nascido e eu já estava esperando por ele. O Walter, mais uma vez, estava enfiado em seu quarto com a garota dos coturnos. Eu os ouvira chegar horas antes. Não os espiei. Ele devia estar caidinho para ficar duas vezes seguidas com a mesma garota.

Agora, que eu mal via a luz de fora e ela começava a entrar pelo meu quarto, eu estava esperando por ele. Apesar de saber que Ezequiel não viria tão cedo, estava acordada pensando no que iríamos fazer. Eu me perguntava se além de ir até a casa de María, se além de comer terra e, quem sabe, encontrar a garota, faríamos alguma coisa, ele e eu. Isso me pareceu ridículo. Por que eu pensava uma coisa dessas?

Como não conseguia mais dormir, me levantei para tomar uma ducha. Fui até o banheiro. Mais uma vez as toalhas não estavam lá. Para que meu irmão e a garota dele sequestravam as toalhas da casa? A ideia de sair atrás delas descalça me agradou, pisar um pouco no meu quintal antes de ir. Alguma coisa me fazia pensar que talvez eu não voltasse.

Para chegar ao varal onde as roupas estavam penduradas eu precisava ir até a lateral da casa. Dei alguns passos. Sentir a grama de manhã me fez pensar

que meu pés nunca permitiriam que eu fosse embora daquele lugar completamente. Aquele chão estava cada vez mais úmido. Tentei levantar a grama com os dedos do pé para ver embaixo dela. Toquei-a. Mais tarde eu teria que comer a terra de outra mulher. Por isso, pensei, eu ficava olhando a minha por um tempo. Quando levantei os olhos, eu o vi.

Estava parado na calçada e ainda não eram nove da manhã. Ezequiel, com um sorriso que me encantava, estava olhando para mim. E eu parecendo um desastre, descalça, descabelada e quase sem dormir. Entrei rápido em casa para pegar a chave do cadeado. Pensei em calçar os tênis, mas meus pés estavam sujos... Então tive que abrir para Ezequiel do jeito que estava.

- Desculpa - disse ele quando abri o portão para deixá-lo passar. Ele me seguiu até a casa. Antes de entrar, me afastei um pouco, agarrei a primeira toalha que vi pendurada e voltei. Ele entrou e ficou parado na salinha, como se não soubesse o que fazer. Eu lhe indiquei o sofá e perguntei se queria tomar mate. Sentado, ele pareceu menos sem-jeito, mas ainda dava a sensação de que não conseguia colocar para fora algo que estava preso dentro dele. Assim, sofrendo, ele também não era um cana para mim. Era um cara como outro qualquer.

- Eu estava indo tomar banho - disse, e deixei a chaleira esquentando e o mate em cima de uma cadeira e entrei no banheiro.

Como Ezequiel estava me esperando eu não ia poder ficar no chuveiro até acabar com a água. Eu gostava de tomar banho assim. Água bem quente para molhar o cabelo e enchê-lo de xampu. Deixar a água cair em cima de mim. Deixar o xampu escorrer pelo meu corpo e sentir o perfume antes de me enxaguar. Peguei uma mecha de cabelo e aproximei do nariz. Depois cheirei o ombro, meu lugar favorito. Entrei de novo debaixo d'água por mais dois minutos. Agachei-me para pegar o condicionador e, quando levantei o pote vi que estava vazio. Sem condicionador eu não conseguiria pentear o cabelo. Pensei na garota dos coturnos e quis matar o Walter: meu irmão nunca tinha usado condicionador na vida. Tirei a tampa do pote, enchi de água, tampei de novo, agitei bem, saí da água e esvaziei o pote na cabeça. Tentei fazer com que ele chegasse até as pontas. Me ensaboei. A água já não estava tão quente nem eu tão contente com o banho. Quando terminei de me ensaboar, a água estava morna, então me enfiei debaixo do chuveiro por alguns segundos e depois saí. Comecei a me secar com a toalha que havia resgatado lá fora, uma toalha pequena que mal dava para o meu corpo. Os cabelos ficaram molhados. Enfiei a toalha debaixo da torneira por um tempo e a pendurei, toda encharcada, no gancho que ficava ao lado de espelho. Tirei a tampa do pote do condicionador e o deixei na pia. O Walter iria entender. Me vesti e saí do banheiro.

Ezequiel parecia uma estátua. Achei que ele não teria nem tocado no mate, mas já havia tomado meia chaleira. Nem sinal do meu irmão e da garota. Eu me sentei, tomei um mate, mas como eu mal havia me secado e o meu cabelo estava pingando na camiseta, fui ficando incomodada por estar com a camiseta molhada na frente de um cara. Fiquei de pé e disse:

- Vamos.

- É cedo, mas podemos dar uma volta.

Eu o peguei olhando para mim, de frente, para a parte molhada da camiseta, e ele desviou o olhar rapidamente. Eu me inclinei para trás para fazer um coque bem alto com meu cabelo. Larguei a chaleira e o mate e fui até o quarto procurar alguma coisa para colocar por cima da camiseta molhada, mas no caminho encontrei um sobretudo no chão. Era preto, fininho, com botões e listras vermelhas que eu amei. Vesti o casaco, fechei os botões, me virei e disse a Ezequiel:

- Estou pronta.

Não queria comer nada antes da terra. Ficamos dando voltas de carro à procura de algo para matar a larica depois.

- Um docinho? - disse Ezequiel e eu não pude conter um sorriso enorme.

Pensei em doce de leite e minha boca encheu d'água. Acontecia algo parecido com Ezequiel e seu perfume. Enquanto ele dirigia, eu respirava fundo. Adorava. Tentei

não olhar para ele, seguir a estrada com os olhos, mas seu perfume chegava do mesmo jeito.

- Falta pouco - disse ele.

Fechei os olhos e os abri assim que Ezequiel parou o carro. Pensei que tínhamos chegado, mas ele havia freado em uma esquina, em frente a uma confeitaria enorme pintada de amarelo. Ezequiel desceu, atravessou na frente do carro e, ao ver que eu continuava sentada, fez um sinal para que eu o seguisse.

Entramos. Fiquei olhando para todas aquelas coisas gostosas sem saber o que ele iria escolher. Mas quando a vendedora nos atendeu, Ezequiel olhou para mim e disse:

- Do que você gosta?

"Qualquer coisa que tenha chocolate com doce de leite", pensei, e me segurei para não rir.

Escolhi um monte de pães doces, especialmente aqueles com açúcar de confeitiro que deixam a boca igual a de um palhaço. Eu tinha certeza de que toda aquele doce ia durar pelo menos três dias.

Ele pagou no caixa a um senhor mais velho e sério que lhe entregou tudo em uma sacolinha com desenhos de pães.

Do lado de fora, Ezequiel me deu a sacola. Estava louca para abrir o pacote. Quando entramos no carro de novo ele me disse para colocá-la no banco de trás, para a volta. Acomodei-a com cuidado. Não pensava mais na

terra, e sim nos doces, como numa noite de bebedeira. Quinze minutos depois estávamos estacionados em frente à casa de María.

Não sabia seu nome. Para mim era apenas a mãe de María, a tia de Ezequiel. Ela me disse que não havia dormido nada e eu a entendi. Desde que comecei a comer terra para os outros, nunca mais dormi como antes. No dia anterior eu havia tirado duas cervejas da geladeira e uma deles tinha ficado pela metade ao lado do sofá. Bebi tentando pensar apenas na música que saía do PlayStation. Queria que a cerveja limpasse a minha mente. Não pensar em María amarrada, em María presa. Nem em sua mãe. E alguma hora acabei adormecendo.

E lá estava ela agora, a mãe, tentando se aproximar. Eu sabia que ela queria me dizer alguma coisa, mas eu não queria ouvir. Estava me guardando totalmente para a terra. Mesmo assim ela se sentou na minha frente e tentou pegar nas minhas mãos.

- Filha - disse ela, como se fosse pedir algo, mais com os olhos do que com a boca. - Filha...

Balancei a cabeça negativamente. Ela parou de falar. Apenas os olhos.

- Não, não é assim que funciona - disse a ela, evitando olhá-la, tentando não repassar em minha cabeça o tempo seco, os anos de abandono que machucavam meu corpo como uma lixa esfregada na pele, que fizeram com que eu nunca, nunca mais pudesse ouvir a palavra

“filha” saindo da boca de uma mulher. – Eu vim comer a terra da sua filha – disse, e me levantei para sair sozinha ao ar livre em busca de uma vida.

Acaricieei a terra que me dava novos olhos, visões que só eu via. Eu sabia o quanto era doloroso o chamado dos corpos roubados.

Acaricieei a terra, cerrei o punho e ergui em minha mão a chave que abria a porta por onde María e tantas garotas haviam passado, elas, sim, filhas queridas da carne de outra mulher. Levantei a terra, engoli, engoli mais, engoli muito para que novos olhos nascessem e eu conseguisse ver.

Era ela. O olho roxo de María era fogo e fúria em meu coração. Uma pancada que não existia no dia anterior em um rosto que era pura tristeza. Continuei a comer, embriagada de terra. Precisava ver. Lá estava María, que, como se pressentisse a minha presença, entrou em desespero. Eu tentei acalmá-la. Ela sacudia os braços com força, dois braços que não serviam para nada. Estava amarrada àquela cama que era só sujeira para um corpo nascido há poucos anos, quantos, talvez dezessete. A cama batia nas paredes e María puxava e puxava suas amarras, pedaços de pano vagabundos dos quais não conseguia escapar.

Novamente as letras pretas na parede daquele poço que era uma prisão para a garota. Elas se moviam, não

me deixavam ler. Em me agachei, mas não existia mais terra para me segurar. Tentei fazer uma bola com o corpo, mas a cabeça, erguida, encarava María e a parede atrás dela, as palavras pretas na escuridão. Ela não lutava mais com suas ataduras. Eu li, como numa foto, carrega a tua cruz.

A porta que ficava ao lado da cama se abriu e o barulho que ela fez nos encheu de pavor. Apenas seus olhos enormes não estavam vendados e contavam, aos meus, o medo, as pancadas e o desejo de fugir. Com dificuldade, vi um homem se meter no cômodo. A luz entrava pela porta como se fosse chamadas para os olhos de María e para os meus. Mas eu precisava vê-lo. Lutei contra a luz e, apesar dela me machucar, consegui vê-lo. Era um homem velho, a testa calva, cabelos brancos. Os braços finos ainda eram fortes. Um homem velho, como um avozinho de praça, que sacudia María e lhe dizia: "Fica quieta, mulher".

Não conseguia vê-la chorar. Quis mordê-lo, mas também não consegui. Apertei meus joelhos com força com os braços enquanto as letras se moviam até se desprenderem da parede, mariposas que voavam para cima de mim. O homem velho também andou na minha direção. Teria me visto? Não. Era o frio causado pelo medo, e então a tonteira e a dor eterna na minha barriga.

Precisava ir embora.

Apesar de não querer, saí tão escura quanto a noite,
uma mariposa batendo asas na minha cabeça: carrega a
tua cruz.

O dinheiro no meu bolso não me deixava feliz. Apesar de ter tentado com todas as minhas forças, eu havia falhado. María poderia morrer naquela mesma noite. Sua mãe apenas me disse “volte” e, puxando meu corpo para o dela, colocou um maço de notas nas minhas mãos sujas da sua terra.

Estávamos em silêncio no carro. Ezequiel também parecia triste. Nenhum de nós dois abria a boca. Olhei para as minhas mãos. A vontade de sair correndo foi tão grande que eu nem as lavara. A força enorme para não chorar tinha me obrigado a sair rápido da casa. Saquei o maço de notas amarradas com um elástico, olhei para ele e me lembrei da minha velha e de como ela se irritava se pegássemos em dinheiro na hora de comer: “Vão lavar essa mãos sujas – ela nos dizia –, isso está cheio de germes”.

Minhas mãos agora estavam mais sujas do que todo o dinheiro do mundo. Eu as abri tanto que o maço quase caiu entre as minhas pernas. Ezequiel olhou para mim e disse:

– Compre alguma coisa para você.

Não respondi.

– Você ganhou – insistiu. – Compre alguma coisa que você sempre quis ter. Algo para você.

Minha única resposta foi virar a cabeça para olhar pela janela, como se isso pudesse me tirar do carro, do dia, das minhas mãos sujas, do meu corpo e do feitiço da terra.

“Algo para mim”, pensei. Olhei para o casaco da garota do Walter. Lá em casa as coisas eram assim, nós as usávamos e ponto. Jamais tive coisas para mim.

Um tempo depois, passamos por uma esquina com uma loja que vendia lençóis e toalhas.

– Para aqui – disse baixinho ao ver a loja, mas ele passou reto. – Para aqui – repeti mais alto.

Desci do carro e fui andando até a loja. Já era quase meio-dia. O sol estava um pouco encoberto e começava a esfriar. O casaco, tão bonito, era de um tecido fininho que não protegia nada. Só fachada. Quando cheguei, empurrei a porta de vidro e entrei.

A garota atrás do balcão não parecia estar muito a fim de me atender.

– Gostou de alguma coisa na vitrine?

Eu não tinha visto a vitrine.

– Quero uma toalha grande, para mim.

Ela olhou para mim como se um marciano tivesse entrado na loja. Depois trouxe uma pilha de toalhas.

– Toalhas de corpo – disse ela.

Apoiou uma cor-de-rosa no balcão, que eu não toquei, outra cor de terra, nem pensar. A última era roxa escura, como uma garrafa de vinho. Passei a mão para acariciá-

la e era um bom produto. Eu a levantei, era pesada. Experimentei enrolá-la no meu corpo e adorei.

Não sei se a vendedora achou pior as minhas mãos cheias de terra ou o bolo de notas amarradas com elástico que eu saquei do bolso da calça, mas ela me disse, meio com nojo, "vem com esta toalha de rosto". Eu não ligava para a de rosto, mas disse "está bem" e a garota falou um preço que me pareceu justo. Tirei o elástico do maço de notas e comecei a contar. Ela estava vendo as minhas mãos sujas de terra, mas não senti vergonha. Só pensava em pagar e sair. Quando terminei, entreguei o dinheiro à garota, que levou tudo para dentro outra vez e depois reapareceu trazendo uma sacola grande com um laço cor-de-rosa. Primeiro eu odiei a sacola, mas depois pensei que era um presente, o primeiro presente que eu dei para mim mesma com o meu dinheiro, e gostei. Queria já estar em casa, tomando banho e limpando com água bem quente a sujeira e a tristeza do meu corpo e envolvê-lo com aquela toalha que seria minha.

Ezequiel estava me esperando do lado de fora. Olhou a sacola e sorriu, mas felizmente não disse nada. Fomos andando para o carro. Eu olhava para baixo, mas algo chamou a minha atenção.

Levantei só um pouco a cabeça e li "ferreiro", e depois um nome, "Francisco", e um número de telefone, tudo desenhado com ferros retorcidos que formavam uma

grade apoiada em uma parede cinza. Era uma casinha cinza, da cor de concreto, mas a grade a diferenciava das outras. Por um segundo imaginei um homem com uma solda e aqueles capacetes que cobrem toda a cabeça e protegem os olhos do fogo. Acima da grade, pendurada na parede, havia outra mensagem, escrita com a crueldade do ferro: carrega a tua cruz.

Meu coração me socou por dentro. Senti como se a mão invisível de um homem forte apertasse o meu pescoço para me estrangular.

Fiquei congelada na calçada para ver toda a fachada daquela casa. Li:

CARREGA A TUA CRUZ
QUE EU CARREGO A MINHA.

Eu não consegui dizer uma palavra.

Onde a força do metal se misturava ao cinza da parede uma porta começou a se abrir. Era tão velha que estava emperrada. A mão a empurrou para abrir apenas o suficiente para sair. Um homem velho surgiu arrastando uma estrutura de metal e a carregou até o que parecia ser a entrada de uma garagem. Era ele. Depois de largar a estrutura, o homem parou para se recuperar do esforço, ergueu os olhos e nos viu. Nós estávamos separados por uma grade de ferro, mas o homem olhou primeiro para mim e depois para Ezequiel. Mal sorriu para ele e imediatamente nos deu as costas para entrar

de novo e se trancar. Sua mão deu um tranco forte na madeira, empurrando-a. Havia alguma coisa pendurada na estrutura, um preço talvez, mas não cheguei a ler. Meus olhos ficaram pregados na porta. Pensei que ele iria sair outra vez, que teria ido buscar outro trabalho. Pensar em vê-lo novamente me deu pânico.

Tudo me pareceu surreal como num sonho. Parei de olhar para porta da madeira através da grade e olhei para Ezequiel. Ergui o braço, apontei para a porta e só então consegui falar:

- Maria está aqui dentro.

Não imaginei que ele estivesse armado, mas a última coisa que vi foi Ezequiel falando no celular com uma arma na mão. Eu tinha passado dias andando de carro com um cara e seu ferro sem perceber. Apertei tanto a sacola com as toalhas que o laço cor-de-rosa caiu no chão. Pisei nele e a sujeira dos meus tênis deixou o laço rosa da cor do barro. Dei alguns passos para trás e olhei para Ezequiel. Ele não olhava para mim, como se, depois de lhe dar o que estava procurando, eu não existisse mais para ele. E bem em frente à casa de um velho que tinha roubado uma garota.

Dei mais uns passos para trás, o suficiente para descer da calçada. Queria voltar para a minha casa. Ezequiel gritou ao telefone. A mão do celular se movia com a mesma naturalidade da que segurava o ferro.

Como eu quase nunca saía do meu bairro, não sabia voltar sozinha para casa. Eu tinha deixado um cara armado me levar para ajudar uma garota que eu não conhecia. Dei meia-volta e comecei a andar. Andei cada vez mais rápido. Quando ouvi Ezequiel me chamar, comecei a correr. Percorri os dez quarteirões da esquina da rua até encontrar a casa de María sem respirar. Não pensava em Ezequiel, nem nos outros caras, nem no que

iria acontecer. Só pensava na minha casa e em voltar para ela.

A mãe de María abriu a porta e ao me ver daquele jeito, toda suada e sem conseguir respirar, correu na minha direção. Tive medo. Abri a boca. Tentei falar, dizer alguma coisa, explicar o impossível, mas não foi preciso. As sirenes das viaturas que passaram pela rua a toda velocidade encobriram a minha voz, que nunca saiu. Segundos depois a mãe de María não estava mais na minha frente, sacudindo-me para que eu dissesse alguma coisa, mas sim correndo pela calçada atrás dos carros da polícia.

As portas dos vizinhos também começaram a se abrir. Saíam para ver o que estava acontecendo. Eu entrei, aproveitando que a mulher tinha deixado a porta aberta.

Quando Ezequiel voltou, já estava de noite. Tinha tomado um soco na cara. Ele tinha sangrado, mas seu sangue estava seco. Eu o vi entrar e não disse nada. Chegou sozinho, sem a mãe de María. Fazia horas que eu o esperava. Não tinha conseguido me sentar de tão nervosa. Minha cabeça doía e o estômago pegava fogo. Ele se aproximou de mim, em silêncio, e fiquei surpresa por ele chegar tão perto. Abraçou-me. Senti seu corpo se chocando ao meu.

- Obrigado - disse Ezequiel. - María está viva.

Ele ficou me abraçando durante um tempo. Não conseguia me mexer nem dizer nada. Tampouco queria. Tudo estava perfeito assim. O abraço curava o meu corpo. Meu estômago e minha cabeça não estavam mais doendo. Não sentia medo. Nada. Não sei por quanto tempo ficamos assim. Ezequiel disse obrigado de novo e, antes de me soltar, tive a impressão de que ele cheirou meu cabelo. Não sei por que, mas a única coisa que pensei foi que ele não era muito mais velho que meu irmão. Devia ter a mesma idade.

- Vamos para a sua casa. Eu te levo- disse ele, e eu fui até a cozinha buscar a minha sacola com as toalhas.

Quando eu conseguia dormir a noite inteira sem acordar, a professora Ana aparecia.

Em meu sonho, sob a placa onde a encontraram, na terra eletrizada pela luz rançosa que os ossos exalavam ao se transformarem em pó, a professora Ana apodrecia como a carne de um cachorro morto se decompõe na estrada. Seus ossos não eram dóceis como bichinhos de estimação, eles me perseguiram, furiosos, com a energia devastadora dos que buscam justiça.

Não sei por que eu a via assim naquela noite, como uma morta cujos restos brilhavam, já que a polícia havia encontrado seu corpo quando eu era criança e o tinha levado.

Esfreguei os olhos.

Lá estava Ana outra vez:

- Você já me esqueceu? Quando você vai engolir terra por mim outra vez, minha pequena?

Nunca me atrevi a engolir a terra abaixo da professora Ana apesar de saber o lugar exato onde ela ficou. Preferia lembrar dela perfeita, limpa como o jaleco que secava na corda da minha casa, ao sol daquelas manhãs que não voltam mais.

Ana abriu a boca. O tempo deixou marcas em seu rosto. A raiva que ela sentia de seus assassinos doía em

mim, me puxava para o centro da minha noite,
obrigando-me a não acordar.

- Estou aqui embaixo, Cometerra. Quando você vem engolir terra por mim?

Uns dez dias depois a mãe de María veio à minha casa outra vez. Meu irmão não estava e Ezequiel também não. Ele às vezes vinha me ver e dar notícias de María: que ela estava se curando, que não estava tão triste, que já falava em voltar à escola de enfermagem outra vez. Também contava do velho, preso, e dos vizinhos, que tinham tentado colocar fogo na casa. Só quem estava comigo era a garota do Walter que, quando não estava estudando, não fazia nada, como eu. Às vezes eu tinha vontade de perguntar a ela se queria jogar PlayStation comigo, mas ficava com vergonha. Então colocava música e ela vinha para perto escutar. Em outras ocasiões ela lia e repetia em voz baixa textos de uma pasta preta toda rabiscada de Liquid Paper. **Força, meninas!** estava escrito na capa em letras grandes e isso me fez pensar que ela, sim, devia ter amigas.

Uma vez perguntei a ela o que estava estudando e me respondeu que era algo de História que ia cair na segunda chamada. Ela ficou lendo durante um tempo. Leu um monte de coisas e eu fiquei escutando porque gostava de ouvir sua voz. A garota do Walter agora tinha um casaco preto tão fininho quanto o outro. Devia morrer de frio como eu, mas ficava lindo nela. Os cabelos longos, com grandes ondas, eram a combinação perfeita

para o tecido escuro e sua boca vermelha dizendo que um dia existiram povos que só abandonavam a terra onde viviam e trabalhavam para ir à guerra matar ou morrer.

Seu cabelo estava ficando emaranhado na parte de trás. Eu tinha percebido isso na semana anterior e agora havia um nó enorme. Não tínhamos xampu nem nada e há dias lavávamos a cabeça com o mesmo sabão branco que usávamos para lavar roupa.

Pensei no Walter se trancando no quarto com ela, nos dois rolando no colchão, nos amassos esfregando e estragando o cabelo dela. Meu cabelo nunca tinha sido assim, tão lindo. Disse a ela que iria comprar algo para comer e saí. A garota do Walter continuou sentada no sofá, a pasta aberta apoiada sobre as pernas cruzadas e a cabeça olhando para baixo, os olhos enterrados na matéria que precisava estudar.

Quando voltei com uma caixa de hambúrguer, alguns pães e um condicionador para presenteá-la, me deparei com a mãe de María, que estava esperando no portão da entrada. Estava sozinha, sem sua filha. Agradei mentalmente. Cumprimentei-a com um gesto de cabeça, que a mulher respondeu pestanejando. Abri o cadeado, empurrei o portão e entramos. A garota do Walter tinha adormecido no meu sofá, toda enroscada feito um novelo. A pasta fechada ao lado do corpo.

- Aqui - disse a ela em voz alta.

Quando ela acordou, eu lhe entreguei o condicionador, um pote enorme que havia custado duzentos pesos. Deixei a sacola com os hambúrgueres e o pão em cima da mesa. Ela sorriu ao receber o pote, mas não disse nada. Tirou um maço do bolso do casaco e ficou fumando no sofá. Fiquei feliz por ela ter permanecido ali comigo. Se a velha dissesse que eu era a chefe do tráfico ou cabeça de uma rede de tráfico humano ela continuaria ali, ao meu lado, fumando e olhando os desenhos da fumaça no ar, como se não desse a mínima.

Mas a mulher ficou de pé, perto da porta, e disse apenas "obrigada". Parecia outra pessoa de tão calma. Algo em seus olhos me dizia que ela estava dormindo de novo. Sacou um bolo de notas da bolsa, desta vez menor que o anterior, e me ofereceu. Eu me lembrei das horas que tinha passado em sua casa enquanto María era resgatada. Tudo limpo e arrumado a não ser pela mesa da sala de jantar, que tinha centenas de fotos da filha. Dessa vez eu disse não. A mulher guardou o bolo de dinheiro na bolsa sem insistir. Ela me agradeceu novamente, como se não soubesse o que mais poderia fazer. Eu lhe estendi a mão e achei que ela fosse chorar quando a segurou. Senti pena. Não sei se por ela ou pelo que María havia passado, ou pela minha mãe, ou por Florencia, ou pela namorada do Walter, ou por mim. Pena de todas nós. Uma tristeza imensa.

Acompanhei-a até o portão. Dei um beijo meio desajeitado nela e ela foi embora pela calçada da minha casa, como tantos outros, para nunca mais voltar.

Eu achava a professora Ana tão bonita. Eu nunca tinha visto o corpo de uma mulher nua. Morta, sim.

Mas como eu continuei crescendo e a professora Ana não, aos poucos nós íamos chegando à mesma idade.

Às vezes nos sentávamos para conversar.

Nunca lhe perguntei: "Quem te levou?", porque eu temia que, se falasse algo sobre isso, ela poderia morrer no meu sonho também.

Mas uma vez, enquanto ela falava sentada ao meu lado, eu me agachei, peguei um pouco de terra do chão embaixo dela e experimentei. Ela me olhou com espanto. Disse para eu não fazer mais isso porque era proibido. Ela tinha sido sempre assim com a gente. "É proibido subir na árvore porque você pode cair." "É proibido correr porque você pode se machucar."

Eu ri. Mas depois de engolir a terra dos sonhos e ver o pouco que vi, soube que Ana estava certa, que era melhor não, que havia uma razão para isso ser proibido.

Havia uma garrafa estranha, com um cartão e um número de telefone. Embora fosse dia e o sol batesse forte, quando a levantei e li pensei em uma longa noite. Ela tinha aparecido alguns dias antes junto ao portão de entrada. Tinha a cor da água e da terra que haviam colocado dentro dela.

Não quis deixá-la no jardim, entre as plantas e as outras garrafas. Levei-a para o meu quarto e no final a coloquei ao lado da cama. Gostava de agitá-la, de misturar tudo e depois observar a terra se assentar no fundo e a água ficar em cima. Como num jogo em que você lança as coisas e depois elas caem de pé sozinhas. Algo simples. Algo que nunca acontecia comigo.

Mas o cartão tinha o nome de uma garota, e eu sabia muito bem que aquele nome vinha com uma história, e que eu não iria gostar tanto assim dessa história. Se eu não deixasse a garrafa no jardim, em algum momento teria que lidar com ela: destampá-la, experimentar, ligar para aquele telefone como se fosse uma obrigação, a mula de alguém. Aí, sim, poderia jogá-la fora. Mas havia o nome da garota. O nome que tinha sido escolhido por alguém, e eu não esquecia aquele nome.

Fiquei com a garrafa no quarto por uma semana, e então decidi que era melhor acabar com aquilo de uma

vez, experimentar e ver o que acontecia. Era capaz de não acontecer nada. Porque havia pouca terra e estava no fundo e o resto era água. Quem foi que falou que agora eu também engolia água para ver? Era só o que me faltava.

Agitei-a um pouco, abri a tampa, fechei os olhos e engoli com vontade de vomitar, na esperança de passar de um nome a um rosto borrado.

Vi uma garota feliz correr até a água. Não era mar, porque não havia areia. Tampouco casas, barracos, favelas, como os que existem em volta do córrego. Vi muito verde e a garota entrando na água com um sorriso. Mas o sorriso foi ficando turvo, como se ela estivesse bêbada, e seu corpo se desesperava à medida que afundava, ela queria voltar. Mãos, braços, pernas lutavam para escapar da água. O ar foi desaparecendo e ela, a garota, permaneceu no fundo da água, que de tanto tocá-la a apagou dos meus olhos. Antes de abri-los novamente, porque doíam, pensei que a noite e o fundo da água eram muito parecidos.

– Achei que você não ia me ligar – me disse o garoto do outro lado da linha.

– Onde é? – perguntei.

Ele ficou em silêncio, como se não esperasse por essa pergunta, e depois desandou a falar que morava no bairro do Congreso, que se eu quisesse ele viria me buscar, assim a viagem não seria tão longa. Eu o cortei:

– Cara, onde é que a sua namorada ficou? – Como ele não respondia, acrescentei: – E tem mais, eu não saio da minha casa.

O garoto foi rápido, não demorou nem duas horas para vir. Sentado no sofá da salinha, ele me contou.

– Paraná de las Palmas e Paraná Miní, em Tigre.

Disse que eles conheciam muito bem o lugar, que foram para lá nos três últimos verões, que se sentiam em casa, e que essa foi a sua perdição, porque depois de se jogar no rio ela nunca mais voltou. Disse que, com o tempo, sua namorada quis ficar morando lá. Falou o quanto o rio era bonito, tão largo que as árvores cresciam dentro da água. Disse que os poucos habitantes da ilha, assim como a polícia e os mergulhadores táticos, haviam procurado a garota.

Eu devo ter feito uma cara de quem não estava entendendo, porque aí ele me explicou que os

mergulhadores táticos eram uns caras que nadavam até o fundo do rio e tentavam encontrar um corpo, usando mais o tato do que os olhos. Fiquei triste ao pensar nas mãos de um corpo vivo esticando-se para tocar alguma parte da garota que eu tinha visto sorrir e pular. Por isso eu precisava ir até lá, porque já havia provado a terra e a água que ele trouxera. Não faria diferença se ele trouxesse outra garrafa.

- Preciso ver o lugar onde sua namorada pulou. Meu irmão tem uma moto e pode me levar.

- Não dá para ir de moto. É uma ilha, você vai ter que fazer parte da viagem de barco.

Eu me sentei na cadeira, o corpo jogado para trás, e olhei para ele em silêncio. Estava me arrependendo de ter aceitado tão rápido. Ele, como se adivinhasse, disse:

- É um barco coletivo, leva um monte de gente, você não precisa ir sozinha.

O garoto deve ter ficado mais uma hora falando e tentando me convencer. Depois foi embora, meio desanimado, com a sensação de que a visita não serviria para nada.

Depois meu irmão apareceu para pegar umas ferramentas, me viu sozinha, com a perna apoiada no braço do sofá e ficou olhando para o meu pé descalço. Perguntou por que eu estava deitada daquele jeito. Eu respondi que estava assim porque não sabia como fazer o rio devolver uma coisa. Que o que a terra tinha me

contado não era suficiente. Ele olhou para mim e disse por que você não vai ver uma mãe de santo. E saiu para a oficina.

Até que não é uma má ideia, pensei. Seria bom perguntar, aprender. Olhei para a garrafa, que estava ao pé da cadeira, ao lado do celular, fechei os olhos para ver a garota sorridente outra vez. O que eu podia fazer para que ela voltasse?

Peguei o celular e liguei para o Ezequiel.

Era uma casa toda branca.

- Melhora essa cara, menina - disseram uns lábios pintados de vermelho, e foi como se uma daquelas imagens de santo andasse descalça na minha direção. - Você também é uma bruxa.

E então ela riu. Era uma mulher com seus cinquenta anos, cabelos pretos e um corpo enorme, como se algum poder terrível precisasse de sua carne firme para se instalar confortavelmente. Um colar de miçangas coloridas caía sobre seu vestido branco e o dividia em dois. Os cabelos, quase tão compridos quanto os meus, balançavam-se acompanhando a força de seus quadris.

Lá dentro o calor das velas era sufocante e a fumaça espessa lembrava a dos incensos. A porta se fechou atrás de mim. Em uma das paredes, mulheres pintadas caminhavam de costas para a água, afastando-se, deixando pegadas douradas na areia. Elas pareciam deusas e eu gostei daquilo. Fiquei olhando para ela e, não sei por quê, pensei em meu corpo e me imaginei com aqueles vestidos. Senti vontade de rir. Eu era tão magrela que não servia para deusa.

Apesar de não ver nem escutar mais ninguém, eu sabia que a mulher não estava sozinha. Tentei não parecer assustada. Veio à minha mente a voz do garoto dizendo:

- Em vez de buscá-la na saída do colégio, como fazia todas as tardes, eu me vi seguindo a corrente de um rio.

Tomei coragem e encarei a mulher. Ela sorriu e me disse:

- Eu sou a mãe Sandra. O que te trouxe até aqui?

O garoto nos indicou o caminho. Eu escutei enquanto ele explicava a Ezequiel como chegar e citando um monte de lugares dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Quando ele terminou, Ezequiel fez um sinal para que eu entrasse no carro. Nós nos despedimos do garoto e partimos.

“Tigre”, estávamos indo a Tigre, eu gostava desse nome. Da palavra “ilha”, por sua vez, eu não gostava nada: era preciso outras pessoas para se chegar a uma ilha.

Atravessamos a cidade em silêncio e pegamos a rodovia. Percebi que Ezequiel se deu conta de que eu estava nervosa porque me disse que eu podia ligar o rádio, se quisesse, que hoje ele topava qualquer música que eu escolhesse. Isso me fez rir.

– O que eu quiser?

Coloquei em uma rádio de cúmbia e embora tentasse disfarçar, dava para ver que aquela música era uma tortura para ele. Eu fiquei olhando pela janela. Comecei a sentir sono, mas não conseguia desgrudar os olhos da estrada.

– Você precisa ir porque o rio está pedindo um corpo – me dissera a mãe de santo. – A viagem vai ser boa, a chegada não. Forças contrárias não querem te receber.

Estão te esperando, mas fica tranquila. Você vai se sair bem.

A mãe de santo olhou para mim, vi algo em seus olhos, não estava mais rindo. Seu silêncio me incomodou. Senti que ela estava procurando algo dentro de mim. Depois ela colocou a mão sobre a minha cabeça, apesar de eu jogá-la para trás. Ela me prendeu com sua mão como um inseto e eu não consegui mais mexer. Depois de um tempo, não sei dizer quanto, ela me soltou, com um sorriso discreto. Eu estava muito cansada, como se aquele momento sem palavras tivesse durado muito tempo, mas não, não havia sido muito, e tampouco entendi o que havia acontecido. Mas sei que alguma coisa aconteceu.

Ezequiel estava calado, olhando fixamente para a frente. Quanto mais rápido íamos, mais sono eu sentia. Reclinei o banco e me deitei. Agora só via o teto do carro, a janela e o céu, e algumas nuvens que se moviam devagar ao longe.

Perguntei a mim mesma se algo também estava nos olhando lá de cima, como a mãe de santo me dissera.

Em algum momento, adormeci.

Quando acordei, Ezequiel estava fumando com a janela aberta. A minha ficha demorou a cair: o carro estava parado. Baixei o vidro e um cheiro forte entrou, como de terra molhada. Ou melhor, um cheiro de água. Era hora de começarmos a viagem de barco.

Sáímos. Ezequiel fechou o carro e eu olhei para o rio. Um vento frio soprava da margem como se quisesse nos expulsar. Fazia os lábios doerem. De qualquer forma, era impossível tirar os olhos da água.

O barco não era o que eu tinha imaginado. Parecia mais com um daqueles ônibus piratas que levam ao mercado La Salada, só que jogado na água. Ezequiel me chamou. Tínhamos que subir. O barco estava esperando. “Está bem, eu não ligo, que espere”, eu pensei, mas subimos e nos sentamos na janela, um de frente para o outro. Estava lotado. Pouco depois partiu.

Eu gostava do verde, mas era tanto verde que cansava. Tentei olhar para as ilhas que passavam pela janela, mas meus olhos iam parar em Ezequiel. Ele estava de óculos escuros. Enquanto ele olhava a paisagem, eu olhava para ele. Os cabelos, os óculos, o nariz, a boca, o pescoço, até a camisa que ele vestia. Eu adorava tudo. Como eu fui burra, pensei. Devia ter perguntado à mãe de santo o que estava rolando com esse cara. Comecei a rir sozinha.

Ele me perguntou o que foi. Eu disse “sei lá” com os ombros e cheguei um pouco mais perto dele. Através das lentes escuras, vi os olhos de Ezequiel e em seguida, na boca, um sorriso enorme. Passamos o resto da viagem nos encarando. Eu conseguia sentir o mesmo perfume da vez que andei com ele de carro. Minha boca encheu d’água.

Uns trinta minutos depois já estávamos na ilha onde teríamos que descer.

- Chegamos - disse Ezequiel se levantando do banco.

Andamos por umas pranchas de madeira até pisar a terra de novo. Agradei por sentir a terra firme embaixo dos meus pés novamente. O barco partiu e nós ficamos sozinhos. Ezequiel se afastou, não percebi para onde ele foi, e eu fiquei na margem olhando para o rio, com aquela ideia estúpida de que descobriria algo olhando para ele. Eu o olhava sem conseguir reter nada. O rio muda o tempo todo.

Senti alguém me chamar. Era Ezequiel, estava gesticulando para mim, mas eu me virei para a água e comecei a caminhar pela margem da ilha. A terra tão preta, coberta de grama, era visível apenas na beira, misturada a raízes que pareciam minhocas. Pode parecer estranho, mas achei uma pena não a provar. Não tinha ido até lá para isso. Eu já sabia o que havia acontecido ali.

Caminhei tentando imaginar o lugar onde a garota tinha pulado, mas Ezequiel, parado em uma clareira entre árvores e plantas de folhas enormes, continuava me chamando e gesticulando, então caminhei na direção dele. À medida que eu me aproximava, desviando de galhos e arbustos, as cabanas começaram a aparecer. Estavam suspensas por palafitas enormes. Lembravam aquelas da beira do córrego, só que eram chiques.

Quando cheguei, fiquei parada na frente dele e, sem lhe dar tempo de abrir a boca, perguntei:

- Você sabe nadar?

Ezequiel riu. Disse que sabia nadar, porque na escola de tiras era obrigatório fazer aula de natação. Gostei de ouvi-lo falar assim, "tiras". E pensei que quando estávamos sozinhos ele não parecia um deles.

Estávamos esperando o namorado da garota há um bom tempo, e ele ainda não havia chegado. Eu precisava que ele mostrasse o local exato em que ela tinha afundado.

Ezequiel fingia que não estava acontecendo nada, mas fumava um cigarro atrás do outro. À medida que escurecia, o barulho dos insetos aumentava e o ar começava a esfriar.

Nós nos sentamos no piso de madeira em volta da cabana. Ezequiel disse novamente que o namorado da garota ia pintar a qualquer momento. Eu não falei nada, mas tive o pressentimento de que iríamos passar a noite lá. Já estava tarde demais para o garoto aparecer. Senti vontade de tomar uma cerveja. Perguntei a Ezequiel se ele poderia conseguir uma e ele disse que estava pensando a mesma coisa, mas que não dava.

– Que não dá o quê! Quero uma cerveja – respondi, e ele olhou nos meus olhos, sorrindo com um sorriso novo, meio saidinho, e disse que ia atrás de uma e logo estaria de volta.

Fiquei fazendo nada por um tempo, recostada na madeira, olhando o céu e as árvores, ouvindo os insetos, que já estavam por toda parte. Segui com o olhar um inseto de antenas estranhas que andava lentamente pela

tábua em direção ao meu tênis branco. Eu não gostava de insetos. Levantei a gola da minha camiseta e me cheirei. Disso, sim, eu gostava. Eu tinha tomado banho naquela manhã, como se já soubesse.

Senti frio e entrei na cabana. A cama ficava no meio do quarto. Era enorme, com lindos lençóis e um cobertor cor de tijolo. Eu me sentei na beira da cama, olhando para a porta por onde Ezequiel entraria com a cerveja. Cruzei as pernas e comecei a desamarrar os cadarços dos tênis.

Quando ele voltou, primeiro fez um carinho na minha cabeça. Eu empurrei a mão dele.

- Para de bancar o mocinho - disse a ele e nós rimos.

Ezequiel deixou seu casaco em uma cadeira ao lado da cama. Ele me passou a garrafa e, para beber, eu me sentei e cobri o meu corpo nu com o cobertor. Nós nos olhamos. Eu não queria sorrir. Não queria facilitar tanto. Ele tirou o pulôver que usava por cima da camisa e se aproximou outra vez. Não passei a cerveja para ele. Ezequiel a tomou de mim, bebeu um gole demorado e a colocou na mesinha ao lado da cama. Ao fazer isso, a garrafa bateu na lâmpada e a única luz do quarto piscou por um segundo. Bem nessa hora, senti Ezequiel me puxar pela nuca e me dar um beijo com gosto de cerveja.

A mão em meus cabelos empurrava a minha cabeça em sua direção, enquanto ele me puxava para perto de seu corpo tocando minha cintura nua. Achei sua mão

áspera ou talvez eu a sentisse assim porque seu beijo de lábios suaves e álcool tinha me deixado tonta. Nada em seu corpo me soltava. Me deixei arrastar até ele. Sua roupa estava fria. Eu já tinha tirado até a calcinha, então tentei tirar sua camisa, mas na posição em que estávamos era impossível.

Afastamos nossos lábios. Rimos mais ainda.

Ezequiel tirou a camisa voando e me puxou novamente pelos cabelos com uma das mãos. Reclinei um pouco o meu corpo, apoiando-me nos cotovelos, e ele riu mais uma vez. Com a mão livre, abriu o cinto, baixou o zíper da calça e tirou-a. A outra mão agarrou a minha nuca. Eu não conseguia me mover. Ele me puxou. Colocou o pau para fora da cueca e o aproximou da minha boca. Eu me deixei levar por um beijo suave, como se estivesse beijando uma língua. Terminei de tirar a sua cueca. Eu gostava da pele que estava tocando. Podia apertá-la com meus lábios enquanto seu pau brincava em minha boca, cada vez mais fundo. Ezequiel olhou para mim enquanto eu o chupava e eu o encarei também. Ele segurou a minha cabeça com as duas mãos. Manteve a pressão por um tempo até que, num movimento rápido, tirou o pau da minha boca e suas mãos procuraram os meus quadris e me puxaram para ele.

Eu me deitei e abri as pernas. Ezequiel beijou os meus peitos, que são do tamanho de um punho cerrado. Depois, sem tirar a boca do meu peito, desceu as mãos

até a minha boceta e me tocou. Senti seus dedos ferverem. Fui ficando molhada. Ele continuou mais um pouco, depois colocou as mãos nos meus quadris outra vez.

Uma seca e a outra molhada, as duas mãos me agarraram com força. Queria ver a cara dele ao entrar em mim. Queria acariciar suas costas que estavam em cima do meu corpo. Ezequiel ficou me encarando por um tempo. Depois, seus olhos foram se perdendo e os meus também. Não o vi empurrar, meter, pressionar, segurar a minha bunda com força, com as duas mãos, e empurrar de novo.

Com os olhos fechados, eu podia ouvir nós dois, sentir o instante em que Ezequiel tirou sua mão úmida do topo da minha bunda e a enfiou na minha boca enquanto seu corpo empurrava e estremecia violentamente, como se tivesse perdido o controle. Senti meu coração disparar e pressionei meu corpo contra o dele. Algo dentro de mim se revirava, e em seus dedos, contra a minha língua, senti o sabor do meu corpo.

Ainda era cedo, mas já havia amanhecido há um tempo e o sol estava pleno.

Todo mundo tinha me falado da beleza daquelas ilhas, da vegetação, da imensidão do rio. Mas para mim o lugar cheirava à confinamento. A água parada.

O rio, empacado, não queria devolvê-la. Ele a escondia como a noite esconde os bichos.

Já sabíamos o local exato onde a garota havia pulado. O namorado tinha vindo cedo, no barco coletivo. Chegou, indicou o lugar e foi embora o mais rápido que pôde, como se não quisesse ficar nem mais um minuto ali.

Nós ficamos sozinhos outra vez, Ezequiel, o rio e eu. Agora nós três andávamos para o mesmo lado, estudando nossos passos.

“Te amo”, Ezequiel me dissera na noite anterior. Eu estava com o cabelo no rosto, e o pau dele dentro de mim, e não disse nada.

Mas agora eu caminhava até a ponta da ilha pensando na garota. Ezequiel havia ficado para trás, ele me seguia com os olhos, em silêncio, como se me deixasse livre para agir.

Apertei o passo. Não pensei que as coisas fossem dar errado. Não estava pensando no depois.

“É só uma coisa pela outra”, a mãe Sandra me dissera.

Eu me virei, olhei para ele, e algo em mim o fez reagir e começar a me seguir.

Sim, era só uma coisa pela outra, mas aquele rio de merda não queria flores, nem sangue, nem velas acesas. Ele pedia outra coisa. Pensar nisso me dava muito medo, então eu não pensava. Deixei o meu corpo me guiar. Eu só esperava que Ezequiel realmente soubesse nadar.

Uma coisa pela outra. Recuperar o que restava da garota ia acabar sendo como ir a um quiosque, entregar algumas notas e receber algo em troca.

Senti raiva.

Virei-me uma última vez, para confirmar que Ezequiel ainda seguia os meus passos, e não pensei mais. Corri, pulei e me joguei no rio.

Foi como um transe, algo me levou. Não sei direito o que aconteceu nem quanto tempo durou, porque foi como adormecer aos poucos no fundo da água. Eu gostei de dormir lá, de sentir a água doce entrando em meu corpo como uma droga, mas ele me puxou.

Quando acordei, estava em uma cama. Não era a minha, nem a da cabana, nem a de ninguém que eu conhecesse. Ezequiel estava comigo. A princípio não falei nem olhei para ele, mas sabia que estava lá. Podia sentir seu cheiro. Ele se movia com cuidado para não fazer barulho. Não era um tira qualquer, era o tira que cuidava de mim.

Fiquei quieta, os olhos fechados. Os lençóis eram ásperos, pareciam de papelão, e arranhavam as minhas pernas, ainda mais dormentes do que eu. Elas tinham sido inúteis embaixo d'água. Não queria que ninguém falasse comigo ainda. Sentia, através das pálpebras, a luz. Uma luz para doentes.

Queria ir embora daquele lugar de merda.

Ezequiel me puxou. Ele me salvou. Eu agora queria saber o que tinha acontecido com a garota da água. Se havia alguma notícia. Mas não queria abrir os olhos, a boca menos ainda. Na minha cabeça permaneciam o barulho da água e o frio que machucava tanto.

Abri os olhos, a luz outra vez. Ezequiel me viu, se aproximou, tocou o meu braço. Eu quis dizer a ele que estava bem, que era melhor irmos embora daquele lugar horrível, que queria voltar para a minha casa, mas que, acima de tudo, eu o queria, mas não consegui dizer nem um ai.

- Acabou - ele me tranquilizou. - O corpo dela apareceu hoje de manhã. Afogada.

"Afogada", disse ele, e o frio voltou.

Não tentei mais falar. Relaxei, deixei a minha cabeça cair no travesseiro. Fechei os olhos. Afogada. Era tudo verdade. Achei que era pouco. Senti raiva. Afogada.

Depois que comi terra no sonho, Ana ficou esquisita. Estava desconfiada de mim. Eu tentava conversar com ela como antes, mas não era igual. Havia silêncio. Ela olhava tudo o que eu fazia e eu achava que ela estava me vigiando porque temia que eu comesse terra de novo.

Uma vez ela me disse:

– E sei que você pulou no rio, e era proibido.

Parecia zangada. Esperava que eu dissesse algo e, como eu não soube o que responder, fiquei calada olhando para o chão.

Ela veio para cima de mim, pegou a minha mão e foi me puxando para um lugar novo. Não reconheci aquele caminho até ver a placa: Depósito Panda.

Pensei que iríamos parar ali, onde a encontraram, nua, seu corpo aberto na terra como um sapinho, mas não. Seguimos até o galpão, alguns metros à frente.

Havia uma porta e, assustada, comecei a rezar para que estivesse trancada. Ana a empurrou e a porta se abriu.

Eu não queria entrar. Nunca havia sentido tanto medo em um sonho. Queria acordar mas não conseguia.

Ana parecia possuída. Implorei para ela me soltar, mas ela me arrastou até a porta. Pedi que eu espiasse e eu

olhei lá dentro. Vi uma mão com uma faca. Meu coração deu um solavanco. Eu tremia tanto que precisei me apoiar no batente da porta. Mesmo com os olhos fechados, continuei vendo a mão de um homem, as veias saltadas, segurando uma faca apontada para o meu irmão.

Comecei a chorar. Eu queria implorar para Ana parar, mas não consegui abrir a boca. Senti que se ficássemos mais um segundo iriam esfaquear o Walter.

– É proibido vir ao Tito el Panda, entendeu?

Quando acordei, meus pulsos doíam como se eu tive sido algemada.

Eu estava atravessando o primeiro dos sete quarteirões que me separavam da estação de trem. Ainda era cedo. Nas casinhas via-se a roupa pendurada que as pessoas tinham esquecido de recolher e que o orvalho da manhã havia molhado. A minha velha não gostava que nós andássemos na rua tão cedo. Dizia que a essa hora ainda havia homens virados da noite anterior e que esses eram os piores.

No dia anterior tinham deixado uma garrafa com a xerox do retrato de um garotinho sorridente. Dizia “Dypi”, havia um endereço e um telefone e perguntavam se alguém o tinha visto. Algo naquele sorriso me dizia que ele estava vivo, então, em vez de engolir terra, preferi ir vê-los.

Quando saí de casa não parecia que ia chover. Ainda não havia caído uma gota, mas o céu estava escurecendo. Apertei o passo e cheguei à esquina. Faltava um quarteirão, depois pegar a rua diagonal e cortar caminho por lá. Eu poderia ter pegado a paralela, que era mais curta, mas eu não gostava dela: os galos mortos eram jogados nessa rua.

Eu tinha aqueles galos gravados na memória. No início eles eram colocados na esquina, com velas vermelhas, milho e todo um espetáculo, mas depois começaram a

envolvê-los em sacolas pretas que não os cobriam completamente e nos forçavam a ver: os pés secos ou uma crista que despontava, e me fazia pensar em folhas arrancadas de gerânio.

A rua diagonal era movimentada e no final dela começava o quarteirão das paineiras. Eu era louca pelas paineiras desde pirralha, quando meu irmão e eu chapinhávamos na lama depois de uma tempestade e a terra era um tapete de flores rosadas que iluminavam o barro e o tornavam mais bonitos aos nossos olhos.

Estava quase chegando à passagem de nível quando a chuva desabou. Corri já sentindo o cheiro da terra molhada. Passei pela barraquinha de tortilhas, mesa, cavaletes e banco acorrentados ao poste de luz. Ela não abria em dias de chuva. Corri o mais rápido que pude, mas não consegui. A minha ficha caiu: por mais que eu corresse, não conseguiria pegar o trem.

Parei no cruzamento. A chuva formava uma cortina linda. Do outro lado dos trilhos, atrás da cortina, vi um garoto chegar com um cachorro enorme. Estávamos sozinhos: ele e seu cachorro de um lado e eu do outro. O trem começou a passar. Eu os via por um segundo, o tempo que cada vagão levava para passar, um piscar de olhar entre os vagões. Percebi que o garoto chamava o cachorro, desesperado. O animal tinha se adiantado e ameaçava se jogar embaixo do trem, e o garoto, aos

gritos, tentava fazer com que ele voltasse, mas o cachorro não dava a mínima.

“Ele não vai atravessar – pensei. – Ele tem que saber que não pode atravessar.”

Mais um vagão terminou de passar e o cachorro continuava tentando. O garoto chegou o mais perto que pôde sem correr o risco de ser sugado pelo trem. O cachorro não desistia. Estava esperando o momento exato.

“Ele não vai atravessar”, pensei.

O vagão mal tinha acabado de passar, o animal avistou um espaço maior e se lançou.

Acho que ele não tinha colocado nem metade do corpo quando o trem o pegou. O cachorro demorou apenas um grito para morrer. O trem o deixou amassado, alguns metros à direita dos trilhos.

Esperei o trem terminar de passar e atravessei. O garoto se ajoelhou ao lado do animal, cuja cabeça estava virada feito uma coruja entre as pedras. Não havia sangue, mas o pelo parecia algodão rasgado. Deve ter sido um cachorro muito bonito.

– Por que você quis morrer? – dizia o garoto.

Chovia tanto que tive medo de que o garoto, no estado em que estava, não visse outro trem vir. Eu precisava ir. Não tinha tempo.

– Cara, já foi, o trem o pegou – disse a ele numa última tentativa de fazê-lo levantar, mas o garoto continuou na

mesma:

– Por que você quis morrer?

Fui caminhando debaixo da chuva, que àquela altura tinha me deixado completamente encharcada. Cheguei à bilheteria. Colada à parede, ao lado da janela do guichê, estava a xerox com a cara do Dypi, com um sorriso tão grande que formava furinhos nos cantos da boca. Mais uma vez senti que ele estava vivo. O homem atrás do vidro parecia estar dormindo e não quis acordá-lo. “Nada de passagem”, pensei e andei até a plataforma.

A única coisa boa que me aconteceu nessa viagem foi que o trem chegou meio vazio e pude me sentar. Encostei a cabeça na janela e revisei a lista de estações. Medí o tempo entre uma estação e outra e assim calculei a duração da viagem. Coloquei o alarme no celular e dormi.

Mas nem dormindo tive descanso. Sonhei que abria a porta de casa e dava alguns passos até topar com algo perdido em meio à sujeira da calçada. Era pequeno e eu precisava me agachar para ver. Um filhotinho de pombo caído. Abria a boca, mas não saía som. Eu queria ajudá-lo, mas não sabia como. Ele só ficava me olhando. O alarme tocou alguns minutos antes de chegar à estação onde eu deveria descer.

A chuva tinha parado, mas o céu continuava nublado. Crianças brincavam em meio às poças na rua de terra. Não vi carros. Andei alguns quarteirões até encontrar o endereço que procurava. Como não havia campainha, bati palmas. Uma garota abriu e perguntei por Eloísa. Apareceu um homem, que me fez entrar.

- Eloísa não está. Já deve estar voltando.

Os olhos do sujeito estavam se fechando.

Nas laterais do terreno havia um alambrado, como os dos campos de futebol, mas na frente, na entrada, tinham colocado apenas três fileiras de arame fino entre alguns postes. A casinha ficava no meio, então dava para ver tudo. De vez em quando eu espiava para ver se a mulher estava vindo. Havia uma gaiola com um papagaio encostada em um dos postes. Um papagaio enjaulado é quase um papagaio morto. "Má sorte", pensei. E o papagaio, como se tivesse me ouvido, começou a dizer: "Bebum, bebum, vai dormir".

O velho queria se matar.

Eu fingia que não estava ouvindo o papagaio. De vez em quando eu girava a cabeça para olhar um cavalo amarelo que comia capim. Certa vez me disseram que os cavalos dessa cor têm um nome especial, mas nunca me lembro qual é.

Depois de um tempo pintaram duas mulheres.

– Eloísa está fodida. Ela vive na rua procurando o filho. Outro dia eu a vi enrolada nuns sacos para se proteger da chuva. A Eloísa está ficando maluca.

Ao lado, o cavalo comia capim como se nada tivesse acontecido.

Uma delas disse:

– Você precisa pegar quem levou o garoto.

A outra assentiu com a cabeça.

Depois elas trouxeram uns banquinhos e se sentaram com a gente. Não passou nem meia hora e Eloísa apareceu. A mulher entrou e ficou nos encarando. Deve ter estranhado toda aquela gente reunida. Ela carregava umas sacolas muito grandes. Pensei que eram as que ela usava para se proteger da chuva, mas não: dentro delas estavam as xerox com a cara do Dipy. Ela as tinha colado por todo o bairro.

A mulher contou que o filho estava desaparecido há doze dias e que a polícia não tinha dado bola. Procurei os olhos dela e disse:

– Dona, eu vim provar a terra da sua casa.

A mulher magra, que tinha continuado a conversar se fazendo de desentendida, trouxe um pratinho com terra que sabe-se lá há quanto estava preparado. Peguei um pouco com a ponta dos dedos, amassei o bocado no prato, levantei-o e o enfiei na boca. Fechei os olhos.

Imediatamente vi o Dipy em uma carroça. O cavalo amarelo o conduzia com firmeza, mas havia algo de errado no garoto. Ele coçava a braguilha como fazem as crianças pequenas quando querem ir ao banheiro e ficam enrolando até não aguentarem mais.

Dipy queria fazer xixi e saiu da estrada, parando próximo a algumas árvores. Decidiu dar uma folga para o cavalo também: soltou o animal da carroça, deu umas palmadinhas em seu pescoço e em seguida o acariciou com vontade. O animal o ultrapassou em direção à grama. Deu alguns passos e se deteve bruscamente. Dipy parou para mijar. Quando quis voltar para a estrada, o animal não o obedecia mais. Dipy contornou o cavalo, para ver o que havia de errado, e justo nessa hora o animal, assustado com algo que tinha visto, começou a dar coices e um deles acertou a cabeça do menino.

Abri os olhos, tonta. A primeira coisa que pensei foi que iriam matar o cavalo a pauladas. Eu não queria ficar para ver isso.

– Dona, preciso falar com a senhora a sós. A mulher me olhou e disse:

– Vamos lá para fora.

Lá fora contei o acidente para Eloísa. Ela não disse nada, apenas olhou para o animal que o Dipy usava para dar uma volta. O cavalo pastava oferecendo seu pescoço ao sol que começava a despontar. Eu repeti: foi um

acidente. Eloísa não quis me ouvir. Em vez disso, começou a falar:

- Eu vou dizer às outras mulheres para não deixarem as crianças sozinhas. Elas podem ser roubadas.

Enquanto a mãe do Dipy falava, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Não quis dizer mais nada. Apertei as mãos da mulher, que não queria sequer olhar para mim. Ela repetia:

- Existe um sujeito por aí que leva as crianças que saem de carroça.

- Preciso ir - disse a ela.

Eu me despedi de todos rapidamente e saí do casebre. Não queria contar ao avô, não queria contar a ninguém. Desci pela rua de terra. Saquei meu celular, liguei para Ezequiel e lhe contei a história do garoto. Que um cana cuidasse disso. Dipy já estava morto. Depois pedi que ele viesse à minha casa. Precisava vê-lo.

Eu estava esperando há mais ou menos meia hora quando Ezequiel chegou. Entrou, começou a falar comigo, mas eu mal o ouvia.

- O que é que você tem? - disse ele e continuou a falar um monte, e eu sem conseguir me conectar com a história que ele não parava de contar. Para que ele entendesse, coloquei a mão em seu pau por cima da calça e com a outra segurei uma das mãos dele e a levei até a raiz dos meus cabelos. Logo no início das carícias Ezequiel relaxou e conseguiu sorrir. Ele me abraçou, me apertou contra ele. Eu adorava sentir o seu cheiro. Estávamos sozinhos em casa, como se nada mais importasse além de nós dois e dos nossos beijos. Comecei a beijar o pescoço dele, beijos que logo se transformaram em lambidas que esvaziaram a minha mente. Suas mãos me soltaram de repente para abrir o botão de sua calça jeans, baixar a braguilha e colocar seu pau duro para fora.

Chupar o pau de Ezequiel era como um jogo para mim. Eu pensava em um sorvete enquanto o lambia e o beijava. Ezequiel me deixou brincar um pouco, até que me agarrou pelos cabelos e me colocou de pé. Suas mãos desabotoaram a minha calça e a puxaram para baixo bruscamente, como se a estivessem rasgando, e

então ele me inclinou contra o sofá da salinha. De cara para o chão, sua mão tocou o que seu pau iria penetrar, ele me acariciou demoradamente, como se tivéssemos todo tempo do mundo. Acima de tudo, senti seu calor. Doeu um pouco quando ele começou a entrar, mas logo Ezequiel estava se movendo dentro de mim e eu estava enlouquecendo.

Duas noites depois sonhei com Ana. Fazia tempo que ela não vinha. Já estava achando que não ia mais sonhar com ela, mas lá estava ela outra vez, perguntando se eu tinha ficado com raiva.

Não respondi.

Ela disse que tinha demorado a vir porque pensou que eu estava com raiva. Menti, disse que estava feliz em vê-la, que não estava com raiva nem nada.

Agora eu também não confiava nela. Uma vez ela me pediu para provar a sua terra e depois, quando tomei coragem, ficou louca. Também não queria que ela me puxasse pelos punhos como da última vez. Mas Ana era minha amiga e nunca quis perdê-la.

Eu disse:

- Vamos tomar uma cerveja?

- É proibido - respondeu Ana, arregalando os olhos.

E nós duas nos mijamos de rir.

Embora eu quase sempre percebesse que era um sonho, nunca lhe perguntava: "Quem te levou?", mas pensava cada vez mais nisso.

Ela tampouco tocava no assunto, mas eu senti que ela percebia. Pensar nisso me doía demais.

Naquela vez que engoli terra do sonho vi um sujeito arrastar Ana pelos cabelos e ouvi risinhos insuportáveis.

Tudo ficou sombrio menos ela. Seu corpo branco parecia brilhar na noite escura e entre as mãos escuras que a arrastavam e tiravam sua roupa. Senti um calafrio de pavor e não quis mais ver. Como ela me repreendeu depois, também não mencionei nada.

Ficamos em silêncio.

Ana carregava uma bolsinha pequena no sonho. Olhou para ela, depois para mim e disse que aquele dia seria seu aniversário. Perguntou se eu sabia e fiz que não com a cabeça. Então ela abriu a bolsa e tirou uma lata de cerveja.

Olhei para a lata, achei que era uma quantidade ridícula para nós duas, mas ela sorria tanto que não liguei.

- Nos aniversários - disse ela -, é permitido.

E, quando ela a abriu, a lata fez aquele barulhinho que eu adorava.

Era tarde de sexta-feira. Ezequiel estava de plantão e só iria me visitar no outro domingo. Pensar no quanto faltava para vê-lo era como atravessar o La Salada inteiro de olhos vendados. Eu me sentava no sofá da salinha, me levantava de novo, dava uma volta, me sentava outra vez. Não conseguia ficar parada.

O Walter estava em seu quarto com os amigos fazendo um esquentão antes de ir para o Rescate. Desde que a garota dos coturnos parou de vir, meu irmão passou a gostar de sair para dançar e desaparecia durante todo o fim de semana. Naquela sexta-feira eu não tinha nenhuma intenção de ficar trancada sozinha.

Bateram na porta de novo. Saí do sofá e fui abrir. Alguns amigos do meu irmão pareciam de outro planeta. Chegavam, não davam nem oi, apenas: "Walter está aí?", "E os joguinho?", e iam direto para o quarto.

Mas quando abri, um deles me perguntou se eu queria um chocolate.

Eu ri e disse que não.

Então ele tirou algo do bolso, eu pensei que era o chocolate, mas o garoto me ofereceu um fininho dizendo:

- Quer fumar?

Fumamos sentados na porta observando o mato. O papel cheirava a chocolate e soltava uma fumaça doce à

medida que queimava. Eu chapei olhando as plantas. Como nem o Walter nem eu estávamos cuidando do jardim, a passiflora parecia prestes a engolir a casa. A maioria das flores já tinha desabrochado. Restavam apenas alguns botões laranjas. Para além dos galhos, meu bairro se agitava como acontece ao anoitecer, e não me incomodou imaginar que se um dia Ezequiel, meu irmão e eu fôssemos para a puta que pariu, a passiflora devoraria tudo como uma planta carnívora.

Uma casa também podia morrer.

Demoramos a nos levantar e foi como se nos espreguiçássemos depois de dormir. Passamos rindo pela salinha. O garoto se enfiou no quarto e eu no banheiro para molhar o rosto. Não queria ficar sozinha. Eu teria que rebolar para convencer o Walter a me deixar ir ao Rescate com ele. Passei a mão ainda úmida pelo cabelo tentando não sorrir, mas não conseguia. O sorriso estava tatuado na minha cara.

Quando entrei no quarto, o garoto já estava sentado no chão entre os outros. O cômodo estava cheio. Parei na porta e disse:

– Qual é a boa?

O Walter não respondeu.

Um garoto que eu não conhecia perguntou:

– O que tem para beber?

– Nada, acho. Mas podemos comprar umas cervejas no caminho para o Rescate. Eu tenho dinheiro – disse,

olhando para o meu irmão.

O Walter tirou os olhos por um segundo do PlayStation e olhou para mim.

- Esquece - respondeu apressado. - Não tem a menor chance de eu te levar.

Sua resposta me encheu de raiva. Ele nem parecia estar ouvindo!

Saí do quarto e fui até a cozinha atrás de uns cascos. Abri a geladeira, mais por hábito do que na esperança de encontrar alguma coisa, e vi que havia duas cervejas. Peguei as garrafas e tirei também duas canecas do armário. Voltei para o quarto do meu irmão equilibrando tudo. Quando empurrei a porta com o pé, uma das garrafas escorregou da minha mão e se espatifou no chão.

Apesar de segurar o riso, um lado meu se animou ao ver os cacos de vidro espalhados por toda parte. Fui até a cozinha pegar as coisas para limpar e na volta me lembrei da mamãe. A minha mãe amava os animaizinhos de vidro fundido, que ela comprava por uma mixaria em qualquer feira. Meu velho viu aqueles bichos coloridos dominarem primeiro a parte de cima da geladeira e depois o resto da casa e começou a encher o saco da minha mãe, perguntando por que ela gastava dinheiro com aquelas porcarias. Até que um dia ele ficou louco e quebrou todos eles. No dia seguinte, minha velha foi juntando os pedaços e colou todos os animais com

Poxirán. Às vezes eu ficava admirando-os. Não eram mais transparentes e o marrom da cola os deixara escuros, como animais monstruosos.

Se eu achei tão engraçado quebrar uma garrafa é porque também sou filha deles, pensei, enquanto jogava os cacos de vidro na lata do lixo. O Walter apareceu sozinho na cozinha.

- Maninha - disse ele, colocando a mão no meu ombro.
- Vamos nessa.

O Rescate estava lotado.

As garotas e os garotos andavam com as mãos esticadas para o alto, como se fossem sóis, para não derrubarem seus copos de cerveja descartáveis de um litro. O chão tremia ao ritmo das minissaias. Assim que chegamos o Walter se perdeu entre elas feito um zumbi. Achei que fosse a música, mas não. Seus olhos se perderam no colorido das saias.

Não é só o amor que acelera os batimentos cardíacos, a música também.

Todos sorriam uns para os outros, encaravam-se. Todos se tocavam e dançavam. A fumaça do cigarro subia misturada a outra que parecia sair dos corpos e escapar até as luzes do teto. Eu não esperava encontrar ninguém. Enquanto via tanta gente se abraçar e festejar, acabei esbarrando em Hernán.

- Eu agora tenho mulher - gritou para que eu pudesse ouvi-lo. - Ela se chama Yésica.

Assim que ouvi o nome consegui imaginar aquele Hernán, de quem há anos não tinha notícias, com uma garota.

- Temos uma menina de dois anos - acrescentou.

Quase caí para trás. Hernán, fazendo pose de pai, sorriu e estufou o peito.

Gostei de reencontrá-lo.

- Você não é mais aquele cagão que sai correndo - disse, e tomei um bom gole de cerveja.

Apesar de não querer, pensei por um segundo em Ezequiel. Depois bebi mais até esvaziar o copo e senti vontade de seguir a música e os outros garotos.

- Escuta, você pode dançar? Não quero nenhuma garota me puxando pelos cabelos, olha lá!

Agora era Hernán quem estava rindo. Disse que a Yésica era muito maneira e que, sim, ele podia dançar, porque ela não ligava para isso.

Começamos a nos mexer. Fomos ficando com calor. A roupa de Hernán era preta. A minha também. Só nós dois estávamos de preto naquele lugar. E ele, ainda por cima, com uma jaqueta com tachas e uma caveira desenhada, e os dois lados da cabeça raspados com máquina zero. No começo nos atropelamos um pouco, mas continuamos assim mesmo.

"Las manos arriba", dizia a canção, e todos levantavam as mãos e marcavam o ritmo, simulando tiros para o alto. Eu também levantei as mãos.

Dançamos muito e, em vez de ficar cansada, quis cada vez mais. Depois de um tempo Hernán disse que precisava ir, que estava atrás de um contato para comprar um prensado, mas que antes me pagaria uma cerveja.

Ele foi buscar a cerveja e voltou. Bebemos na lateral da pista, observando a dança dos outros. Eu me senti uma turista, não sei se ele também se sentia assim.

- Me desculpa - disse ele uma hora, sem levantar os olhos do copo. - Eu fiquei com medo.

Depois me deu um beijo e um abraço demorado. Deu meia-volta e foi embora. Enquanto eu o via andar em direção à saída, fiquei lembrando daquela noite, do sujeito no carro e dos tiros. Foi a última vez que estivemos juntos.

Quando estava quase perdendo na multidão, Hernán se virou, levantou a mão para se despedir uma última vez e desapareceu.

Fiquei sozinha por um tempo, até que tive vontade de ir embora. Minha cabeça estava cheia das palavras cuspidas pela cúmbia, mas não de sua alegria. Eu também me sentia meio tonta e minhas pernas formigavam.

Andei até a saída. Havia um corredor escuro que parecia um túnel. Passei por ele devagar, como se não tivesse certeza de que deveria sair. Quando saí do Rescate, estava tão escuro que não soube dizer se garoava ou se o orvalho que caía um pouco antes do amanhecer. Eu esperava ver o caminho de palmeiras que levava à Rodovia 8, duas fileiras de árvores magras que viviam entre lajotas e caminhões barulhentos, mas os refletores me cegavam, e por isso precisei olhar para o chão para seguir em frente.

Andei assim por vários metros até que levantei a cabeça de novo e semicerrei os olhos para enfrentar as luzes. Havia muita gente nervosa, andando de um lado para o outro, e mais à frente uma aglomeração estava se formando em volta de alguma coisa, como quando acontece um acidente. Embora aquilo me incomodasse, eu precisava passar por lá de um jeito ou de outro. Apertei o passo, empurrando para atravessar o mais rápido possível, e vi que havia alguns canas tentando

conter as pessoas e, mais adiante, alguém caído no chão com uma poça de sangue em volta. Cheguei mais perto para ver. Primeiro reconheci a jaqueta preta com tachas e a caveira, depois o rosto de Hernán.

Alguém me puxou pelo pulso.

– Que diabos você faz aqui com esses negros, porra?

Era Ezequiel. Ainda tenho tatuada, na minha cabeça, a cara de cu que ele fez quando viu que eu estava ali. Eu nunca tinha ouvido ele nos chamar de “negros”.

Vomitando toda sua fúria em mim, Ezequiel pegou a minha mão e nós atravessamos o cordão de isolamento que seus colegas estavam montando. Não sei para onde ele queria me levar, mas dei um puxão em sua mão e fiquei parada para deixar claro que eu não daria mais nenhum passo. Aproximei-me de Hernán. A dor me ajudou a cair de joelhos, ao lado de seu corpo.

– Conhece ele? – perguntou Ezequiel.

Não respondi, tampouco soltei sua mão. Não a soltei nem quando estiquei a outra para acariciar, como um todo, corpo e terra. Deixei-a apoiada ao lado da jaqueta preta, olhando a caveira bordada para não ter que olhar para Hernán. Então arranquei um pouco de terra seca, quebrando-a, assim como um amigo é arrancado da vida de um amigo quando morre.

Eu queria falar, não sei se com a terra ou com o corpo de Hernán, mas apertei mais a mão de Ezequiel e me levantei.

Não escutava nada. Os outros canas afastavam os curiosos, mas eles davam trabalho, não queriam sair. E eu, enquanto isso, com uma vontade de falar que me queimava a garganta. Mas se eu falasse não conseguiria engolir terra. Apesar de o silêncio rasgar a minha alma. Sentia frio no corpo inteiro, exceto na mão quente que segurava a de Ezequiel. Guardei a outra no bolso, apertando a terra como um tesouro.

Percebi que as pessoas estavam olhando para mim. Alguém disse “Cometerra”?

Eu não escutava, mas via toda aquela nuvem de olhos arregalados como buracos. Por trás do rímel escorrido e das caras insones, raiva e pena se misturavam.

Ezequiel me tirou de lá, me levou até seu carro, abriu a porta do carona, me colocou sentada e fechou a porta. Eu ainda sentia os olhos das pessoas me olhando.

– Me espera aqui.

Do que eles tinham medo?

De mim?

Hernán, que partira a tempo da primeira vez, agora estava morto. Ele nunca tinha voltado. Eu é que, sem procurá-lo, fui ao seu encontro.

Esperei Ezequiel se afastar um pouco e coloquei na boca o pedaço duro de terra.

Sabia que iria me machucar. Fechei os olhos.

Por um instante tudo virou noite.

Então comecei a ver.

Dormi de ressaca. Deve ter sido isso. Ana, no meu sonho, estava com muitas olheiras. Eu nunca a tinha visto assim. Falava como uma desequilibrada.

- Depósito Panda, proibido - ela repetia como se fosse um feitiço.

E eu, para acalmá-la, dizia que já sabia. Que ela já tinha me dito.

Mas Ana não acreditou em mim. Ela me olhou com olhos tristes e disse:

- Mas você irá. Você irá!

Estava louca, irreconhecível.

- Não foi só um. Um me arrastou. Outro me amarrou. Vários arrancaram a minha roupa.

Eu não queria ouvi-la. Tapei os ouvidos e disse a mim mesma que era só um sonho, um sonho, enquanto a dor perfurava a minha cabeça.

Ela continuava e eu não conseguia nem contar os caras que ela ia nomeando.

Tirei as mãos das orelhas e Ana se calou.

Esperou um pouco e, quando teve certeza de que eu estava ouvindo outra vez, insistiu:

- Depósito Panda, proibido.

Acordei. Não queria sonhar com Ana nunca mais.

Seus braços e pernas nunca estavam parados, assim como seus lábios, que falavam com a magia de atrair todos os olhos. Seu corpo tinha a carne exata, como um pequeno artefato, mas com a força das coisas novas. Eu calculava que teria uns treze anos, mas ainda não sabia se era menino ou menina, e queria que falasse alto, porque eu tinha dormido pouco e andava meio perdida. De onde estava, não conseguia ouvir sua voz. Mas seu riso chegava até mim. “Miseria”, diziam, e pensei que iria se irritar, mas não. Continuou se mijando de rir como se não fosse nada. E, toda vez que alguém dizia “Miseria”, atendia, como se fosse um nome qualquer.

Quando acordei em casa depois do meio-dia, Walter pintou com os mesmos garotos com quem tínhamos ido ao Rescate na noite anterior. Cada um deles, além disso, havia trazido uma garota da boate, e alguém – o Walter? – veio com Miseria.

“Só pode ser uma menina”, pensei, enquanto nem eu nem ninguém conseguíamos tirar os olhos dela.

Quase todos estavam sentados no chão. Um casal, no sofá da salinha e Miseria no meio, tagarelando sem parar.

Meu irmão estava na cozinha, preparando Fernet, e de vez em quando vinha nos trazer um. Quando um copo passava, a mão que o recebia o levava à boca, devagar,

como se, entre um gole e outro, restasse alguma coisa, uma lembrança de Hernán.

Miseria devia ser a única que não o havia conhecido. “Pirralha demais”, pensei. Tão magrinha e com um cabelo que mal cobria as orelhas e toda hora caía para frente, no canto da boca.

O Walter me entregou um Fernet e eu me sentei no chão. Embora eu bebesse devagar, a bebida bateu na hora. Eu não tinha comido nada. Aos poucos, o chão da minha casa foi se transformando num velório sem corpo. Copos de mão em mão, algumas risadas, silêncio.

O que iríamos fazer?

Eu não conseguia pensar em nada. Queria ligar para Ezequiel. Queria que todos saíssem da minha casa. Se Ezequiel tivesse chegado e encontrado todos nós bebendo, não entenderia nada.

Sentada no chão, dobrei as pernas para abraçar os joelhos. Estava tão enroscada e metida nos meus pensamentos que, quando Miseria falou comigo, tive dificuldade em falar para fora. A menina estava se sentando ao meu lado e perguntou se eu me importava.

Eu me dei conta de que todos estavam com alguém menos eu.

- Tranquilo - eu disse e ela se sentou.

Ela me contou que tinha deixado a legging no guarda-volumes da boate. Não respondi. Estava pensando que não tinha me despedido de Hernán, que agora era tarde

demais. Uma garota começou a chorar e alguém ao seu lado a abraçou e lhe entregou uma bebida.

- Por isso estou usando a calça do seu irmão - disse Miseria e caiu na gargalhada. - Estou parecendo um bofe. Ela me fazia lembrar de mim mesma.

- Se você deixou a sua legging no guarda-volumes, o que diabos você já estava usando quando saiu do Rescate?

Miseria fez um gesto com o polegar e o indicador, indicando um tamanho minúsculo.

- Então, com a minissaia, amarela, como a da música - respondeu.

Eu sorri para ela.

Miseria assentiu com a cabeça e então me contou que tinha visto Hernán quando era criança. Quando sua velha não arrumava nenhum bico, ela a levava ao bandejão do bairro. Foi lá que os garotos começaram a chamá-la de "Miseria".

- Vou ler a sua mão - disse então a pirralha atrevida.

Não pedi permissão, segurou a minha mão, e ao olhar para ela me lembrei de quando eu era uma garotinha e também ia a um bandejão.

Comia-se tudo com colher porque não havia garfo nem faca. Tínhamos que nos virar. A dona as entregava tentando olhar na nossa cara, e nós abaixávamos a cabeça para não vermos a careta que se formava no canto de sua boca, como um verme. Eu evitava olhar

para ela porque sentia medo. Se pegasse alguém comendo com a mão, batia com a colher de pau na pessoa. “Animaizinhos”, dizia ela.

Depois que mamãe morreu, a tia levava o Walter e eu ao bandeirão da velha para enchermos a barriga. Uma vez aquela mulher me disse o mesmo que agora essa pirralha estava me dizendo olhando para a minha mão:

- A longo prazo você vai se dar bem. Vai encontrar o seu rumo, mas pagará um preço muito alto.

Sem saber por quê, fiquei sorrindo, como se tivesse sido mordida pela ***culebra del amor*** da canção que Hernán e eu havíamos dançado na noite anterior.

Olhei para o Walter como quem diz: “De onde é que você tirou essa garota?”, mas meu irmão não entendeu. Continuou a distribuir Fernet como se fosse um remédio.

Tomei outro gole do meu copo e pensei mais uma vez: “Que porra iremos fazer?”.

Se eu abrisse a boca, todo mundo ia querer arrebentar o Ale Skin.

A primeira vez que o vi foi há milênios, mas eu lembrava como se tivesse sido ontem. Eu era criança, tinha seis ou sete anos, e andava de pirraça, obcecada com umas botinhas que eu queria porque queria ganhar. Ninguém me dava bola. Até que na tarde do meu aniversário minha velha me deu uma sacola com um laço. Ela não me esperou abrir para dizer:

- Cuidado para não manchar.

Eu era tão idiota que calcei as botas na mesma hora e fui para a rua só para que todas me vissem. Uma garota procurou uma desculpa qualquer para brigar comigo e todo o resto ficou do lado dela. Não aguentei por muito tempo e tive que entrar em casa. Para sair de novo calçando as botinhas, porque tirá-las estava fora de cogitação, coleí no Walter. Fui até o seu quarto e esperei um tempão até que meu irmão resolveu sair. Naquele dia o Walter queria ir ao fliperama. O velho fez uma careta, como se sentisse cheiro de merda, e mandou "más companhias", mas o Walter nem ligou.

Então naquela tarde estávamos os dois obcecados. Eu com as botinhas novas e o Walter com a ideia de ir ao fliperama. E saímos.

Caminhamos rápido, olhando para frente e sem falar. O Walter disse para irmos pelos trilhos do trem, porque era mais direto. Eu não gostava nem um pouco de pular a cerca, mas a vantagem de andar pelo trilho do trem era que não se encontrava ninguém. Tentei pular, como meu irmão, mas não consegui. Então passei rastejando por debaixo do alambrando, sem notar que havia graxa na grama queimada e que ela grudou justamente nas minhas botas.

Esfreguei as botas, fechei os olhos e esfreguei novamente com mais força, mas a mancha não saía, ao contrário, a graxa se espalhava por toda parte que eu esfregava. Então abracei as pernas e comecei a chorar. O Walter tentou me consolar para que eu me levantasse de uma vez e deixasse de manha, mas só parei de chorar quando abri os olhos e vi que eles vinham pelos trilhos.

Não eram as roupas pretas ou as cabeças raspadas, mas a sua maneira de andar na nossa direção que me fazia sentir que aqueles quatro podiam nos reduzir a pó. Ale Skin era o único que carregava um bastão enorme. Meu irmão disse "é um taco de beisebol" e o medo me deixou sem ar. Em vez de correr para o fliperama, ficamos paralisados.

Quando eles estavam perto, Ale Skin ergueu o taco e disse:

– Quero jogar.

Os outros três riram. Falavam e riam na nossa cara, como se não estivéssemos lá. Um de seus amigos disse “vamos jogar com a cabeça dela”, e Ale Skin agitou o taco no ar como se fosse arrancar a minha cabeça. O Walter, rápido, se colocou na minha frente e o encarou. Os outros três riram enquanto eu quase me mijava de medo. Então, o sujeito baixou o taco, se aproximou do meu irmão e cuspiu na cara dele. Eles riram de novo. O Walter nem se mexeu. Quando meu coração estava explodindo de medo, os caras, não sei por quê, deram meia-volta e foram embora. O Walter limpou a cara com a manga do moletom e não dissemos nada.

Na visão ele estava todo de preto e careca, como daquela vez. Mas em vez do taco carregava uma faca na roupa. Com essa faca ele tinha acabado com a vida de Hernán, rapidamente, sem muita provocação. O cara sabia o que estava fazendo, mas eu não conseguia entender por quê.

Miseria tomou uns goles de Fernet e me passou o copo. Meu pulso estava tremendo. Odiei derramar o Fernet. Odiava as manchas. Odiava o álcool derramado no chão e lágrimas caindo no chão da minha casa por um amigo morto.

“Foi o Ale Skin”, pensei. As palavras queimavam em minha garganta, mas eu não queria dizer nada: algumas palavras também podem manchar. Bebi do copo que tinha nas mãos e que agora conseguia controlar. Ao ver

que meu irmão era o único de pé em todo o grupo, ergui o copo para ele e ele retribuiu o gesto.

Miseria olhou para mim, sorrindo. Com certeza pensou que o Fernet tinha batido, que eu estava bêbada. Depois disse que sua barriga estava doendo e apontou para o meio das costelas.

– Você comeu alguma coisa? – perguntei.

Primeiro ela deu de ombros, como se não fosse uma pergunta importante, e depois balançou a cabeça negativamente e riu. Mas o riso se desfez e ela colocou a mão na barriga de novo. Pedi o meu copo e tomou outro gole de Fernet. Miseria estava com fome e bebia Fernet. Eu gostaria de dizer a ela que iria preparar algo, mas nunca havia nada em casa.

Teríamos que sair e comprar alguma coisa para comer, pensei, mas não seria fácil levar toda aquela gente. Eu mesma estava com dificuldade de reagir.

Eu me levantei com esforço olhando para o Walter, que conversava com duas garotas e um garoto. Andei pensando em dizer a ele para comprarmos algumas pizzas ou um pouco de pão e presunto, mas quando cheguei perto me deu um branco e a única coisa que consegui dizer foi:

– A terra disse que o Ale Skin matou o Hernán.

Fez-se um silêncio sepulcral e de repente tudo explodiu. Os garotos e as garotas se levantaram furiosos e começaram a falar e a gritar ao mesmo tempo.

Ninguém se ouvia.

– O Ale Skin, que filho da puta – disse um.

– Filhos da puta. Sabe o que a gente vai fazer com eles?
– disse outro.

– Temos que vingar o Hernán – disse uma garota que eu não conhecia.

Falavam todos juntos, repetindo a mesma coisa sem parar, cada vez mais alterados. Meu irmão era o único que não falava. Andava de um lado para outro, nervoso.

Pensei que teria sido melhor ligar para Ezequiel. Ou, melhor ainda, nunca ter ido ao Rescate nem cruzar com Hernán. Desejei que eles fossem embora. Que me deixassem sozinha em minha casa. Minha cabeça doía muito.

Olhei em volta à procura de Miseria mas ela não estava. Encontrei-a na cozinha.

Estava apoiada na bancada. Comia batata frita com as mãos, o cone de papel parecia encharcado de gordura. O cheiro das batatas chegava na porta. Ao me ver, esticou o braço:

– Quer? Encontrei na geladeira.

Respondi que estava sem fome e ela continuou a comer, chupando o óleo dos dedos, como se estivesse pouco se fodendo de eu estar ali. Baixou a vista para fuçar o fundo do cone procurando as últimas batatas, sem parar de mastigar.

Nessa hora o Walter entrou, nos viu, não disse nada e saiu. Ele parecia não estar ali.

Miseria o observou sair, e então olhou para mim, engoliu e disse:

- Sua tonta, por que você não me contou?

Não sobrou uma alma em casa.

Embora o álcool, a tristeza e o cansaço pesassem, os garotos andavam com pressa.

Eu não. Eu só pensava nos últimos sonhos com Ana, o Walter no Tito el Panda e a lâmina daquela faca apontada para o meu irmão. Sabia que era a mesma que havia rasgado o corpo de Hernán e que ainda a veríamos. Outra vez pensei em ligar para Ezequiel. Pelo menos mandar uma mensagem para ele. Mas não. Eu teria que me explicar por horas.

Olhei para as outras garotas. Duas, grudados nos garotos, esforçavam-se para acompanhar o ritmo de seus passos enormes. Não havia mais ruas nem se ouvia o barulho da estrada. Começava-se a ver o canavial e, mais à frente, o terreno que sempre tinha me dado medo porque eu achava que havia gente escondida atrás das árvores e das plantas.

Estávamos saindo da terra que eu conhecia e entrando em outra. Uma terra da qual eu não gostava nem um pouco, porque sabia que se a experimentasse ela me mostraria coisas que eu não queria ver. Ela jogava essas coisas na minha cara. Como aquele ar que nos atingia e que tinha um cheiro tão diferente.

Os outros apertaram ainda mais o passo. Eu me apressei também. Miseria até parecia se divertir. Para ela era fácil correr. Continuava rindo, nem ficava sem ar. Será que ela se importava com Hernán? Isso me dava um pouco de raiva. E quanto a mim e a meu irmão, ela se importava com a gente?

Bem ou mal, Miseria estava nos acompanhando.

Ela me perguntou se faltava muito para chegar.

Respondi que faltava pouco e ela parou de sorrir.

- Você já veio alguma vez para estes lados? - perguntei. Ela arregalou bem os olhos e respondeu:

- Nem morta. Para fazer o quê? Minha velha me mata.

Já dava para ver a enorme placa no alto do galpão principal. Uma das laterais estava oxidada, mas ainda era possível ler: Depósito Panda.

Passamos por ela. Uma garota que ia na minha frente tropeçou e caiu. O mato estava alto. Nem se via o chão. Dois garotos a ajudaram a se levantar, enquanto ela segurava o tornozelo. Mancando um pouco, ela retomou o passo. Os demais não pararam. Miseria também não. Nós que ficamos para trás corremos ainda mais para encostar no grupo. Agora que estávamos perto, ninguém queria estar sozinho, separado dos outros, quando o Ale Skin pintasse.

Estava anoitecendo.

Havia um caminhão atravessado na entrada do estacionamento. A carroceria cheia de pilhas de

engradados de cerveja, como para uma festa. Os que iam na frente pararam para olhar o caminhão e nos esperar. Toquei uma garrafa, que estava quente. O chão embaixo do caminhão não era mais terra, e sim asfalto.

Nós nos alinhamos e andamos todos juntos até a entrada do galpão que estava iluminado.

Miseria e eu nos olhamos de rabo de olho.

Pela quantidade de álcool que tinham levado, o lugar ia ficar entupido. Mas ainda era cedo para uma noite de sábado. Eles ainda não tinham nem colocado as cervejas nas geladeiras.

Havia um cara enorme parado na porta.

- Qual é a boa? - disse meu irmão.

O cara nos olhou de cima a baixo.

- Vieram para a matinê?

Como viu que não dizíamos nada, mas tampouco íamos embora, ele nos estudou um pouco mais e depois, em silêncio, deslocou seu corpo imenso para o lado e nos deixou passar.

Era uma merda de galpão. Estava mais escuro dentro do que fora. Como a noite ainda não tinha começado, os que estavam bebendo desde cedo pareciam fantasmas.

O teto era tão alto que dava a sensação de sermos menores ainda, mas tentei não demonstrar medo. Estava tocando uma música que eu nunca ouvira antes. As paredes tinham sido brancas um dia, mas agora eram de um cinza encardido e as luzes, sufocadas pela fumaça dos cigarros, eram fracas. A fumaça me surpreendeu. Não me lembrava disso no meu sonho.

De todos nós, o único que andava sem se encolher era o Walter. Nós nos separamos em grupos de dois e de três. Miséria começou a andar na direção de uma área com mesas e eu me coloquei ao lado dela. Não me atrevia a dar as costas a ninguém. Eu procurava algum rosto conhecido, mas não, eram todos fantasmas. Os outros, de vez em quando, me devolviam o olhar.

Miséria tinha um sorriso fixo, como se quisesse demonstrar que está tudo bem, mas não era o sorriso de antes. Ela também estava à procura, como eu, e como todos os outros. Eu estava esperando surgir o primeiro sinal do que a terra tinha me mostrado. A partir desse momento, não haveria volta, tudo desabaria sobre nós até a hora da faca.

Nas mesas, entre garrafas e copos, havia cartas, cores, diamantes, corações. As únicas mulheres do lugar eram Miseria, eu e as outras garotas que tinham vindo com a gente. O resto eram todos homens, que não paravam de nos olhar.

Chegamos perto de uma mesa. Os caras que estavam jogando se apressaram em nos dar lugar. Eu não entendi o que eles estavam jogando, mas o cheiro que subia da mesa, do corpo dos homens e dos copos e dos cinzeiros cheios de guimbas me fez lembrar do cheiro que eu às vezes sentia na roupa do meu velho, em seu cabelo e na pele. Um sujeito me entregou um copo pesado. Sua mão quente me tocou antes do vidro. Tomei um gole para experimentar, não identifiquei o que era mas gostei, e então tomei um gole maior e devolvi o copo para ele.

Vi que meu irmão estava indo para um balcão comprido que ficava em uma das laterais do galpão, depois das mesas. Era seguido por dois dos nossos. Caminhava com uma segurança que me chamou a atenção. Ele se apoiou no balcão, pediu alguma coisa, pegou a garrafa de cerveja que lhe entregaram e pagou. Então se virou e bebeu direto do gargalo. Nunca o tinha visto beber desse jeito quando saíamos. Isso me incomodou. Não havia mais ninguém fazendo isso naquele lugar. Ele bebeu mais uma vez e até os caras que estavam jogando nas mesas começaram a olhar para ele de cara feia.

Fui até ele e disse:

– Para com isso, Walter.

Mas, como se não tivesse me ouvido, meu irmão passou a garrafa para o garoto ao lado, que bebeu sem limpar o gargalo. Os dois riram alto, e começaram a se agitar.

Agora todos estavam olhando para meu irmão e os dois garotos, que riam e passavam as cervejas de mão em mão, até que uma hora o Walter tomou um gole enorme, se engasgou e começou a tossir. Ele tentava continuar bebendo mas a tosse o interrompia. Um pouco da espuma da garrafa caiu no chão e, ao ver isso, meu irmão, que continuava tossindo, largou a cerveja, que se espatifou no chão, e ele se dobrou e começou a vomitar. Atrás de mim, uma voz afiada, de desprezo, a mesma voz que eu ouvira na tarde das botinhas manchadas, a voz de Ale Skin, disse:

– Olha só o que esses negros de merda estão fazendo.

Acontece que eu não tinha reconhecido a mão do Walter no meu sonho. Ele se virou para o Ale Skin e no mesmo segundo sacou uma lâmina, como se estivesse esperando por aquilo há tempos. O efeito da cerveja tinha desaparecido. O Walter, novo em folha, deu um golpe que quase pegou no outro.

E o Ale Skin puxou sua faca do bolso de trás da calça e o enfrentou.

Os outros carecas também estavam lá.

Miseria estava aos empurrões com outro cara que eu nem vi de onde tinha saído. Ela pegou uma garrafa, eu a perdi de vista por um segundo e um instante depois a garrafa estava quebrada e o sujeito no chão.

Ale Skin tirou a jaqueta com os olhos grudados no meu irmão. Esperava que ele tentasse cortá-lo com a lâmina de novo. E o Walter também esperava o movimento da faca em sua mão esquerda: havia algo de animal em seu rosto. Ale Skin atacou e meu irmão recuou, mas o outro insistiu, rápido, com a mão que estava na jaqueta. Então o Walter se lançou outra vez com a lâmina, que Ale Skin jogou para longe com a jaqueta ao mesmo tempo em que chutou sua perna. O Walter caiu ferido. Ele se defendia com os antebraços para manter a faca longe do corpo. Até que conseguiu chutá-la e a faca do Ale

também caiu longe. Meu irmão aproveitou e meteu um soco na cara do Ale Skin, conseguindo derrubá-lo. O jogo tinha virado de novo, e agora meu irmão enfiava a porrada nele no chão.

O segurança da entrada veio correndo, se aproximou do Walter por trás, sem que ele o visse, o levantou pelas costas e o imobilizou. Ale se levantou num segundo. Sabendo que ele não conseguiria escapar daqueles dois, procurei os outros, para ver se alguém podia ajudá-lo, mas todos estavam brigando com alguém. Ninguém estava livre.

Agora era o Ale Skin que estava batendo no meu irmão. O Walter recebia uma porrada atrás da outra. Não conseguia se mexer e eu não queria mais olhar. Vi a faca do Ale Skin jogada no chão. Não estava longe e eu precisava pegá-la de qualquer jeito. Tentei me aproximar, mas tomei um chute forte e caí no chão. Não consegui mais me mexer.

- Dá nela - ouvi alguém dizer.

Levantei a cabeça e consegui ver quem tinha me chutado. Miseria e a outra garota correram para encará-lo. O sujeito recuou e caiu em cima de mim.

Bem na minha frente, vi uma mão pegar a faca, roçando em mim. Eu conhecia aquela mão, aquele braço, que agarrou o cara que estava em cima de mim, o levantou como se fosse um saco de lixo e em seguida lhe

deu uma porrada que o deixou temporariamente fora de combate.

Era o meu velho.

Quando me dei conta disso, fiquei sem ar.

Meu velho escondeu a faca e se esgueirou até onde o Walter estava brigando. Ele se esquivou do Ale Skin e o obrigou a parar os golpes e recuar. Surpreso, o segurança que tinha imobilizado o meu irmão relaxou o suficiente para ele pudesse escapar.

- Vaza, seu velho de merda - disse o Ale Skin.

E meu velho, com a velocidade de quem sabe se mover nas sombras, sacou a faca e a enterrou na carne dele.

Eu estava chocada.

Era como se o cinza das paredes tivesse nos contagiado com alguma coisa.

Lá dentro estava uma confusão e nós caminhamos para a saída. Nenhum de nós saiu ileso, mas ninguém apanhou muito também. Alguém me empurrava, me levava, senti um braço na minha cintura. Era o velho. Não precisava vê-lo para saber que era ele. Ouvia os insultos como se um cachorro estivesse latindo para nós.

- Isso não vai ficar assim, filhos da puta! - gritavam os carecas que tinham ficado para trás.

Suas vozes queriam nos atingir. Mas eles não se aproximavam. Ficaram com o Ale Skin.

Não sei como, mas eu sabia que o Ale Skin não iria sair dessa. Não importava o que fizessem, Ale Skin estava tão morto quanto Hernán.

Eu não conseguia nem falar. O Walter continuava gritando e eu só queria que ele calasse a boca. Que todos se calassem. Que fossem embora e nos deixassem sozinhos, meu irmão e eu, como sempre.

Uma hora meu velho me soltou e ficou parado.

- A gente ainda vai se ver - disse o Walter para ele.

Meu velho não respondeu, mas havia alívio em seus olhos.

Duas vezes eu o vi matar.

TERCEIRA PARTE

- Cometerra, o lugar onde você aprendeu a comer terra não existe mais. Vai tudo desabar - disse a professora Ana em meu sonho.

Olhei em volta. Não sabia onde estávamos. Não era o bairro, nem o depósito.

- Que lugar é este?

- Eu te falei para vocês não irem lá, que era proibido - acrescentou Ana. - Olha para mim. Eles virão atrás de vocês. Você quer continuar vendo?

- Não.

- E eu? E todas as coisas que você me prometeu?

- Eu não quero mais, Ana.

- Mas você pode encontrá-los. Fazer com que sejam presos, por mim. Se eles continuarem livres, vão continuar a matar, entende?

Sua voz era tão horrível que eu acordei.

– E se a gente se mandar, Walter?

Não sei se ele estava dormindo, mas quando meu irmão me ouviu ele se virou e cobriu a cabeça com o travesseiro. Eu gostei de vê-lo dormir naquela cama. Por alguns minutos foi como se nada tivesse acontecido.

Esperei. Eu mal ouvia sua respiração.

Quando eu estava de saída, ele disse:

– Põe a chaleira no fogo.

Liguei o fogo, enchi a chaleira, coloquei-a na boca e fiquei admirando a chama. Meu irmão entrou, abriu a geladeira e pegou uma garrafa de água. Serviu-se um copo e ficou parado ao meu lado, encostado na parede. Enquanto bebia, ele também ficou olhando a chama.

– Lembra quando você esqueceu a chaleira do velho e ela ficou toda preta? Ele queria te matar.

Continuei olhando a chaleira até tudo escurecer na minha mente.

Não pensei que seria tão triste ir embora.

Mas, em vez de responder, perguntei:

– E o que fazemos com as garrafas?

O Walter bebeu mais água e disse:

– As garrafas ficam.

Continuamos olhando para o fogo, em silêncio. Achei que a chaleira estava ficando quente demais, mas não

me movi. O Walter apagou o fogo, meteu a chaleira debaixo da torneira e deixou o jato de água fria cair sobre ela. Enquanto isso, peguei o mate e o pacote de erva que estava pela metade.

Nós nos sentamos na salinha.

Pouco depois, sem bater, Miséria empurrou a porta e entrou.

Viu o mate e se sentou com a gente. Estava com um sorriso diferente.

- Vou vender a moto e teremos alguma grana. As ferramentas eu vou levar, podem ser úteis - disse meu irmão, como se nós dois ainda estivéssemos sozinhos.

- Eu quero parar com a terra - disse e o Walter não me respondeu.

Miseria arregalou seus enormes olhos para mim.

Passei o mate para meu irmão, que cevou e o passou para ela. Seus dedos se tocaram.

- E para onde a gente vai? - disse.

Não sei por quê, quis que eles soltassem as mãos.

- Vou com vocês - me interrompeu Miséria.

- Você está louca, pirralha. Não quero terminar na cadeia - disse o Walter, colocando o mate com força na mesa, como se aquele gesto fosse encerrar o assunto.

Miseria não se assustou. Pelo contrário, pareceu tomar coragem:

- Eu digo para a minha mãe que consegui um trabalho e vou também.

Walter e eu nos entreolhamos.

– E que tipo de trabalho você pode fazer? – disse ele.

– Não faço ideia, mas se eu disser isso, te garanto que ela me deixa ir.

Eu não falei nada, mas pensei que Miseria era apenas um pouco mais velha do que eu era quando mataram minha velha. E que eu gostava da ideia de ela vir com a gente.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Até que Miseria disse:

– O mate a gente vai levar – e riu.

E eu percebi que o Walter a adorava.

Ele se levantou e se aproximou da minha cadeira.

Me deu um beijo na testa e disse:

– Vamos, maninha.

O Walter saiu com Miséria. Acho que foi até a casa dela. Eu não os vi sair.

Eu me deitei um pouco na minha cama. Estava cansada mas a adrenalina não me deixava dormir. A pior combinação. Nem meu coração se acalmava. Fechei os olhos.

“E Ezequiel?”, me perguntei.

“Ezequiel fica.”

Não tinha ninguém com quem conversar sobre isso, então perguntava a mim mesma e respondia a mim mesma.

“E Ezequiel?”.

“Ezequiel fica”.

Abri os olhos. Procurei um espelho na gaveta. Era da minha mãe. Lembrei de todas as vezes em que a vi se olhando naquele espelho e tentei encontrar algo dela ali, qualquer coisa da mamãe que pudesse me ajudar agora.

Vi minha boca se mover:

“Ezequiel fica.”

Peguei a manta e me cobri até à cabeça. Fechei os olhos e comecei a chorar.

Quando pedi a Ezequiel para nos encontrarmos, ele ficou contente.

No espelho do banheiro, procurei alguma mudança em meu rosto, mas ou não havia nada ou fui incapaz de encontrar. Eram os olhos de sempre.

Escovei os dentes. Passei rímel. Coloquei a mochila nas costas. Procurei as chaves, saí e fechei a porta. Quando ia colocar a chave na fechadura, me detive. “Para que tanta chave se já estamos indo?”, pensei. Deixei a porta aberta. Joguei as chaves dentro da mochila e fui andando até a delegacia.

Quando cheguei, ele estava me esperando na porta. Dei um beijo rápido nele. Ezequiel não tinha ficado chateado por eu não ter ligado. Perguntou se eu queria ir para a casa dele e eu disse que não, que preferia dar uma volta de carro.

- Aonde?

- Sei lá. Preciso conversar - respondi, mas assim que entramos no carro fiquei calada.

Ele falou que queria comprar algo para beber e eu assenti. Paramos no armazém de uma velha. Ezequiel me disse para escolher o que eu quisesse, e eu abri a geladeira e peguei duas cervejas. A única coisa que

importava era que estivessem geladas. Eu as mostrei para a velha e pedi um pacote de amendoim.

- Vendo a granel.

Disse a ela que queria cem gramas.

Ezequiel não queria cerveja e pediu à velha três garrafas de sei lá o quê, pagou e saímos.

Ficamos em pé na calçada bebendo durante um tempo. Até que Ezequiel me disse:

- Vamos nessa.

Entramos no carro.

A cerveja estava pela metade e eu a apoiei entre meus pés. Comi um punhado de amendoins para que meu estômago não doesse.

- Você vai me contar o que está acontecendo? - disse ele.

- Nós vamos embora - respondi, como se isso fosse suficiente. Ezequiel ficou calado, dirigindo. Esperava que eu dissesse algo mais.

- Nós vamos embora, Ezequiel, vamos sair de casa.

- Por quê?

- Porque não aguento mais as pessoas e a terra.

Parecia que ele não tinha me ouvido porque continuou dirigindo como se nada tivesse acontecido, até que desacelerou e entrou numa rua escura em que não havia ninguém.

- Não quero mais mortos - eu disse.

Ezequiel encostou o carro no meio-fio e parou ao lado de uma árvore. Continuou segurando o volante. Eu olhava para fora. Tomei vários goles de cerveja.

- Para longe? - perguntou Ezequiel.

- Não faço a menor ideia.

Terminei a cerveja, abri a porta, desci e joguei a garrafa fora. Eu estava tentando imaginar como Ezequiel e eu poderíamos continuar juntos e tudo me parecia sem sentido. Falar pelo celular, trocar mensagens. Não havia nada que eu pudesse dizer, nada que tranquilizasse a mim ou a ele.

Entrei no carro, me sentei, olhei para ele.

- A gente vai dar um jeito.

Olhei para baixo. Ezequiel não respondeu, bebeu e eu espiei a segunda cerveja.

- Você me leva ao cemitério?

- Cemitério?

Eu confirmei, mas disse que antes deveríamos ir a outro armazém. Íamos precisar de muito mais bebida.

Nós estávamos indo. Éramos três, três mochilas, três celulares. Minha mochila e a do Walter quase explodindo. A da Miséria mais magra que ela, como se carregasse apenas um par de leggings.

Caminhávamos pelo acostamento da rodovia. A escuridão foi interrompida pelos faróis de um caminhão que vinha na nossa direção. Em seguida, outro passou, e mais outro. Sempre havia caminhões na estrada. As luzes eram tão fortes que às vezes nos cegavam.

Eu poderia ter pedido a Ezequiel para nos levar a qualquer lugar, mas não quis. No dia anterior eu quase vomitei em seu carro. Além do mais, teria sido muito mais difícil para mim partir.

Continuei andando, mas apertando meu celular, como se Ezequiel, a partir de agora, estivesse guardado ali.

Atravessamos uma avenida. Nos dias de chuva aquele lugar ficava tão alagado que parecia um rio. Quando eu era criança, nunca queria andar por ali. Achava que os bueiros iam me engolir. Eu lembrei disso e ri.

A maioria das casas estavam apagadas. O comércio, fechado para sempre. Um gato espiou por um vidro quebrado e nos olhou como se cagasse para nós.

As luzes vinham dos caminhões e iam embora com eles. Quase não havia outras.

Pensei no que o Walter tinha dito: “Quando formos embora, vamos pegar algum transporte, um ônibus, um trem, qualquer coisa”.

Passamos por um posto de gasolina. Era enorme e eu não me lembrava se algum dia o tinha visto funcionando ou se sempre estivera assim, coberto com tapumes que não deixavam o lado de dentro à mostra. Nunca uma luz. Nas vezes que eu passava por ali, ficava lendo o que estava escrito nos tapumes. Sabia quase todas as pichações de cor. O coração onde estava escrito: “Yani e Lara 4ever”. Embaixo: “Lucas, seu tempo acabou”. Em spray preto: “Viva os Pibes del Portón”. Mais adiante um estêncil que também estava espelhado por todo o bairro: “Melina dança no meu coração lésbico”. E escrito em letras enormes, de fora a fora: “Se liga: Podestá é sua terra”.

Eu me detive. Dei alguns passos para trás para poder ver o conjunto de longe: “Podestá é sua terra”.

Antes do Walter vender sua moto, Miseria pediu que ele a ensinasse dirigir. O Walter disse não e Miseria respondeu:

– Não estou dizendo para me ensinar agora. Lá fora, quando você comprar outra.

“Lá fora...”, como se estivéssemos indo à China. Miseria e o Walter estavam quase um quarteirão à minha frente.

Sozinha, parada diante do posto de gasolina, tirei os tênis e pressionei os pés na terra. Pisei forte enquanto lia as pichações algumas vezes. Eu tinha que ir.

Eu me agachei e toquei. A terra estava fria mas eu gostava: era terra, não lixo ou poeira. Terra daqui. Peguei um punhado, apertei na mão. Será que a terra sabia que eu estive lá?

Eu me endireitei e guardei a terra no bolso.

Então calcei os tênis outra vez e me apressei para alcançar o Walter e a Miseria.

Estávamos do lado de fora, esperando na beira da rodovia.

Por lá passavam vários ônibus e ainda não era tão tarde.

– O primeiro que passar – disse meu irmão e nós duas concordamos.

Vimos as luzes de um ao longe.

– Fazemos sinal? – perguntei.

Miseria sorriu. Fez um “sei lá” com os ombros, mas quando o ônibus se aproximou ela ergueu o braço.

O ônibus parou. Subimos e estava quase vazio. Havia um velho dormindo num dos bancos e, perto da porta, um casal aos beijos. Nos fundos não havia ninguém. Peguei três passagens mesmo sem saber para onde estávamos indo.

O Walter e Miséria se sentaram atrás, colados à porta da saída.

– Preciso ficar na janela – falei para a Miséria.

Ela olhou para mim e pensei que fosse fazer uma piada, mas ao ver que eu estava séria, ela se levantou e se sentou do outro lado.

Nós estávamos indo.

Eu encostada na janela, o Walter ao meu lado e Miséria esparramada no banco, com a cabeça apoiada no ombro

do meu irmão.

O ônibus dobrou na esquina e pude ver o que ia ficando para trás. Não havia uma alma, mas para onde íamos tudo parecia mais escuro.

Pensei que estava sozinha e entrando em um lugar novo. A noite o ocultava um pouco e algumas luzes o mostrava aos poucos. Procurei a terra no bolso, era pouca. O ônibus sacudia, andávamos por ruas esburacadas. Coloquei a terra na boca, não tinha nada para empurrá-la, mas tudo bem. Queria senti-la.

Eu me apoiei na janela, fechei os olhos e ouvi uma voz que me deu sono:

- Cometera, o lugar onde você aprendeu a ler a terra não existe mais.

Na minha cabeça começou a se desenhar um lugar conhecido. Como se uma vela tivesse sido acesa, meus olhos se acostumaram a ver. Estávamos o Walter, Miséria e eu sentados no sofá da salinha. Parecíamos cansados. Tristes. Éramos mais velhos do que agora. Havia um garotinho correndo por toda parte e eu tentava acompanhá-lo com os olhos. Ele tropeçou. Uma parede fechava a entrada do quarto do meu irmão. O garoto apoiou a mão nos tijolos nus. Os tijolos e o garoto eram tão novos quanto estranhos para mim. O Walter o chamou e o garotinho correu em sua direção e pulou em cima dele.

Havia garrafas, muitas, na salinha.

- Cometerra, o lugar onde você aprendeu a ler a terra não existe mais - disse a voz outra vez e eu me irritei.

O celular tocou. Tentei atender e não consegui. Não via os botões e nem conseguia ler nada. Pensei que devia ser Ezequiel, e me desesperei.

- Estão te esperando - disse a professora Ana furiosa. - Você tem trabalho a fazer, apesar da casa ter desabado e só restar a salinha. Estão levando mais um para a terra.

Abri os olhos.

Pensei no dia anterior, quando Ezequiel me acompanhou ao túmulo da mamãe. Pensei no túmulo ao lado, nas palavras que li na lápide. Havia um monte de coisas escritas. A da mamãe tinha apenas um nome e duas datas.

Não sei quem colocou a lápide da mamãe. Não havia sido nem o Walter nem eu.

Lápides, como se alguém pudesse mandar uma carta para seus mortos.

Ana nunca teve uma.

Mamãe, apenas seu nome e duas datas.

Olhei para o lado. Meu irmão abraçava Miséria pelos ombros e os dois dormiam.

Queria muito tomar uma cerveja. Respirei fundo, ainda sentia a terra na boca, mas não fechei os olhos de novo. Encarei a noite pela janela do ônibus. Soltei o ar lentamente enquanto pensava, outra vez, no túmulo da

minha velha, no do lado, em Ezequiel e eu enchendo a cara como se o mundo fosse acabar.

“Ezequiel”, disse, e pensei que eu também queria, lá fora, um nome para mim.

AGRADECIMENTOS

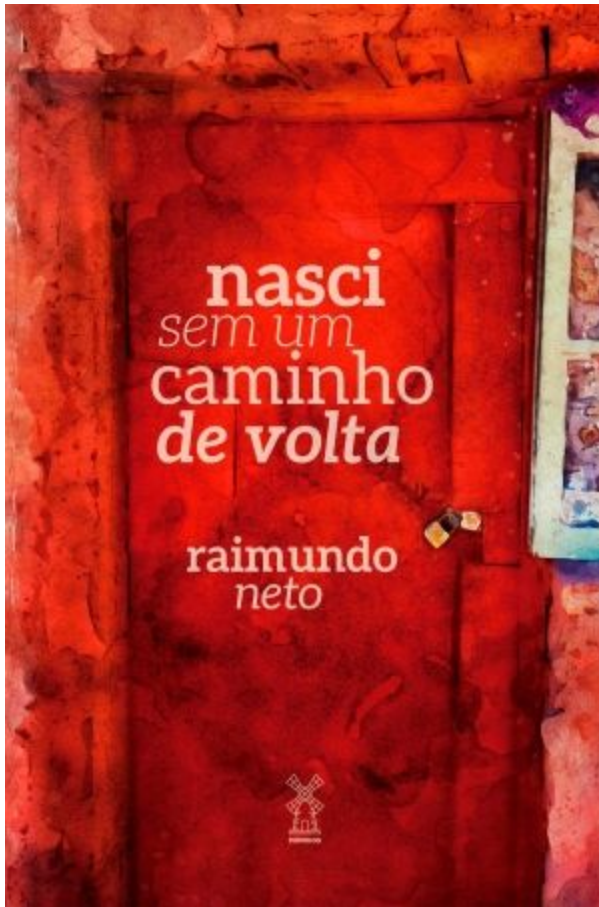
Agradeço a Selva Almada e a Julián López, que sabem ser mestrxs.

A Marcelo Carnero e a Victoria Schcolnik, que me brindaram com Enjambre e sua própria presença como primeiro espaço de escrita. A todxs companheirxs de oficina e clínica, que foram meus primeiros leitores.

A Vera Giaconi, que me ajudou a enxergar além, e a escrevê-lo.

Agradeço a meus filhxs, Ashanti, Ezequiel, Reina, Eva, Valentín, Ariadna e Benja por todo este tempo.

Era janeiro de 2022.
No Brasil, o ano iniciava, infelizmente, com
diversos casos de preconceito racial.



Nasci sem um caminho de volta

Neto, Raimundo

9786556810836

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nasci sem um caminho de volta é a jornada de um filho para se libertar da casa/útero da mãe. Mas também é a história íntima de um menino sobre sua homossexualidade demonizada, do corpo/casa como espaço de pertencimento, resistência e perdição, da violência soturna das relações familiares. Numa casa dominada pela presença feminina, construída para servir aos homens distantes e brutos, nasce o anti-herói, personagem e narrador do romance, para existir como um corpo estranho no corpo da casa. Em seu romance de estreia, Raimundo Neto não pede licença para tocar com mãos ásperas a pele do leitor. Sua prosa lírica, sensorial, vigorosa e simbólica é fruto de labor com a linguagem. Não há uma só palavra que não seja sentida e experimentada. Cada frase contém um mundo submerso nas entrelinhas. Este é um romance que pode ser lido em voz alta, tanto pelo apuro rítmico e melódico de sua escrita quanto pelo o que nele existe de corpos e gritos reprimidos. A casa é personagem fundamental e nela há secura e umidade, dor e gozo, chão e teto, território vasto e devastado. Há uma ruína que paira sobre o livro e que é a sua força poética: a casa é o corpo de tudo e de todos. Sintoma, doença e cura. Raimundo Neto chega ao romance

em grande estilo. Um livro que não termina tão cedo dentro da gente. Marcelo Maluf

[Compre agora e leia](#)



Reinvenções da modernidade

Fontes Ferraz, Bruna

9786599059063

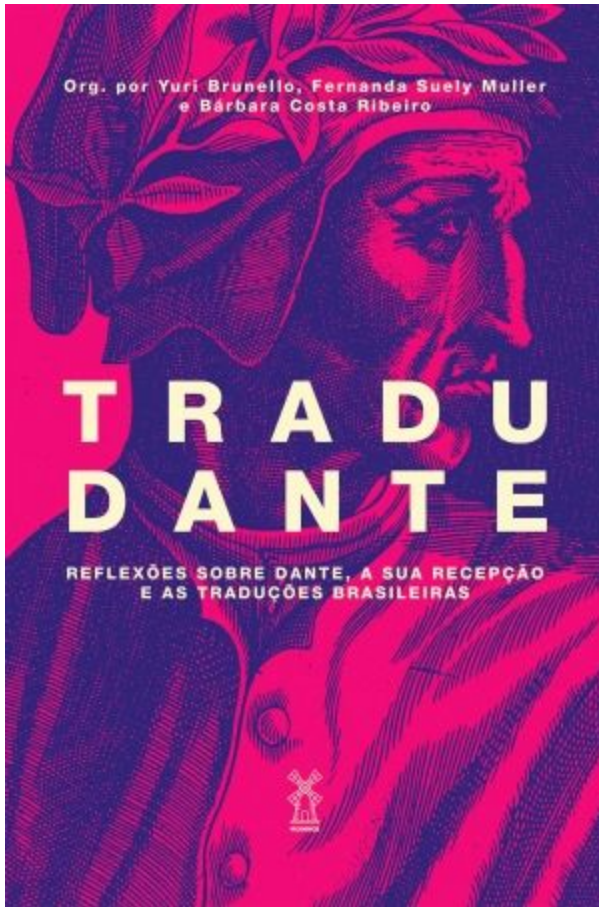
204 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Este livro, intitulado Reinvenções da modernidade: arte e literatura no Brasil, é fruto de dez anos de existência do Núcleo de Estudos ATLAS: Análises Transdisciplinares em Literatura, Arte e Sociedade. O Núcleo foi registrado no CNPq em 2013, mas já realizava encontros com discussões sobre literatura e outras áreas do conhecimento desde 2010. Para participar do livro, foram convidados todos os professores que realizaram palestras nas quatro versões das jornadas. Pedimos aos autores que participaram dos três primeiros eventos que nos enviassem algum ensaio relativo a estudos contemporâneos sobre o legado do modernismo, texto apresentado na jornada ou não. Os ensaios apresentados na quarta jornada já foram todos escritos dentro da proposta do livro. Compõe também o livro o ensaio de Fabíola Guimarães Mourthé, professora do CEFET e pesquisadora do ATLAS. Ela não fez palestra em edições da jornada, mas em encontro do Núcleo ATLAS. São abordadas, no livro, temáticas como correspondência, arquivo, música, espaço comum, política, sexualidade, antropofagia, perspectivismo, zoopoética, imagens acéfalas, filiação e abandono literários, tudo envolvido pelo olhar crítico do campo artístico-

literário. O livro traz ricas reflexões e abre caminhos em relação às efemérides relativas ao Centenário da Semana de Arte Moderna que ocorrerá em 2022. Estão reunidos, no trabalho, importantes pesquisadores de diversas instituições de ensino do país. O conjunto dos textos aqui presentes, inclusive pelos diálogos que estabelecem entre si, revelam novos olhares em relação ao projeto artístico-literário moderno brasileiro." Trecho da apresentação do livro

[Compre agora e leia](#)



TraduDante

Brunello, Yuri

9786556810218

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro TraduDante reúne uma série de ensaios apresentados no I Colóquio sobre Dante e a sua

Tradução, realizado em junho de 2016, na Universidade Federal do Ceará, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET), contando ainda com o fomento da CAPES. Os textos de então tomam agora a forma de ensaios e, inseridos neste livro, propõem uma abordagem do signo dantesco como uma reflexão sobre a própria linguagem, sobre o ato da escrita, e os seus desmembramentos tradutórios, sociais, políticos e filosóficos.

[Compre agora e leia](#)



Kramp

Ferrada, María José

9786556810034

88 páginas

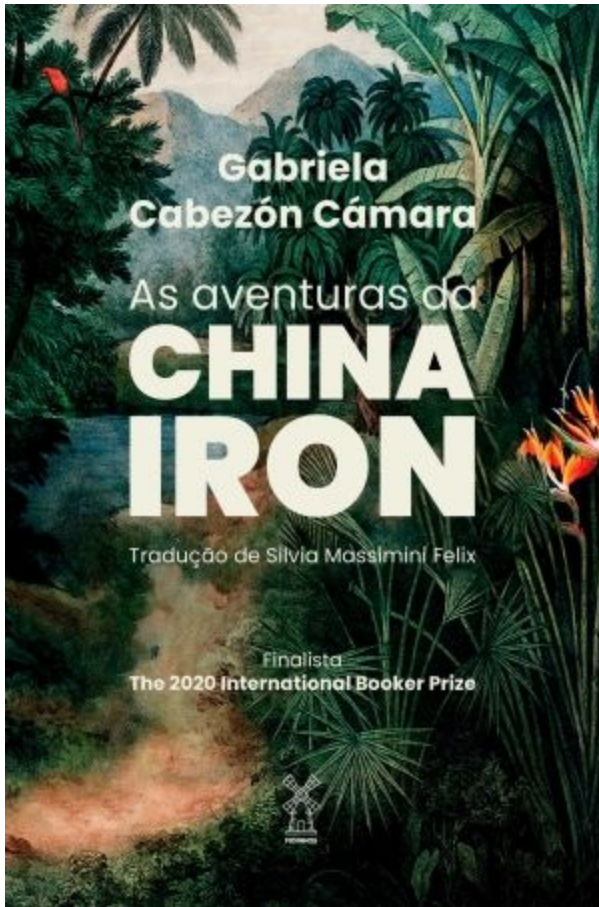
[Compre agora e leia](#)

Unidos por um catálogo de produtos de serralheria da marca Kramp e viagens num Renault velho por

estradas, povoados e cidades, uma filha cresce ao lado de seu pai, caixeiro-viajante, a aprender ensinamentos sobre o mundo e vida. Da infância à adolescência, M narra seus aprendizados e o correr dos anos, até o evento que marca uma ruptura na família, acionando o dispositivo dos sintomas parentais e outras rupturas e mais questionamentos sobre o universo e as peças que não se encaixam, as dores desparafusadas que se acumulam, e o revelar das engrenagens discretas do afeto rangendo no crescer da sua maturidade. Nas viagens com o pai, D, e o consequente reacender da vida da mãe em casa, após um assombrar violento do passado, M percebe, ainda adolescente, que os mecanismos das Coisas no Mundo avançam com giros imprecisos, impossíveis para cálculos e categorias, e começa assim a aceitar perguntas inclassificáveis no maquinário das perdas e do tempo, em revelações de que infortúnios tidos improváveis podem transformar construções familiares sólidas em "um monte de palitos". Ao voltar do livro, um dos caminhos mais difíceis e também confortáveis da viagem, vivenciamos com M o despertar para as precariedades de uma família a sofrer o desvanecimento de suas relações, e entendemos

um dos mecanismos da existência ("um único parafuso pode precipitar o fim do mundo") e que muito do que resta nesse sistema de sobrevivência até o futuro é estranho, mas também revelador.
Raimundo Nonato, escritor e psicólogo

[Compre agora e leia](#)



As aventuras da China Iron

Cámara, Gabriela Cabezón

9786556810799

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Foi o brilho", assim começa As aventuras da China Iron. A história conta o renascer de Iron, mulher

mestiça que escapa do marido acompanhada da cadela Estreya. Elas encontram Liz, uma inglesa com quem cruzarão a pampa argentina rumo ao delta do rio Paraná. Tudo nesta narrativa é intensificado sob a luz pampeana: cores, saberes-sabores, o amor lésbio, a linguagem prismática e a comunicação interespécies. A paródia do Martín Fierro, livro fundador da literatura argentina, alcança aqui seu princípio modernizador: uma relação dialética faz do modelo um antimodelo ao criar sentidos textuais novos e muito além da imitação. É algo único o estilo de Gabriela Cabezón Cámara. Mas acaba por filiá-la a uma particularíssima família de refundadores do espanhol rio-platense: Una excursión a los indios Ranqueles, de Mansilla; Zama, de Antonio di Benedetto; Gualeguay, de Juan L. Ortiz; Eisejuaz, de Sara Gallardo; El entenado, de Saer. Poucas vezes um livro inadiável recebeu de seus contemporâneos o reconhecimento imediato por parte de críticos e público. As aventuras da China Iron é um desses casos excepcionais. Causou furor na Argentina entre 2017, 2018 e 2019. Em 2020 esteve entre os finalistas do International Booker Prize. Por sorte, podemos recebê-lo agora no Brasil, não muito distante do ano de seu

lançamento original. E se no princípio "foi o brilho" caberá dizer que o primeiro do resplendor nem sempre é a cegueira. As aventuras da China Iron é um livro luminoso nas mãos de quem o percorre. Uma aventura inesquecível, escrita em ritmo cinematográfico que nos leva a reter imagens na memória. Davis Diniz São Paulo, maio de 2021

[Compre agora e leia](#)